

A 467316



PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Library*  
1917

VERITAS SCIENTIA VERITAS



THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

115 2/27









# EXCAVAÇÕES POETICAS

POR

*Antonia Feliciiana de Castilho.*



LISBOA.

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua do Abarracamento de Peniche N.º 43.

1844.





645458-176

# OBRAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

---

TOMO I.

---

3462



# EXCAVAÇÕES POÉTICAS

POR

**ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,**

CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MERITO ; BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA ; NA ARCADIA DE ROMA **MEMNIDE EGINENSE**, MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA , DO CONSERVATORIO REAL E DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DA MESMA CIDADE, DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS E BELLAS-LETRAS DE ROÃO, DA SOCIEDADE DE LEITURA DE GIBRALTAR, DA DAS SCIENCIAS E ARTES DOS ARDENTES DE VITERBO, DA SOCIEDADE LITTERARIA DO PORTO, DA SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA DE LISBOA E DE OUTRAS CORPORACÕES LITTERARIAS.



**L I S B O A**

Typographia Lusitana, rua do Abarracamento de Peniche, 43.

**1844.**

869.8

C353-24

AO

**INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL,**

**EM PENHOR**

DE

**ADMIRAÇÃO, RESPEITO E AGRADECIMENTO,**

**OFFEREECE**

**O SEU SOCIO**

*Antonio Feliciano de Castilho.*





---

## PROLOGO.

---



AREI rasão do que seja e do porque sahe a lume a presente obra. O titulo, que leva, já terá dado a intender — que não passa de um museo de fragmentos desconnexos; e isso é; — não aspira, nem póde aspirar a mais. São fragmentos do meo passado, que para mim mesmo jaziam como que perdidos: sobre elles pesava um grande montão de ruinas; e sobre as ruinas já o tempo, que as-fizera, tinha, como é seo costume, semeado e edificado novas cousas: — é essa a historia de todas as existencias. D'entre os affectos e idéas do meo preterito ser, a maior parte se-hão resolvido n'aquelle confuso e mentiroso nevoeiro, que faz noite no profundo de todas as almas, e a que chamam — saudade —; refugio para onde o coração se-nos-some a suspirar, quando crueldades do presente o-maltractaram. Outros affectos e idéas porém tinham-se corporalisado, porque se-tinham escripto; e como taes permaneciam sem vida, sim, sem as suas primitivas relações, mas tão claros e distinctos, que a mim, pelo menos, que revendo-os podia recompôr os dias a que pertenceram e tornar phantasticamente a viver-os se-me-aprouvesse, me-interessava muito. Todas estas páginas dispersas e cujas mais proximas dis-

tam ás vezes entre si muitos dias e muitos mezes, estão-me sendo n'esta hora, em que as-acabo de percorrer, e ordenar como quer que seja, o mesmo que, para o viajante, o herbario, onde cãda flôrinha e cada folha sêcca, que pouco dirá aos outros, lhe-diz a elle a odyssêa completa das suas perigrinações.

No pôr ao de cima da terra, e aos olhos de todos estes fragmentos, que nem ja em grande parte poderão harmonisar nem acertar-se com os meos affectos, idéas e interesses de hoje, não foi vanglória a que me-obrigou; melhor do que ninguem conheço eu o pouquissimo que isto val: não foi tambem só desejo de obedecer a súplicas de pessoas, que, de véras, me-amam, e que se-diziam despojadas por minha mão, se eu deixasse perecer estas reliquias: — foi principalmente o gôsto de legar a meos filhos o mais que eu podesse de mim mesmo. Sei eu que algum dia, lá para o diante, quando ja comigo não poderão conversar — triste mas deleitoso lhes-hade ser o interterem-se ainda com o meo espirito, — evocarem com a magia dos meos versos, irresistivel quando por elles recitados, o ser de quem o seo se-derivou, e que muitas vezes pelo amor d'elles e pela sua saudade nos sonhos e nas meditações lhes-hade apparecer. Por este meio, eu não só resurgirei nos seos animos — appareição sempre de bom conselho para filhos em qualquer lance, — senão que por estes vestigios, que deixo

impressos da minha passagem, poderão ir ainda acompanhar-me em alguma das penas, em alguns dos prazeres dos meos dias de mocidade.

Mais valiosos presentes de instrução, colhida na experiencia, lhes-destino eu para regalo; mas, entre as ligeiras d'estas mesmas bagatellas, aprenderão — que a religião e culto da poesia nos-infunde alguns sentimentos rectos e generosos; nos-desafoga nos males, que não podemos curar; nos-povoa a solidão; e nos-converte o ócio em occupaões, vantajosas para nós, e não talvez inuteis para os outros; porque n'isto é a poesia, como aquelle imperador romano, que da pestilente lagôa pontina fez campos de saude e de abundancia,

.....sterilis. .... diu palus aptaque remis  
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum.

Para documento pois do que a poesia póde contribuir, como auxiliar para a felicidade da vida, é que eu agora concérto e offereço este livro, e não como exemplar de litteratura, que nem o-é, nem o-poderia ser: ja porque todos estes quasi fragmentos, ver-sejados, como em outra parte expliquei, em tempos sem esperanza e no recôncavo de um êrmo silvestre, nunca presumiram que houvessem de ver a luz, ja principalmente porque bem sei eu que a poesia portugueza, como a do restante da Europa, e a nossa mesma linguagem, se-andam, ha annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxérga bem distincto; e que tudo

o que nós fazemos n'este genero, mormente os que ainda, como eu, retiveram (máo grado seo) alguma cousa, e muito, de certos habitos tradicionaes e viciosos em litteratura, teem e temos de ficaresquecidos diante da brilhante eschola, que ja porventura vem raiando. Terra da promissão, em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por columna de luz, mas onde a nós-outros nos não será dado penetrar.

Possam aquelles, para quem ja disse, que ordeno este e todos os meos outros opusculos, figurar lá um dia com a glória, que eu não cheguei a conseguir: — o que estas páginas me não houverem grangeado, possam elles, forcejando por me-exceder e obtendo-o sem custo, concilial-o aos seus nomes, que serão ainda o mesmo gravado sobre a minha pedra. E perdoe-me o publico se, emvez de para elle me-voltar, como é costume e rasão em quem escreve um prologo, me-esqueci a conversar do limiar para o recanto doméstico, com quem só d'aqui a alguns annos chegará a intender o que lhe hoje digo: — que m'o perdoem; foi uma astucia innocente; não me-sei arrepender: — quiz impôr de ante-mão, a quem sobretudo me-incumbia, obrigações de honroso brio no trabalho e no estudo: e para as-corroborar, inspirou-me o coração, que as-dictasse diante de não menor testemunha, que todo o povo da nossa terra.



---

# EXCAVAÇÕES POETICAS.

---

## EPISTOLA

A FRANCISCO DE PAULA CARDOSO DE ALMEIDA,

*Morgado de Assentiz.*

S. Mamede da Castanheira do  
Vouga, 20 de Dezembro de 1830.

D'este seculo o estame vai fiado  
Das furias pela mão na stygia noite,  
Magnanimo *Assentiz*: medra no fuso,  
Farto de sangue, de peçonha e léthes.  
Era fado, cumpriu-se; expiaremos'  
No opprobrio e dôr, os seculos avitos,  
Gloria, saber, virtudes, opulencia.  
; A antiga Lusitania, a flor das terras,  
Chara filha do sol, dos mares deusa,  
Cahiú emfim, baldão dos mais, e infamia  
Dos proprios filhos! Retumbou no Tejo  
Inteira a maldicção troada ao Nilo,  
E os espantos do Egypto em Lysia pesam.  
Nossas aguas vão sangue: amanheceram  
Sem vida os primogenitos: searas,  
Palmas, louros, cobriram-se de enxames,  
Que os-devoram zunindo; e o Ceo mudado,

Para ultimar o horror, nos-chove as trévas.  
 ; Que ha-de fazer um coração sensível?  
 Desertor do presente ; onde albergar-se?  
 ; Irá, da alva esperança conduzido,  
 A's portas do porvir ; buscar o alívio?  
 Não : quando a boa-fé regia os homens,  
 Véo transparente e leve as-cortinava.  
 Vinham fóra os reflexos luminosos  
 Da ja proxima scena á mente alegre.  
 Hoje o egoismo as-trancou e as-guarda á vista,  
 Monstro que, 'detestando a propria essencia,  
 De política o manto e o nome arroga.  
 A esp'rança, ultimo bem dos infelizes,  
 Essa mesma expirou. Nós, máos e infames,  
 Affronta dos avós, produziremos  
 Raça peor, mais vil que nos-affronte.  
 ; Que faremos, amigo ? o chão da vida  
 Jaz tismado do raio ; nem tem fructos,  
 Nem flor promette. Aos campos do passado  
 Convem volver o espirito saudoso,  
 E, eguaes á turba vã de Elysios manes,  
 Semiviver de imagens vãs da vida.  
 Ja la vão, na torrente das edades,  
 Os dias de união, de paz, de risos,  
 De abundancia e de amor ; la correm mudos,  
 Mas tão perto inda vão, que inda nos-sôa  
 O echo final do seo folgar festivo.)  
 Tu, que inda viste o rosto da ventura,  
 E em suas róseas mãos bebeste o nectar  
 Na taça de ouro que abysmou fugindo ; —  
 Tu, que a pleno gosaste, ornando a pleno  
 Esse côro de genior de Ulysséa,

Livres, jocosos, flóridos, fecundos,  
 Que os lembrados salões em vão suspiram; —  
 Tu na vasta memoria enthesouraste  
 D'esses brilhantes círculos os fastos,  
 A cortesã facecia, os saes picantes,  
 A resposta subtil, a argucia prompta....  
 Flores gentis de tempos descansados:  
 Tão naturaes, tão frescas as-conservas  
 Co'o verniz d'esse espirito brilhante  
 Como as que em primavera estudiosa  
 Apanha aqui e alli, prepara, ordena  
 Dentro em museo sagaz naturalista.  
 Segue-lhe o exemplo, amigo: elle, não pago  
 De as-mostrar quaes-lh'as-deu a natureza,  
 As-descreve em seo livro, as-faz eternas.  
 Não basta que no ouvido attento e alegre  
 Do círculo, que em torno se-te-aperta,  
 Vertas a flux os ingenhosos risos:  
 Não basta no recinto de uma salla  
 Contrahir os serões do tardo inverno.  
 Tira da pasta ociosa a penna de ouro  
 Com que o genio fecundo te-brindára,  
 E que o bom-gosto te-aparou sorrindo:  
 Eternisa escrevendo os memorandos  
 Dictos e acções dos cidadãos do Pindo,  
 Socios teos no folgar, teos socios no estro;  
 Venham nos postos de honra o *Tolentino*,  
 Pae da quintilha chula, e chiste ameno:  
 Os teos *Bersanes*, de amorosa lyra,  
 Sérios no rosto, no dizer jocosos;  
 O poeta Diogenes, o *Lobo*,  
 Sem capa, bolsa, ou lar, mordendo em todos.

Os *Malhões*, mais poeticos vivendo,  
 Que não compondo desleixados versos;  
 O *Mattos*, que entre cysnes campeára,  
 Se ao doce, ao natural junctasse o gôsto,  
 E as Musas tanta vez lhe não fugissem;  
 O *Barros* (1) e o *Carvalho*, (2) em quem discordes  
 Natureza e fortuna em guerra andaram;  
 E o que brilhou qual sol, passou qual raio,  
 O ígneo *Bocage*, o príncipe de todos,  
 Unico em Lysia, a não tolhel-o as parcas.  
 Dos theatros, *caffés*, passeios, sallas  
 Sê o *Valerio Maximo*, o *Supico*.  
 Vê que o chão do presente só nos-brota  
 Sôbre o pó das antigas alegrias  
 Vis tristezas, cuidados espinhosos.  
 Leva-nos algum'hora a rabuscarmos  
 Nos campos do passado, amigos campos,  
 Saudosos, como a patria aos desterrados.  
 Desabou em ruinas todo o templo  
 Do publico praser, alevantado  
 Pela abundancia e paz. Convem que fique  
 Tua obra promettida em pé, no meio,  
 Da torrente dos seculos vorazes,  
 Como columna do alluido templo,  
 Que em suas inscripções o-lembra ás eras,  
 Depois de extincto o nume, e extincto o povo.  
 Aos ocios do jardim nega-te uns dias,  
 Larga o sacho ao frenetico *Alexandre* (3)  
 Se *Schiller* e o *Phantasma* o-deixam livre; (4)  
 A's duas *Floras* o tractar das flores,  
 E ao *Bastos* os pinceis que na *Thebaida* (5)  
 Pintam de Alcant'ra a ponte e as lavandeiras;



Incommenda ao *Leoni* (6) algumas odes ;  
 Ao bom padre (7) uma data que esquadrinhe :  
 E tu, se podes tanto, occulto escreve.  
 Enquanto nos-faltar uma anecdota,  
 Co'a Pregoça (8) nem paz nem treguas queiras ;  
 Em vão, tingindo em pranto as faces gordas  
 Venha cahir-te aos pés, orar que a-deixes  
 Passar contigo o resto de teos dias,  
 E embalar-te, ao murmurio da Mãe-d'agua.  
 Em vão doces memorias, uma a uma,  
 Te-avivará das horas que, tão facéis,  
 Te-fiou, dormitando, em toda a vida :  
 Em vão, com mil promessas seductoras,  
 Te-pintará mil noites de sombrinhas,  
 Deleitosos serões, cantigas, danças  
 Tardes de Oeiras, musicas dos Arcos. (9)  
 Tu, d'esta nova Dido, Eneas novo,  
 Cumpre ovante o dever, custoso embora ;  
 Despede-a, e, surdo aos ais, tranca-lhe a porta :  
 La tem Patriarchal, la tem cabidos,  
 La tem solares de morgados lórpas ;  
 Quem possue tanto ; de que mais precisa ?  
 Perguntará talvez, eu que assim prégo  
 ; Que faço, ou com que jus te-dou tarefas ?  
 Mas da fructeira o officio é dar-nos fructa,  
 Da ortiga vegetar : — vegeto, dermo — :  
 Se não posso dormir, traduzo Ovidio ;  
*Romantuo* ; edifico os meos castellos ;  
 Abraço os bons amigos de Ulysséa ;  
 Pela lanterna magica da mente  
 Vou correndo os paineis das tardes curtas  
 E curtas noites que passei contigo ;

Converso ao lume ; e aprendo do Francisco (10)  
 Quando se-malha o trigo , e plantam couves.  
 ; Vê quanto val um conversar de amigos !  
 Comecei quasi em chôro , e em riso acabo. ]

---

NOTAS.

(1) Miguel Antonio de Barros.

(2) Antonio Joaquim de Carvalho.

(3) O nosso amigo Alexandre Herculano, em principio de estudos ainda a esse tempo, mas em quem ja se-admirava o infatigavel fervor do trabalho, assim mental como corporal, porque ja então, como ainda hoje, as suas horas de desenfadamento litterario eram dispendidas em cavar e jardinar.

(4) No estudo da lingua allemã andava todo, e na sociedade do sr. Assentiz nos-fazia, ás noites, leitura da sua traducção do *Phantasma* de Schiller.

(5) Linda sallinha, desquitada do restante da casa, e posta muito bem contente e solitaria no meio do quintal do sr. Assentiz, juncto á Mãe d'agua da praça da Alegria. Puzera-lhe nome de Thebaida. Nunca houve ermitões mais alegres.

(6) Francisco Evaristo Leoni, tambem juvenissimo a esse tempo, e auctor de um volume de poesias ja impressas.

(7) O padre José Theotonio Canuto de Forjó, traductor do Tacito e grande sabedor de litteratura classica e de historia.

(8) O peccado mortal da preguiça era uma das virtudes do nosso amigo Assentiz. N'ella consistia, cuido eu, uma parte do segredo da amabilidade, que tão singularmente o-caracterisa : assim não fosse ella tambem a culpada de nos não ter inriquecido, como bem poderá, a nossa litteratura, tanto com a mui promettida obra, que eu n'esta carta lhe-pedia, como com outras, que nos-haveria dado sem nenhum custo ; especialmente de theatro.

(9) As tardes de Oeiras ; e os passeios com musica aos Arcos, são d'aquellas cousas que se não hão de descrever. Quem n'isso não introu, não o-poderia nunca intender : era contentamento estreme ; não se-póde dizer mais nada. Não haverá quem não tenha na sua vida por onde intenda, pouco mais ou menos, este enigma.

(10) Francisco Gomes, velho, quasi macrobio, antigo servo da residencia de S. Mamede, onde ja interrára a tres priores. Era o superintendente das lavouras da casa ; pela sua larga experiencia o Borda d'agua das visinhanças, e por nunca ter aprendido nada, nem a ler, nem sahido jamais dos seus montes, um dos mais chapados classicos que nunca topei. Coitado, come-o ha ja 4 annos a terra do adro da freguezia.

## SANCTA IRIA.

OHAÇARA.

Quinta da Azenha-Velha, juncto  
a Carnide, 28 de Maio de 1839.

Tocam sinos em Nabancia,  
Tocam sinos á porfia;  
E' por S. Pedro e S. Paulo,  
Que se-festeja o seo dia.

A' Matriz são vindas freiras,  
Quantas em S. Bento havia:  
Todo o altar um ramalhete;  
O povo galas vestia.

Mas nem no altar se-inlevava,  
Nem no povo se-revia  
Britaldo, filho mancebo  
Do que em Nabancia regia:

Curiosidade o la trouxe  
Do muito que ouviu de Iria;  
Que nem ha freira tão linda,  
Nem sancta de igual valia.

Logo em a-vendo foi cego,  
De quanto o ceo n'ella ria;  
Iria, é toda da glória,  
Britaldo, todo d'Iria.

Desde aquella negra hora  
 Perdeu comer e alegria ;  
 Sonha as noites accordado,  
 Não cuida em al todo o dia.

Promette amor e segredo,  
 Promette ouro e pedraria,  
 A propria vida promette  
 Se ella acceitar-lh'a quera,

Marido quer a donzella,  
 Porém de mórjerarquia ;  
 Quer delicias e riquezas,  
 Mas não ouro, e pedraria.

Quer Jesu por seo esposo,  
 Por sogra a virgem Maria,  
 O ceo por palacio e hortas ,  
 Os anjos por companhia ;

Por delicias basta a pomba.  
 Do Paráclito seo guia,  
 Que entre as flores das virtudes  
 N'alma lhe-arrulha alegria.

Gastado dos vãos desejos  
 Morrer Britaldo se-via :  
 Geme seu pae Castinaldo,  
 Chora sua mãe Cassia.

Todo o povo anda pasmado,  
 Que é dô ver tal louçania,  
 Annos tão verdes, murchados,  
 Pender para a terra fria.



Chegou a nova ao mosteiro;  
 Lastimou-se a boa Íria:  
 Deu-lhe licença a abbadessa  
 De ir ver a quem se-morria.

Introu manso ao pé do inferno;  
 Que nada ver não queria,  
 E disse-lhe: «; Sus Britaldo!»  
 E elle accordou e tremia.

Reconhecendo ser ella,  
 Recobrou nova alegria:  
 Dos olhos, faces e bocca  
 Logo a morte sacudia;

Ambos os braços alçava  
 Como d'antes não sohia:  
 E por julgal-a rendida  
 Abraçal-a ja queria.

Como que foram serpentes  
 Ella os braços lhe-fugia:  
 E contra o fogo da carne  
 Sanctas rasões lhe-dizia.

E vendo que ás rasões sanctas  
 O doente se-rendia,  
 Foi pôr-lhe as mãos na cabeça;  
 E disse com fé mui pia;

« Nome do padre e do filho  
 « E do esp'rito que alumia,  
 « Accuda-te o anjo da guarda;  
 « Salve-te a virgem Maria. »

Palavras não eram dictas,  
Britaldo mui são se-erguia  
E vendo-a que se-apartava,  
Com esta falla a-seguia:

“ Da morte, sim, me-has livrado,  
“ Não do amor de que morria;  
“ Não sei se é favor, se é damno  
“ O que me ora has feito, Iria. ”

“ Mas qualquer que me tu fosses,  
“ Nunca te eu mal quereria,  
“ Deus te-accescente a ventura  
“ Com toda a que me-devia. ”

“ Eu que te-chore no mundo,  
“ Onde tão sôlto me-ria;  
“ Tu, folga sem mim no ermo,  
“ Sem homem, hora, nem dia. ”

“ Que se jamais ca, me-soa  
“ Amor terrestre de Iria,  
“ Qual a vida que me-has dado,  
“ Morte crua eu te daria. ”

“ Adeus! e porque vás certa  
“ Que ninguém te-livraria,  
“ Por Deus te-juro isto mesmo,  
“ E pela virgem Maria! ”

---

Mal era finda uma guerra,  
 Outra guerra se-accendia  
 Contra a limpa castidade  
 D'aquella fermosa Iria.

D'entre as rosas d'annos verdes  
 Viu amor que a não rendia:  
 Foi entre câs emboscar-se;  
 Que não ha maior falsia.

Em montes desanctidade,  
 Onde se ella mais confia,  
 Por entre as fontes da graça  
 Lhe-armou sua bateria.

Um monge, dicto Remigio,  
 A confessional solia,  
 Varão d'annos e virtudes,  
 O mór que em monges havia.

Namorou-o a fermosura  
 D'alma que nua lhe-via;  
 Votou perdel-a e perder-se  
 Quem lhe sempre fôra guia.

Pasmou Iria atterrada  
 De tão estranha ousadia;  
 Mas logo com grão despêjo  
 Suas tenções rebatia.

Como que assim cae na conta,  
 O monge perdão pedia;  
 E com mores penitencias  
 Nova maldade incobria.

As calidades das hervas  
 Todas elle as-conhecia,  
 Que umas são para saude  
 Outras de grã tyrannia,

Como veiu a meia noite,  
 Da sua cova sahia;  
 Como a meia noite dava,  
 Hervas no monte colhia.

Colhidas que teve as hervas,  
 Suas folhas espremia;  
 Toda a terra era calada,  
 O rio triste corria.

Mixturava o sumo verde  
 Com palavras que sabía;  
 Com seo bafo peçonhento  
 O sumo se-denegria.

Nenhum anjo ousava olhal-o;  
 Nenhuma estrella luzia:  
 Põe Remigio olhos de fogo  
 No vaso.... e o vaso fervia.

D'aquella infernal peçonha  
 Temp'rou a mesa d'Iria:  
 Iria estava innocente,  
 Não suppunha mal, comia.

Comidas que teve as hervas,  
 Logo o ventre lhe-crescia,  
 Como foi crescendo o ventre  
 Logo o seio se-lhe-inchia. ✓

O parecer do sembrante  
De panno se-lhe-cobria ;  
Mostras de dona pejada  
Nenhuma lhe-fallecia.

Todo o convento se-espanta,  
A-despreza e a-injúria ,  
Toda a terra de Nabancia  
Ri da sua hypocrisia.

A triste não se-defende  
Nem defender-se podia ;  
Remigio a-amaldiçoava ,  
Britaldo em furias ardia.

Tudo era contra a coitada ;  
Nem o céo não lhe-acudia :  
Chorem leões, chorem ussos,  
Chorem tanta barbaria.

Foi Britaldo ter , a occultas ,  
Com um que na terra havia ,  
Acostumado a alugar-se  
Em qualquer mafeitoria.

“ Ora, sus Banão ! lhe-disse :  
“ Boa nova eu te-daria ,  
“ Que houvéras tu prata e ouro.  
“ Se a ferro morresse Iria. ,”

Depois de cuidar um pouco ,  
Banão assim respondia :  
“ Fizera-o eu por dar gosto  
“ Só a tua senhoria.

“ Quantas monjas tem S. Bento,  
 “ Quantas eu te-mataria :  
 “ Traze ora o que prometteste  
 “ Que ella morta, eu posto em via. ,,

Recebido o ouro e a prata  
 A' façanha se-partia :  
 Soube em que parte da cêrca  
 Aso de a-colher teria.

Por entre umas matas densas,  
 Por-li o Nabão corria  
 Logar mui feito a tristuras,  
 Por brenhas e penedia.

Nas horas mortas da noite,  
 Quando do côro sahia,  
 Alli vinha ajoelhada  
 Chorar mais resas Iria.

N'aquellas silvestres lapas  
 Logo Banão se-escondia;  
 Nem vento não respirava,  
 A lua n'água tremia.

Bém poderam piar mochos,  
 Só um rouxinol se-ouvia,  
 Ao som do murmúrio fresco,  
 Das pedras entre a água fria.

Banão, por livrar do somno,  
 Que no esperar lhe-crescia,  
 N'uma pedra, manso e manso,  
 A afiada espada afia.

Detem-se, que ouviu passadas ;  
 Surge, olha em redor, espia. . .  
 Quando n'uma lagea bronca  
 Vê de joelhos Iria.

Dava-lhe a lua no rosto,  
 Como estrella resplendia ;  
 E apertando as mãos alçadas  
 Estes prantos proferia : —

“ Jesu , esposo d'esta alma ,  
 “ O'sancta virgem Maria ,  
 “ O'celestes potestades ,  
 “ O' anjo , meo casto guia .

“ Ja nada por mim vos-peço ,  
 “ Que eu nada vos-meresia ,  
 “ Mas que não se-perca a fama  
 “ Das monjas com quem vivia .

“ Tirai do escandalo o povo ,  
 “ E o convento da agonia ,  
 “ E eu que morra... ” Eis mão de ferro  
 Que a garganta lhe-tolhia .

E eis que vibrada no ouvido  
 Esta palavra rangia :  
 “ Britaldo , agora te-mata ,  
 “ Britaldo , ¿ intendes , Iria ?

E logo um tinir de ferro ,  
 Uma espada que lusia ,  
 A garganta atravessada ,  
 O corpo em terra batia .

| O sangue que borbulava!  
 | E um lume que aos ceos subia:  
 | E em roda d'elle mil anjos  
 Com celeste melodia!

---

O corpo da virgem martyr  
 Lá vai na corrente fria  
 Nu dos habitos sagrados  
 Que desde a infancia trasia.

Ramo de lirios e rosas,  
 Que aboiava, parecia,  
 Do Nabão tomou-a o Zézere  
 Com elle ao Tejo descia.

Assim veio navegando  
 N'aquella água corredia,  
 Aquella alva barca humana  
 Que serafins traz por guia.

De sangue vai purpurada  
 Por mais nobre galhardia,  
 Dado aos ventos o cabello  
 Que era as vellas que trasia.

Por onde quer que passava  
 Tudo ao longe recendia;  
 Té que veio aos pés d'um monte  
 Que juncto a Escalabi havia;



E alli, onde um bom remanso  
 O Tejo fundo fasia,  
 Foi sepultada nas águas  
 Perla de tanta valia.

Todos' os anjos e archanjos  
 Da celeste jerarchia,  
 No fundo d'aquellas águas  
 Trabalharam todo um dia.

Lavraram-lhe um moimento  
 De pedra mui lusedia;  
 Depois cantaram-lhe obsequias  
 De estremada melodia.

E antes que outra vez tornassem  
 Para a eternal monarchia,  
 Co'as conchinhas de mil côres,  
 E o ouro que o Tejo cria,

Sobre a campa lhe-intalharam  
 Um letreiro, que disia :  
 “ Livre da terra, aqui poisa  
 “ A virgem mui sancta Iria. ”

---

Sagrada a vêa do Tejo  
 Ficou desde aquelle dia. ✓

Para intrar no capítulo da *Tomada de Santarem*, nos meos *Quadros Historicos de Portugal*, é que fôra traçada esta chacara de Sancta Iria. Descuidei-me ao versejal-a, que era em meio de umas sombras mui frescas de um pomar banhado em aromas de flor de laranja, onde, em quanto eu dictava os meos versos á minha secretária, cantava, para outro cabo, os seos, o rouxinol mais poeta e namorado que eu nunca ouvi; quando reparei na minha obra, ja ella estava descompassada para o intento; — rasão, porque logo alli fiz, para o logar d'ella, a cantilêna, que no dicto capítulo se-incorporou, e que, por não deixar separadas a duas irmãsinhas quasi gemeas, e em tão ameno sítio geradas e nascidas, me-pareceu bem trazer para aqui: e é a seguinte: —

### OS DESEJOS DO ROMEIRO.

O Sol té aos fundos penetra do mar:  
 Quem fôra planeta de tanto luseiro!  
 Que víra o que nunca ver poude o romeiro,  
 Segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Téjo, incantado,  
 Reluz o sepulchro de tanta valia,  
 E n'elle, entre palmas, de rosas c'roado,  
 O corpo de Iria.

As águas co'as folhas têm longo palrar:  
 ; Ai bordas do Téjo, quem fôra salgueiro!  
 De uns psalmos soubera, que ignora o romeiro,  
 Segredos divines de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento  
 Os anjos renovam com grão melodia,  
 Debaixo das ondas, em torno ao moimento,  
 Sacrario de Iria.

---

Quem fôra a serêa do mago cantar,  
 Ou quem te-soubera cantar feiticeiro!  
 Da vêa do Téjo, de noite ao romeiro  
 Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos  
 Nascido, creado, desfeito n'um dia,  
 E como ao ceo alto, por novos caminhos,  
 Subiu Sancta Iria.

---

Assim descantava, de noite ao luar,  
 Em barca boiada sem mão de remeiro,  
 No pégo de Iria, de Iria um romeiro,  
 Acceso em saudades de sancto folgar.

E ao somno passando com esta memoria,  
 Sonhou que os desejos o céo lhe-cumpria!..  
 Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na glória,  
 E vê sancta Iria!

## AS FLORES.

*Devanciosinho de uma alvorada de primavera.*

Quinta da Murteira na Bairrada  
5 de abril de 1833.

Em fresco pomar de abril,  
N'uma alegre madrugada,  
Vagando nympha gentil,  
Viu uma arvore toucada  
De flores a mil e a mil.

“† Como estes ramos são bellos!”  
Diz comsigo, e colhe um ramo,  
Que inlaça nos seos cabellos.

Hastesinha, orgulhosita  
De ornar a nympha louçã,  
Só gloria e festas cogita;  
Ja córa de ser irmã  
Da mais flor que o bosque habita.

† Que ar e troncos tão grosseiros!  
† Quem lh'os-déra ja trocados  
Em salões e lisongeiros!

Desprêzo, dó e praser  
 Mostrou deixando o arvoredó,  
 Mas saudades, nem sequér:  
 Ramos houve, que em segredo  
 Murmuraram de tal ver;

Principalmente uns visinhos,  
 De quem sempre recebêra  
 Frangancia, abrigo e carinhos.

Houve-os também que invejaram  
 Da vaidosa a condição,  
 E tal desgosto ganharam  
 A' rustica solidão,  
 Que de trishtinhos murcharam.

Mas um pecegueiro velbo,  
 Nestor d'aquelles pomares,  
 Em curva idade e conselho,

Dos frondosos circumstantes  
 No murmúrio attenta um pouco;  
 De seo seio alguns instantes  
 Bane o motim crespo e rouco  
 De seos enxames errantes;

Alça o cume um tanto mais,  
 E socegado assim falla  
 Na lingua dos vegetaes;

« Deixai ir esse imprudente, .  
 « Pobre ramo sem ventura;  
 « Agora está mui contente  
 « Porque approuve á formosura,  
 « E vai viver entre gente.

« Domína em throno dourado,  
 « Festas espera e louvores:  
 « ¡Ser-lhe-ha firme ou longo o fado!

« Deixai-o tornar com ella  
 « A' tarde outra vez aqui,  
 « Vereis qual sorte é mais bella.  
 « Eu, que mil ramos ja vi,  
 « Ja lamento a sua estrella.

« Em nosso manso pomar,  
 « A seos destinos brilhantes  
 « Dêmos graças de escapar.

« Hoje por nós temos Flora,  
 « Logo Pomona virá;  
 « Se o cultor nos-ama agora,  
 « Amigos, ¡que não será  
 « Da colheita em vindo a hora!

« Connosco a alegria esteja;  
 « Quem tem viço, flor e fructo  
 « Não sei que mais bens deseja.

« ; Inda a inveja vos-faz guerra !  
 « Pouco abalo o sermão fez :  
 « ; Murmúrios o bosque incerra !  
 « Pois bem ; não fui d'esta vez  
 « Propheta na minha terra,

« Paciencia, esperaremos,  
 « E talvez que em poucas horas  
 « Concorde todos fiquemos. »

Volveu a nympha ao sol posto,  
 E em quanto via e revia  
 No regato o lindo rosto,  
 Da trança, onde ja morria,  
 Lança o ramo com desgosto ;

E alguns botões dos mais bellôs  
 Vem da proxima roseira  
 Infeitar os seos cabellos.

Cantando e léda partiu  
 Sem mais pensar no raminho,  
 Que todo o dia á-serviu.  
 Diz-se até que o coitadinho  
 O incauto pé lhe-sentiu:

Então triste o moribundo  
 Viu toda a immensa distancia  
 De um pomar ao *bellq mundo*.

...et dulces moriens reminiscitur Argos.

## OS TRESE ANNOS.

## CANTILENA.

Hortas da calçada do duque, Pa-  
choa do espirito saucto de 1840:

Ja tenho trese annos,  
Que os-fiz por janeiro:  
Madrinha, casai-me,  
Com Pedro Gaiteiro.

Ja sou mulhersinha;  
Ja trago sombreiro;  
Ja bailo ao domingo  
Co'as mais no terreiro.

Ja não sou Annita,  
Como era primeiro,  
Sou a Senhora Anna,  
Que mora no outeiro.

Nos serões ja canto,  
Nas feiras ja feiro,  
Ja não me-dá beijos  
Qualquer passageiro.

Quando levo as patas,  
E as-deito ao ribeiro,  
Olho tudo á roda  
De cima do outeiro,



E só se não veja  
Ninguém pelo arneiro,  
Me-banho co'as patas  
Ao pé do salgueiro.

Miro-me nas águas  
Rostinho trigueiro,  
Que mata d'amores  
A muito vaqueiro.

Miro-me olhos pretos  
E um riso fagueiro,  
Que diz a cantiga  
Que são captiveiro.

Em tudo, madrinha,  
Ja por derradeiro  
Me-veja mui outra  
Da que era primeiro.

O meo gibão largo  
D'arminho e cordeiro  
Ja o-dei á neta  
Do Braz cabaneiro,

Dizendo-lhe — «Toma  
« Gibão domingueiro,  
« D'ilhoses de prata,  
« D'arminho e cordeiro.

« A mim ja me-aperta,  
« E a ti te-é laceiro;  
« Tu brincas co'as outras,  
« E eu danço em terreiro. »

Já sou mulhersinha,  
 Já trago sombreiro;  
 Já tenho trese annos,  
 Que os-fiz por janeiro. ✓

Já não sou Annita;  
 Sou a Anna do outeiro;  
 Madrinha, casai-me,  
 Com Pedro Gaiteiro.

Não quero o sargento,  
 Que é muito guerreiro,  
 De barbas mui feras,  
 E olhar sobranceiro.

O mineiro é velho;  
 Não quero o mineiro:  
 Mais valem trese annos  
 Que todo o dinheiro.

Tão pouco me-agrado  
 Do pobre moleiro,  
 Que vive na asenha  
 Como um prisioneiro.

Marido pertendo  
 De humor galhofeiro,  
 Que viva por festas,  
 Que brilhe em terreiro.

Que em elle assomando  
 Co'o tamborileiro,  
 Logo se-alvorote  
 O logar inteiro.

Que todos accorram  
 Por vê-lo primeiro;  
 E todas perguntem  
 Se ainda é solteiro.

E eu sempre com elle,  
 Romeira e romeiro,  
 Vivendo de bôdas,  
 Bailando ao pandeiro.

! Ai, vida de gostos!  
 ! Ai ceo verdadeiro!  
 ! Ai paschoa florída,  
 Que dura anno inteiro!

Da parte, madrinha,  
 De Deus vos-requeiro:  
 Casai-me hoje mesmo  
 Com Pedro Gaiteiro.

---

EPIGRAMMA.

Lembrou-se de casar Thomé caduco  
 Porém não quiz: ¿é a causa? ao pôr do sol  
 Interneceu-se ouvindo o rouxinol....  
 Mas já de tarde tinha ouvido o cuco.

## A INFANCIA.

*Tradusido do dinamarquez, de Baggesen, e publicado no Panorama,*

Quando eu era pequenino  
(Tinha um covado de altura!  
Em me isto lembrando, chôro,  
E no chôro acho doçura.)

Era o brinquinho de todos;  
Era da casa o regalo;  
A mãe me-trasia ao cello,  
O pae no hombro a cavallo.

Tristesas, penas, cuidados  
Eram tanto para mim,  
Como os risos de Glicéra,  
Como o dinheiro e o latim.

Fasia idéa do mundo  
Ser mais pequeno do que é;  
Mas suppunha-o mais alegre,  
E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente  
Sempre cuidai ser papoulas;  
O iris, pedras mui finas;  
As estrellas lentejoulas;

Custava-me em tantas joias  
 Não poder pôr as mãosinhas;  
 ; Que invejas vos-tive ás asas  
 O' mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,  
 Quem me la dera, dizia,  
 A ver se é bem redondinha,  
 E de que é feita, e se é fria!

; Pois o sol! como eu scismava  
 De o-ver cada tarde ao certo  
 Ir todo alegre apagar-se  
 No mar dourado e deserto!

; E logo a manhã seguinte,  
 Das nuvens rasgando o véo,  
 Trasel-o de novo acceso  
 Já d'outra parte do céu!

; Mil cousas então pensava,  
 No meu juizinho estreito,  
 A'cerca do pae celeste  
 Que ao sol e a mim tinha feito!

; Com devoção de creança  
 Punha as mãos e ajoelhava,  
 E as orações repetia,  
 Que a boa mãe me-ensinava!

“ Pae do céu, fazei que eu siga  
 “ As sanctas leis que me-dais,  
 “ Que seja amigo de todos,  
 “ Que vos-agrade, e a meos paes. ”

Depois resava por elles,  
 Por minha irmã, pela gente  
 Que morava em cada choga  
 Da nossa aldêa innocente;

Pelo rei, que eu nunca víra,  
 E velhos pobres, que eu via  
 Pagar-nos com suas resas  
 A esmola de cada dia.....

! Tempos de paz e de gosto!  
 ! De vós que resta?... A saudade,  
 Esta, ao menos, Deus piedoso,  
 Me-conserva em toda a idade.

---

## ABORTO DE UMA SATYRA.

Coimbra 17 de se-  
 ptembre de 1829.

Nasci, graças aos ceos, n'um século de petal!  
 Medita-se o lunario, estuda-se a gasetta.  
 Ferve o papel-moeda, imprimem-se versões,  
 Ha punhos sem camisa, ha sem vintem funcções.  
 Ha serviços sem premio, e premio sem serviços,  
 Dentes, ilhargas, seio, e cabellos postigos.  
 Nobresas sem nobresa; e virgens sem o-ser,  
 E sermões sem moral, e esposos sem mulher.  
 Século de ouropel, baixaste á humanidade!  
 Viva a geral comedia! e viva a nossa idade!

## ADVERTENCIA.

O verso alexandrino, que é entre os francezes o mais commum, talvez pela propria hydiosincrasia da lingua, que, se hoje vai opulenta de poesia, nunca ha-de deixar de ser mesquinha para a musica e para o rythmo; — o verso alexandrino foi sempre, e é ainda hoje, quasi desconhecido nos labores dos poetas de Portugal, Castella e Italia — onde só um ou outro curioso o-cultiva por exhibição, como planta forasteira. — Ora como a variedade seja em cousas de arte e luxo condição muito principal, era claro que se ás duas medidas vulgares do hendecassylabo e do octosylabo, que são todo o nosso haver heroico e lyrico, se podessem ajunctar, não só o alexandrino, mas quaesquer outras combinações métricas, em o-diligenciar se fasia boa obra, e boa avença se-levaria em o-conseguir; sendo de mais a mais que assim ficava o escriptor mais surtido de tintas de melodia para acertar pelo natural com 'as côres do seo pensamento. Esta tentativa foi a que eu fiz na minha traducção dos Amores de Ovidio, e em outros opusculos de dias ociosos, em que me-dava mais cuidado o tamanho e geito da fôrma, em que havia de vasar uma ária, do que hoje me-dão muitas questões que alvoroçam botequins e parlamentos,

*Pauperum tabernas regumque turres.*

O verso alexandrino foi o que me-pareceu, a principio,

mais rebelde : e foi por isso mesmo o contra que empreguei maiores empenhos. Cheguei, cuido eu, a domesticar-o ; a ponto não só de levar com boa cara quanta carga se-lhe podessê deitar, mas até de sujeitar-se a grilhões, e phantasias, com que em França, sem absoluta necessidade, o-opprimiram.

Este apólogo dos macacos é amostra d'isso mesmo : as rimas graves e agudas, femeas e machas, como os francezes, não sei porquê, as-appellidam, aqui vão regular e constantemente alternadas, sem que nunca duas diversas graves, ou duas diversas agudas se-aehem junctas. A participação e pausa forte de cada hemistychio são sempre observadas.

Tanto escrúpulo não aconselharia eu aos que tivessem pouco tempo para perder ; mas o adoptar o métre e servir-se d'elle rasgadamente, sim e muito que sim : — 1.º pela razão, que ja toquei, da maior variedade, no que vai muito para os recursos de quem escreve e para o regalo de quem o-lê ou ouve : — 2.º porque quanto maior é o ambito do verso, mais farto pôde ser o pensamento, ou o affecto que nos elle apresente de uma vez, o que nenhum poeta, que saiba da cousa, negará ser de uma grande vantagem para os effectos. Por último não imagine alguém que eu apresento, nem esta, nem outra qualquer de minhas trovas, como exemplar de cousa alguma : foram quasi todas ellas passatempos meos, e já agora não transcederão de meros passatempos para os leitores.



## OS MACACOS.

## APÓLOGO.

Vivia no Brasil, la n'uns sertões opacos,  
Um monã, pé-de-boi, com filhas e mulher:  
Na cova que elegeu, longe dos mais macacos,  
Tinha todo o seo mundo, e todo o seo praser.  
Uma nascente á porta, á roda um bosque cheio  
De cana doce, côco e banana sem fim,  
Eis a adega, o celeiro, a cosinha, o jardim.  
E' o Eden macacal na abundancia e recreio.  
; Que lhes-falece? nada: a bondade, a affeição  
Lhes-sobredoura a paz da estreita solidão.

Uma sesta que ao sol estava dormitando  
Toda a biruta familia esmoendo o jantar,  
Um saguim caçador, estafado e suando,  
Quiz o acaso que errante alli viesse dar:  
Pediú água: o bom velho o-conduziu á fonte;  
As filhas serviçaes colheram fructos mil,  
E em quanto os-iam pondo ao hóspede gentil  
A monã-mãe lhe-abana e lhe-dessua a fronte:  
; Quem de obsequios não gosta? era ja negro o ceo  
Quando o saguim se-foi, mas voltar prometteu.

Não faltou á palavra: a aurora do outro dia  
 O viu com outro irmão ja no hospicio outravez;  
 A segunda com dous; a terceira com tres;  
 E assim foi, de um em um, crescendo a companhia:  
 Ja não eram somente os irmãos do saguim,  
 Eram primos sem conto, amigos, conhecidos,  
 Desconhecidos... tudo! Agora, agora sim!  
 Que mesa, que brincar, que obsequios repetidos!  
 A's filhas que respeito, e que affectos ao pae!  
 Em delicias desfeito o tempo se-lhes-vai.

---

Passou-se mez e meio; os brodios amainaram,  
 Não supprindo ao consumo o estafado vergel:  
 Então, qual foge o enxame ás flores ja sem mel,  
 Bons tres quartos ou mais da súcia desertaram.  
 Mas ao menos o resto odeia infamia tal,  
 Não podem supportar amigos int'resseiros;  
 Ao mono cada um protesta ser leal,  
 Tem poucos, mas agora amigos verdadeiros.  
 « Pobresa, eu te-agradeço, o honrado velho diz,  
 « Afugentaste os maos; co'os bons vou ser feliz. »

---

Passou tempo: morreu-lhe uma das macaquinhas,  
 Das duas a mais bella, a gloria do sertão:  
 Não só perdeste, ó pae, o maior bem que tinhas,  
 Mas na súcia fiel vês nova deserção.  
 Inda carpia o velho um golpe tão funesto  
 Quando seguir da morte approuve o exemplo a amor:  
 Namorado saguim, amavel seductor,  
 Da prole lhe-roubou e lhe-fugiu co'o resto.  
 As filhas ja lá vão... mas ao menos a mãe...  
 ; Que é d'ella? apaixonou-se, e fugiu-lhe tambem!

Não succumbas á dor, distrae-te co'os amigos,  
 Repete-lhes teu mal, tão digno de seo dó:  
 Ah misero Simão! de tantos bens antigos  
 Nem filhas, nem mulher, nem um amigo só!  
 Um preto, homem de bem, que me-contou tudo isto,  
 Tal e qual ao leitor acabo de o-contar,  
 Me-disse, que até aqui podia asseverar  
 Tudo verdade ser, como se o-houvéra visto.  
 Mas em dúvida punha, e por certa razão  
 Tudo o mais que se-segue a esta narração.

—  
 O mono endoideceu co'a força do desgosto,  
 A um rio se-atirou, d'onde a nado fugiu;  
 Correu muitos sertões, até que um dia viu  
 De monos uma aldeia (era quasi sol posto):  
 Atepou a um coqueiro, e com sonora voz  
 Desatou a prégar ao som de mil gemidos;  
 “ ¡ Macacos, o meo mal seja um bem para vós!  
 “ Horrorise os bons paes, atterre os bons maridos,  
 “ Os pródigos converta! a vista ponde em mim;  
 “ Das cousas no princípio está d'ellas o fim.

— ¡ Monos que dais partida, olhai que esses marmelos  
 Não visitam ninguém pelos seus olhos bellos! —

## PREAMBULO

### AOS VERSOS LIBERAES.

Salomão exclamava : « Vaidade das vaidades e tudo vaidade ! » Um poeta romano que não tinha lido Salomão, mas tinha visto o mundo, escrevia : « Oh cuidados dos homens, oh que de vaidade não vai em tudo ! »

*Oh curas hominum ! oh quantum est in rebus inane !*

Não ha philosopho que não tenha dicto outro tanto, nem sequer ignorante, de certa idade para além, que o não tenha sentido muitas vezes. Por mim digo; de quantas verdades cheguei a adquirir, nenhuma trago mais assentada e immutavel do que esta : triste é ella, mas em compensação é a unica maxima terrestre em que não ha vaidade. Uma das cousas que mais me-chegaram a este desincantamento senil foi muita parte dos meos proprios escriptos : é incrível o como, quando por acaso acerto de folhear algum d'elles, la de annos a annos, o-acho transformado e sempre para peor : é o mesmo que succederia a um amante, que tivesse dado á terra a virgem dos seos pensamentos, vestida de branco, ingrinaldada de assucenas, e ainda formosa atravez da palidez, e com apparencia menos de defuncta do que de quem estava a dormir a morte, e reclinada a descansar de virtudes para voar ao ceo, assim mesmo com as suas assucenas brancas, com o seo vestido branco, e só com a differença de duas asas de azul celeste e ouro; e a-achasse, a cada visita nova ao sepulchro, mais desfigurada, mais

desconhecível, mais horrenda, mais esquefeto e mais vaidade de vaidades, que até no féretro e no sepulchro se-escondem ainda os sobejos d'ellas. Os affectos, as paixões, as alegrias, os pesares, as esperanças, as proprias côres de estylo, galas de linguagem, suavidade de metros, tudo isso que eu estava bem certo de ter deixado n'um volume recém-fado, que sepultava para a minha gaveta, tudo me-apparecia demudado, ou antes tudo tinha desaparecido; e entretanto aquelle papel era o mesmo; nada tinha sido n'elle riscado, accrescentado, escurcido, nem contrafeito. Não; mas os annos que a elle só lhe-tinham desbotado um pouco a tincta, tinham-me ca por dentro, nas regiões grandes da alma, arrasado e edificado muito, posto ruinas onde eram palacios, levantado cidades e castellos onde antes eram ermos. A lyra exterior era a mesma, mas não eram os mesmos os sitios para onde ella toava: os echos, com as demolições e edificações, tinham-se mudado. Voltada para onde o-tinha ficado eternamente, ja nada lhe-respondia.

A prosa e os versos liberaes d'este volume nasceram em dous tempos, diversos entre si e diversissimos ambos d'este agora. Tinha eu ainda então amores politicos, e portanto todo o seo natural cortejo de ciumes, odios e tempestades. Cria devéras na felicitação do mundo pela liberdade para a nossa vida; e hoje, em cousas politicas, nem ja atino com o que hei-de crer. Tudo isto digo, afim de que todos aquelles de meos leitores, que ja como eu houverem passado da zona torrida da existencia para o circulo polar, aonde todos chegámos se não morremos na primeira mocidade, dêem benevolamente o mesmo desconto que eu dou a muitos defeitos graves d'estas páginas, cujo mnimo não é a frequente expressão do odio e da vingança; odio theorico na verdade, e vingança theorica, como

são sempre os dos poetas, a mais pacata gente, em largando a penna, que nunca houve n'este mundo.

Por uma cousa quero eu mal á liberdade, a quem por tantas quero bem. Tem um grande senão; vejo-lh'o hoje, que sou seo amigo; não lh'o conhecia, em quanto não passava de seo amante apaixonado. E' demasiadamente varonil; tem cabeça forte, mas muito pouquinho de coração; e é pena. Nenhum poeta liberal, que eu saiba, desde Armodio até Béranger, poudé ainda fazer d'ella mais do que uma philosophia; e uma philosophia não é uma religião. Foi mal posto um nome feminino a isto de liberdade; haviam de lh'o dar masculino ou neutro. Por isso, mulheres, liberaes de lei, são tão raras, e não são talvez as melhores.

Mas porque? porque a índole da mulher, a feminidade, tomada em complexo, não é senão amor; e se este amor se divide para se estudar, averigua-se que não é senão amores: amor de filha, amor de mãe, amor de amante, amor de esposa, amor da familia, amor da casa, amor dos desgraçados, amor das flôres, e da natureza, e tambem um pouco amor de si-mesma, que é muito justo, e muito bem empregado. As discussões, soberbías e malquerenças, de que a liberdade necessita para medrar, ao menos por ora, que ainda não é adulta, e anda muito doidinha com a sua mocidade, tudo isso é bom para o sexo que lucha com os touros, com a artilheria e com as ndas. Ellas não, as pobresinhas! que na partilha ficaram com os deveres, e muito contentes. E' providencia! que ás vezes me-ponho eu a scismar o que seria o mundo, sem mulheres e creanças; e suppondo que assim como ha arvores que dão côcos, as-havia tambem que dessem homens, e ja crescidos e perfeitos... perfeitos, figuradamente falando, perfeitos como nós... parece-me que um tal mundo

havia de ser muito liberal, mas durar muito pouco. O deputado, o jornalista, o tribuno (e todos haviam de querer sel-o) recolhendo-se á noite para a sua pousada, que sem mulher pouco havia de differir da dos animaes domesticos, não teria quem, pela doçura, pelas caricias, e até por mil futilidades, lhe-desse treguas aos pensamentos altivos e dissociaes. O somno só o-viria tomar, quando a vigilia o-tivesse prostrado : quando em sonhos barafustasse cuidando andar ás punhaladas com um usurpador, não haveria alli quem o-acordasse com um beijo na testa, que é o melhor exorcismo para taes demonios, e o-reconduzisse a sentimentos mais doces com um falarzinho, entre sentido e ledão, que sabe descer, pelos torcicólos mais reconditos, como um mineiro, ao fundo do coração. Até o muito falar reprehendemos ás mulheres : e n'isso nos mostrámos, alem de nescios ingratos, para com ellas e para com Deus, que nol-as fez, quaes as-haviamos de misturar. Sem esse, que nós chamámos defeito; quem nos-houvera ensinado a fala em pequeninos, quem nos-incheria a casa d'esta melodia que não acaba, e quem nos-desfaria os nublados, ás vezes tempestuosissimos, do pensamento ? Quando Deus fez a primeira mulher, fel-a, nos disse Moysés, porque viu que não era bom que o homem estivesse só : e não era, não. Hoje briga-se por ellas, aqui e acolá : se as não houvesse, brigava-se em toda a parte, é por tudo. Aquella cobardia é fraquesa que os philosophos, tolos lhes-reprehendem, e que, bem deitadas as contas, são mais fortes do que a nossa força, são as que, 365 vezes cada anno, nos-impedem de nos-devorarmos uns aos outros. Não são liberaes, não são ; mas são melhor do que isso ; porque amam muito e amam sempre, e ensinam-nos tambem a nós a amar o nosso pouco.

Ora isto, digo eu, isto do faser amar, é o que a li-

verdade não tem, ao menos por ora; nem teve nunca; ali estão as histórias gregas e romanas que vol-o digam! Tenho portanto explicado, segundo me-parece, de um-modo claro, o porque, n'esta tal prosa e n'estes taes versos, se-incontra um desabrimento e sequidão, que eu n'outro tempo lhes não sentia, mas que em verdade têm. Tudo aquillo será philosophia liberal, se lhe-quizerem faser favor; mas poesia, é que não póde ser. Julgo que fica dada satisfacção bastante, assim para que os mesmos a quem eu, quando aquillo escrevia, julgava querer mal, não só me-absolvam, mas até me-desculpem; como para que os anatomicos de estylo me-relevem de muita culpa e pena.

Este mesmo pendão de misericórdia, desejo eu que valha ainda para cobrir a todo o jornal d'onde tómo algumas d'estas mesmas composições, e de qual, Deus e muita gente me-perdoem, eu era o redactor; chamava-se a *Guarda Avançada*.

---

### ADVERTENCIA.

(*Extracto da Guarda Avançada n.º 17, de*  
25 de março de 1835.)

Não tencionava eu dar jamais á luz estes versos, não só porque d'elles fasia, como poesias, o devido conceito, senão tambem porque o resuscital-os era avivar eu em mim mesmo muito tristes memórias, que mais folgára de perder. A tudo porém me-



subjeito ja, e ora os-dou fielmente estampados, para confusão de testemunhadores.

A *Revista* disse em uma de suas folhas, que eu fizesera versos aos *inauferíveis*. Eu, que ja agora não aprenderei a diser injúrias em logar de factos, direi factos, ainda que o disel-os e convencer d'elles ja seja injúria a quem os-sabe, e para mentir os-escreve; por todo o dinheiro da *Inglaterra*, não quizerá para mim a infâmia de quem taes cousas escreve.

Cahi a constituição do anno vinte, graças em parte ás diligencias que para isso fiseram, mais talvez por êrro de cabeça que de coração, a alguns dos que hoje, mais por êrro de coração que de cabeça, agonram á Carta não melhores destinos. Res-tabelecido, ainda que manso, o despotismo do *Sr. D. João VI*, emquanto nós-outros, os liberaes, gemiamos em segredo, medrosos dos mil ouvidos, e mil olhos da intendencia, multiplicavam-se em toda a parte aquellas estrondosas festas públicas, em que os gritos de viva e de morra são egualmente horrorosos. *Coimbra*, aonde eu então me achava, com os seos conventos, com a sua universidade, com o seo cabido, devia de se-estremar entre todas as cidades; e, emquanto, entre alaridos de sinos e estrépito de foguetes, o *Te Deum* virava a casaca, delineava-se nos paços reitoraes, por um ajunctamento de lentes e filhos de d'esembargadores, tríduo de capella com sermões, tríduo de luminarias com outeiro. Os sermões e as luminarias faceis eram, porque sete e frades não faltavam na terra; mas o outeiro, a não se-querer em

prosa, que essa em toda a parte abunda, apresentava a dificuldade de não haver poetas, e muito menos absolutistas.

.... *Cum tot ubique*

*Vutibus occurras....*

Lembrou-lhes o diabo em mal, que eu e meus irmãos versejavamos, e que em outeiros constitucionaes o-tinhamos feito; e procurando ao mesmo tempo desincantar, e trazer da parte de el-rei ao seo outeiro alguns poetas principiantes academicos, o reitor empenhou meo pae em fazer-nos apparecer. Meo pae, ornado de singulares virtudes, cheio de amor para com a sua familia, e amadurecido por largos annos de experiencia, amava no seo coração a liberdade, mas não era romano; e se a alguma coisa queria mais do que a ella, era a seus filhos. Livre ja do enthusiasmo e imaginação brilhante, que na flôr da mocidade tanto exaltam o homem, julgaria commetter um crime, se ás theorías liberaes que elle achava na sua rasão, mas que não accreditava se-realizariam em nossa vida, sacrificasse estabelecimentos e commodos que, fiado nas suas numerosas relações, esperou sempre de nos-obter. Se era ou não este o melhor modo de pensar, não o-sei, nem, ainda que o-soubesse, ousaria dissel-o; no tribunal do nosso inteadimento todas as auctoridades são processaveis, excepto um pae; e quando as nossas lagrimas ja têm corrido sôbre a sua sepultura, a sua memória se-nos-torna sagrada, como uma divindade sôbre a qual não nos-é licito levantar os olhos.

Antes de nos-expôr o desgraçado compromettimento de sua palavra, teve que oppugnar e vencer o

seo proprio coração; foram segredos que só muito tarde, depois do seo fallecimento, podémos saber da nossa mãe. Meo irmão *Augusto, Frederico de Castilho* e eu, apesar de todo o nosso respeito, de toda a nossa ternura filial, ousámos então, pela primeira vez, resistir-lhe, demonstrando-lhe em nós impossibilidade moral de realisar os alheios desejos, que elle nos-apresentava como seos. Depois de dado o primeiro passo, já lhe não era então possível retroceder. Insistiu: achou-nos sempre filhos, mas inabalaveis. Para ver se, de um modo airoso, conciliava o seo com o meo dever, propuz-lhe me-deixasse partir logo para uma quinta afastada quatro leguas da cidade, onde eu ficaria com o pretexto de doente: cedeu; e eu parti, com o coração cheio de amargura. Sobre meo irmão se-reuniram desde logo todos aquelles esforços que, repartidos até alli por dous, menos difficeis tinham sido de contrastar. As instancias de uma familia inteira, accrescendo ás ordens de um pae, produziam um d'aquelles espectaculos, a que a virtude mesma, sem desmerecer o seo nome, se-póde render. Meo irmão resistiu. Eu chamo para testemunha de tudo isto, não só a voz publica, porque desgraçadamente tudo isto transpirou, mas um homem que, por força, deve ser acreditado. O sr. *Joaquim Antonio de Aguiar*, então amigo íntimo de nossa casa, era admittido ao secreto da familia; elle soube tudo: direi mais, elle mesmo ajudou a combater a nossa constancia, e se mais ainda é preciso para tornar esta minha prova irrefragavel, eu que o-cito para dar uma sentença sobre a nossa honra, ao mesmo tempo lhe-declaro

que o não amo (\*), e que o não amo desde o dia em que o julguei renegado de nossos antigos princípios. Bem; eis-aqui agora factos para que o-chamo.

N'essas desgraçadas vésperas, intrando elle no quarto de meo irmão, o-achou a ler profundamente em Lucrecio aquelle passo com que tantos suicidas se-têm preparado contra os terrores da morte. Ouviu-o, escarneceu-o, e arrancou-lhe o pensamento insensato de renunciar a vida, para se-livrar do que elle julgava a sua deshonra. Convenceu-o de quanto era pueril o dar tanta importancia a uns versos, que de mais a mais se-podiam até n'aquella occasião faser, sem n'elles scandalisar o bom senso e a philosophia. Sim; tudo isso foi verdade, e meo irmão, ferido d'este raio de luz, rendeu-se. Restava eu. Tocado das lagrimas da minha familia, munido de cartas d'ella e do exemplo de meo irmão, o sr. *Aguiar* vai ter comigo em *Aguim*. Em uma salla da Quinta do Tanque, elle consome uma manhã toda para me-convencer, e eu volto com elle para *Coimbra*, não para festejar o absolutismo, mas para dar, do modo possível, e em grande público, um documento de liberal. Duas peças em verso sólto, e um soneto, foram tudo que n'aquelle outeiro fiz. A esterilidade do assumpto, tornado ainda mais sêcco pelas minhas restricções mentaes; a repugnancia com que trabalhava; e o apêto do tempo que mediou entre a minha chegada e o outeiro, foram parte para que estes versos me-sabessem, em minha cons-

(\*) E' necessario não perder de vista a data e o espirito do jornal, d'onde me-fui forçado arrancar esta prosa.

ciência o-digo, miserrimos. Acharam todavia grande favor em um auditorio, que n'essas tres noites se-mostrou tão liberal, que grangeou á cidade nada menos que a visita de uma alçada. Se os meos versos tivessem respirado servilismo, ¿ como teria eu tido a honra de ter por amanuense o sr. *Aguiar*, enquanto os-compuz? Nada quisera accrescentar a isto, mas não posso resistir á tentação de transcrever as seguintes Notas do lente de mathematica, *Sebastião Corvo*, em consequencia das quaes todas as poesias d'esse outeiro, de que se-imaginára faser um livro, deixaram de ser impressas; o autographo conservo-o em meo poder.

*Notas sobre as Composições do outeiro, por Sebastião Corvo.*

Nas reflexões seguintes não intendo, nem por sombras, accusar malícia alguma da parte dos vates; antes estou profundamente convencido da sinceridade, pureza de pensar, e bom ânimo d'aquelles senhores. E' por amor da própria utilidade d'elles, que me-arrisco talvez a desagradar-lhes, para evitar os effeitos de certa desconfiança, a qual já se-começou a desinvolver, mesmo no outeiro, em várias reflexões venenosas; e n'estas cousas o perigo está todo no princípio. Sôbre este particular conversei eu logo então com alguns dos dictos senhores, e fiz tal ou qual diligencia, para que isso chegasse aos ouvidos de todos; de sorte que não faço agora mais ou pouco mais, do que repetir o que ouvi n'essa occasião, e o mesmo, que eu disse com pequena diffe-

rença. Haja-se pois tudo isto por muito expressamente declarado, para que não tenha logar a mais leve suspeita contra mim, que eu certamente não me-reço.

Emquanto ao merecimento poetico das composições, direi sem lisonja, como já tenho dicto muitas vezes, que excederam grandemente, sem dúvida por eu não conhecer a pessoa dos auctores, ao menos como vates, a expectação, em que eu estava. N'este sentido tomei tão sómente a liberdade de apontar umas ninharias, as quaes absolutamente me-pareceu, que poderiam ter escapado na revisão; a saber: (*Seguem-se aqui algumas reflexões acerca do Sr. Judice Samora, e do Sr. Cunha e Carvalho. Estas composições que o Sr. Corvo reuniu debaixo do titulo — Sem Nota — acha elle que podem ser impressas. Seguem-se reflexões ás poesias minhas, e de meo irmão, que elle comprehende na seguinte rubrica :*)

*Composições, que não parece conveniente publicarem-se, ao menos nas doquaes circumstancias.*

(A) (*á margem N. 8*). Este Elogio (*não são versos meos*) para o fim, e mesmo no último verso, dá por desgraça occasião a parecer d'aquellas *Poesias Constitucionaes*, onde maliciosamente se-insinuaram a sua magestade uma especie de *conselhos ou advertencias asperas*, pondo mêdos com a sorte de alguns soberanos; e se-arrojava uma prégação perpétua contra a tyrannia: dizia-se bem da sua real pessoa, porém sempre, ao menos indirectamente,

muito mal dos reis e da realesa. E' certo, que em um Elogio dirigido a um rei, não se-diz mal de outros reis, por ser indecencia mais que manifesta. Isto até entre particulares é uma grande incivilidade. Além d'isso (falando figuradamente) todo o papel é branco em comparação da tincta de escrever, e comparação tal só pôde servir no elogio do papel pardo. N'uma palavra é necessario confessar, que com decencia e com gôsto, Neros e Calígulas nunca podem intrar no elogio de um soberano, especialmente como o nosso.

(B) (*á margem N. 5.*) Estes versos (*são versos de meo irmão*) logo desde o princípio, no seu todo, e várias partes, dão muito logar a interpretações sinistras, como as da nota precedente.

(C) (*á margem N. 1.*) *As basforadas catolicas* (*é o meo soneto — Todos livres*) de ambos os quartetos d'este soneto não entram em tal assumpto, senão para se-atacarem victoriosamente, e destruir-se de todo o seo pernicioso effeito; de outra sorte têm visos d'aquella chamada *Confissão de Voltaire*, onde se-publicaram descobertamente os seus erros, de baixo do fraco, e malicioso salvo-conducto de um: *Confesso que errei, n'isto, e n'est'outro*. As anticipações, que infelizmente existem, dão todo o logar a esta lembrança maligna.

(D) (*á margem N. 3.*) No elogio de um rei (*é a minha Meditação*) e por consequinte da realesa, não pôde vir bem a proposito o *indifferentismo politico*; isto dá muita occasião á malicia de juizos temerarios; e muito mais ainda aquella pintura, parece que feita de bom grado, de uma rebellião da

plebe romana, aonde sobressaem as côres do *enthusiasmo republicano*.

(E) (*á margem* N. 4.) Vinte e tantos versos de crimes, e penas de reis condemnados pela justiça dos céos (*é a minha Apparição de Fenelon*), parecem mais uma prégação doctrinal, mui fóra de proposito, do que um elogio. Isto lembrou no outeiro, com as malignas reflexões sabidas.

Eis-aqui em resumo o que me-occorre. E mais me lembra, por occasião do sonho último, trazer á memória d'estes senhores, que a desgraça de Fenelon na côrte proveiu de uma interpretação maligna d'esta qualidade. *Segue-se*

*Composições com algumas notas etc. etc.*

---

## A APPARIÇÃO.

.....poucos reis o inferno incerra  
Porque entre poucos se-divide a terra.  
*Gabriel Pereyra — Ulyssésa.*

.; Meia noite! Cançado o pensamento,  
E cheio o coração do amor da patria,  
Adormeço: ; Phantasma venerando,  
Que me-queres? quem és? d'onde has surgido?  
; Roupas sacerdotaes! ; na dextra um bago!  
; Quem és, pastor de espíritos? ; que aspecto!  
; Que surrir de pacífica virtude!  
; Que auréola de luz nas cãs pendentes!  
; Quanto céo, quanto amor no olhar, nas yoses!



; E's tu visão da mente allucinada,  
 Luminoso phantasma, ou vens do Elysio?  
 ; Ah! vens do Elysio! Eu te-conheço e adoro.  
 Dos reis educador, dos reis amigo,  
 Amigo das nações, eu te-abenço.

; Fenelon! Fenelon! ; Que nome, ó povos!  
 ; Com que suave orgulho o-repetimos!  
 Fenelon! Fenelon! ; Porque entre os louros;  
 Que ao tumulto lhe-dão canóra sombra,  
 Não vão todos os reis mudos sentar-se  
 A meditar cada anno um dia ao menos!

Com ar meigo e risonho o sabio velho  
 A dextra me-estendeu, e em tom de amigo,  
 =» Vem, meo filho, me-diz, segue os meos passos;  
 » Leio em teu coração, leio em tua alma,  
 » Tu amas a verdade, e ousas dissel-a;  
 » Odeias mais que a morte a vil lisonja,  
 » Queres de Lysia ao rei dar puro incenso.  
 » Vem pois; o incenso puro, o digno d'elle,  
 » Em vão por outra parte o-buscarias;  
 » Só para além dos tumulos, no Elysio,  
 » Na mansão da verdade é que se-colhe.  
 » O enflorado laurel, com que pertendes  
 » C'roar, poeta, a c'rôa do monarcha,  
 » Lá o-tens; accompanha-me, não tremas.  
 » Nos jardins de além-mundo as flores riem  
 » Formosas, immortaes, immarcessiveis,  
 » Como as sombras de heroes que alli vaguêam. \*

Da sacra aérea mão tocado apenas,  
 Sinto subito o ânimo arraiado  
 De interna luz insólita; sou livre,  
 Livre como elle das prisões terrestres,

Senhor de mim, dos seculos, do espaço.  
 Transposta a horrenda Styge, o Léthes mudo,  
 Eis se-abre á sua voz a brônzea porta,  
 Sem que ouse a nos-ladrear o cão trilingue.

Por entre povos de infelises sombras  
 Sanguinolentas, palidas, convulsas,  
 Que em tormentos de horror se-revolviam,  
 Fomos correndo: a abóbada de ferro  
 Retumbava c'o a barbara mixtura  
 Dos açoites, dos silvos das serpentes,  
 Dos ais, das maldicções, de tardas queixas,  
 Do clamor das Euménides raivosas,  
 Dos dentes a ranger, do pranto amargo,  
 E do fragor dos inflammados rios.

== »; Olha, me-exclama o conductor chorando,  
 » N'esses campos de horror, sem fim, sem fuga,  
 » Vê que de povos réos se-estão carpindo!  
 »; E estarão sempre! A imparcial justiça  
 » Na terra a-procurais, e ella aqui mora.  
 »; Não vês por este oceano de infelises,  
 » Alguns, de longe a longe, em quem das furias  
 » Os açoites mais rípidos estalam?  
 » São esses os Calígulas, os Neros,  
 » Os reis... que o sceptro em clava transformaram,  
 » Bebedores de sangue; outros, no luxo,  
 » Ao som dos ais da patria.... adormeceram;  
 » Muitos, de insano amor escravos torpes,  
 » De amadas entre as mãos depondo o sceptro  
 » Pagaram co'o seo povo os seos praseres;  
 » Muitos, não vendo nume em céo sem raios,  
 » Ousaram, vís hypocritas, fingir-nos  
 » Um deus a seo contento e á sua imagem,

„Um deus por quem os principes nefandos  
 „Reinavam, que fadára a especie humana  
 „A escravidão e ás trevas da ignorancia;  
 „E ao alphange, ao patibulo, á fogueira  
 „Mandaram propagar esse ímpio culto:  
 „Sancta religião, teo véo sem mancha  
 „Assim foi pelas mãos do fanatismo  
 „Incobrir a política oppressora.  
 „Muitos, ebrios de glória, (¡ oh glória! ¡ oh nome!)  
 „Para pascor seos olhos insolentes  
 „, Disseram, ide, exercitos, ser paga  
 „, De um trophéo que nos-orne a régia estância.  
 „, Não os-vês? pelas penas os-procura;

.....  
 „, Não pelo trajo: as pú-puras não passam,  
 „, Não passam c'rôas para cá das campas;  
 „, Saiâmos já das lóbregas moradas,  
 „, Horrendo ingresso ás regiões piedosas. „  
 ¡ Eis o Elysio! eis o Elysio! esqueceu tudo.

Aura pura e vital, clarão sereno  
 Nos-restaura, nos-enche, e nos-consola;  
 ¡ Tudo é júbilo, amor, delicias d'alma!  
 De arvores immortaes ondêam bosques,  
 Sonoro imperio de mais bellas aves.  
 Atravéz de planicies de ambrosia  
 Mana, em rios, caudaes, o leite e o nectar.  
 Em sua veia, em suas margens de ouro  
 Sob as verdes abóbadas frondentes,  
 D'onde chovem o mel, o incenso, as flores,  
 Perenne côro de gentís sereias  
 Aos dignos de renome altêam hymnos.  
 Cada um tem a sua: emquanto vivo,

Teve-a dentro; é seo nome — a consciencia. —  
 Flores, sem nome em linguas de viventes;  
 Brilham por toda a parte, intertecendo  
 Alcatifas, pyramides, grinaldas,  
 Grutas, palacios, thálamos, cabanas.  
 Tudo é risonho, harmonico, suave,  
 Perfumado, fecundo, enlêvo, festa.

„ Segue-me sempre, me-bradou meo guia. „

Segui-o — ; Salve Elysio dos Elysios,

Monte ineffavel, nem sonhado a vates;

Triumphal Capitolio, sem Tarpeia;

Mansão dos heroes maximos! “ Detém-te „

Me-diz, parando, o conductor: — „ Chegámos:

„ Não te-é dado ir ávante. Aos extremados

„ D'entre a turba dos optimos, a elles

„ Só, pertence este sítio: olha a cidade

„ Pomposa de palacios diamantinos,

„ Sua eterna vivenda: a minha ( ; graças;

„ Graças aos numes bons!) lá está no cume;

„ Por entre os loureiracs, em cujas folhas

„ MENTOR, MENTOR! os zéphyros susurram. „

„ Logo á hora em que nasce um genio grande,

„ Aqui mãos invisiveis lle-assignalam

„ Seo alcáçar futuro: mas a traça

„ Da architectura, a vastidão, a altesa,

„ A escolha da materia, estão pendentes,

„ Sem n'ó elle presumir, do seo arbitrio:

„ Cada acção que lá faz digna de premio

„ Troca-se em preciosa pedraria,

„ Que vem ser parte á fábrica glemne:

„ E á hora do expirar... o exemplo novo

„ Que então dá, fecha a abóbada; retinem

„ Vivas em todo o Elysio, e elle apparece. „

Disse, e me-foi mostrando, uma por uma  
As estâncias dos principes d'outr'ora,  
Que deram leis, virtude e gloria á terra.

Por sôbre cada portico brilhava  
De um semi-deus o nome. Uns inda vivos  
Na tradição, na história e nas saudades;  
Outros sepultos co' as nações sepultas.

— „ De novo morador poucas deviso ! „

„ — Poucas „ me-tornou elle, e vi fugir-lhe  
O pereenne sorrir dos labios mudos ;

Mas recobrando-o logo : — „ Alça teos olhos  
„ Ao cimo... além... ao cimo... á dextra parte

„ Dos lares meos, bradou, entre a pousada

„ De Tito, o bemfasejo, e a do meo Numa,

„ Que lá está sobre o thálamo de rosas

„ Co'a sua Egérie ao lado. Entre elles, surge,

„ Com assombro dos dous, outra vivenda,

„ Que bem vês d'hora a hora estar crescendo :

„ E' o lar de João, do rei dos Lusos ;

„ Este sempre, benigno, ha-de seos povos

„ Accumular de bens, incher de glória :

„ Artes, sciencias, brilharão por elle :

„ Em ti-mesmo, em ti-mesmo, obscuro vate,

„ De seo amor, de seo amparo ás musas

„ Eu vejo estar brilhando um claro annúncio : (1)

„ Será de Lysia amor, do mundo inveja,

„ Oh ! se me-fôra lícito mostrar-te

„ Futuros que no ânimo insoffrido

„ Me-estão fervendo... Basta : ao mundo volve,

„ Conta o que has visto ; incredulos não temas :

„ Dize que Fenelon só foi teo guia ;

„ Para te-darem fé sobra o meo nome. „  
 Cheio de espanto, de praser absôrto;  
 Corro, e busco beijar-lhe as sacras vestes:  
 Busco tres vezes abraçal-o ao peito,  
 Tres vezes me-fugiu ligeira sombra:  
 Cheio de sancto horror, tremendo, accôrdo:  
 E em characteres indeleveis sinto  
 Na alma impressa a visão, que excede os sonhos  
 ; Lusitanos, folgai! Jamais se-apague  
 Em vossos corações tão fausto agouro.

---

NOTAS.

(1) Não por vaidade de talento, que não ha em mim onde a-assentar, mas só por ambição de agradecido, quero registaraqui, para crédito do monarcha dadivoso, o decreto com que, para me-exforçar de preencher as esperanças que de mim se-tinham áquelle tempo, e que tão imperfeitamente vingaram, sua magestade me-fez mercê de pão abundante para toda a vida; graça, que, a ter ainda hoje effeito, me-dispensaria de desbaratar em trabalhos cançados, desluidos e morredouros, a maior e melhor parte da poetica substância, que ainda me-resta: *Dís aliter visum.*

---

*Decreto de mercê feita a Antonio Feliciano de Castilho.*

Por effeito da minha real munificencia, em attenção ao distincto talento, que tem manifestado *Antonio Feliciano de Castilho*, e á grande applicação com que se-dedica ao estudo das sciencias na universidade de Coimbra: Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade de um dos officios de escrivão e chanceller da correição de Coimbra, que se-acha vago, não tendo ficado filhos legitimos do ultimo proprietario: e sou outro sim servido conceder-lhe faculdade para nomear serventuario; sendo pessoa apta e approvada pela mesa do desembargo do paço. A mesma mesa o-tenha assim intendido, e lhê-mande passar os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1819.—Rubrica de Sua Magestade — Registrada a fl. 26.

## MEDITAÇÃO.

RECITADA NA SEGUNDA NOITE.

Quare fremuerunt gentes, et populi  
meditati sunt inania? Adstiterunt reges  
terræ, et principes convenerunt in unum.

Psalmo II.

Quando o genio mortal, arrebatado  
De fervente, de audaz philosophia,  
Se-abalança a gyrar no inextricavel  
Labiryntho moral da especie humana,  
Vai sem guia, sem norte, esvaziando  
Por trevas densas, que a razão não gasta,  
Em suave planicie enxérga ao longe  
Larvas brilhantes de risonho aspecto;  
Alli corre, alli pára, exulta; e lança  
Sobre a movel areia as amplas bases  
De alta constituição que illustre os povos,  
Os-melhores, os-contentes, os-felizes.  
Raciocínios, não homens estudando,  
Social perfeição tocar presume:  
Fortuna, a primogenita do Eterno,  
O-pune da ousadia; as asas bate,  
E o pomposo edificio eis que se-abysma.  
Fugiu, desfez-se em nada o mentiroso  
Tropel de larvas de risonho aspecto.

De govêrno em govêrno os povos gyram;  
O insaciavel coração não dorme:  
Monarchia, republica, tyrannos,  
Tudo houve em Roma, e Roma descontente!  
A moral perfeição... ventura a todos,  
! Quem pôde afoito promettel-a aos povos?

; Homem ! tu podes pôr um nome aos astros,  
 Conhecer suas órbitas immensas,  
 Forçar a terra a se-cobrir de fructos,  
 Das bravas feras subjugar as furias,  
 O raio ardente dirigir na queda,  
 Torcer o curso aos caudalosos rios,  
 Rasgar o seio dos sanhudos mares,  
 Voar aos gêlos, que amontôa o pólo,  
 Subir aos ares transcendendo as nuvens,  
 Baixar da terra ás lóbregas intranhas;  
 ; Homem ! tu podes tudo, o Eterno o-soffre;  
 Mas o Eterno não quer, mas tu não podes  
 Teo proprio coração tornar contente.  
 Velam sobre o universo olhos supremos :  
 Na mão do creador se-volve o mundo,  
 Elle nos-vê, nos-ama ; os seus mysterios  
 E' defeso sondar. Pára, recúa,  
 Philósopho, ante o deus, auctor dos homens.  
 ; Podes tu mais do que elle ? ; A' providencia  
 Podes suster o insuperavel curso ?  
 ; Teos projectos não vês, não vês que abortam ?  
 Nascido em Spartha, cidadão te-ostenta  
 Sublime, audaz, republicano altivo.  
 Nascido em Roma, nos formosos dias  
 De um sabio Numa, a realesa adora.  
 Segue a Pompeo nos tranes da Pharsalia.  
 Cumpre as leis, serve á paz, e ao bem da patria,  
 ; Mas inda descontente, inda murmuras !  
 Nas do govêrno variadas fórmas  
 Só uma aos olhos teos pôde ser justa,  
 Conforme á natureza e boa aos povos....  
 Volve os olhos, philósopho, procura



Mais cauta luz nas margens do Tâmisá.  
 Britannico Nestor, que tu veneras,  
 La te-dirá: — «Cada nação repute  
 »Pelo melhor o seo govêrno antigo:  
 »Tem cada um seo gênio, os seos principios;  
 »Moral, virtudes muita vêz oppostas.»  
 ; Como ha-de o velho, á monarchia affeito,  
 Pequenos cidadãos republicanos  
 A' patria apresentar? ; Como ha-de em Roma  
 Crear vassallos, que subjêite a Cesar,  
 Um severo Catão? ; como creal-os  
 Um povo inteiro, a cujos pés cem vezes  
 Se-abateram no pó lictoreos feixes,  
 E a alta cerviz os consules dobraram?  
 Subjugar-se tentou Roma orgullhosa,  
 Mas viu-se o Povo abandonar seos muros,  
 Diser sem custo adeus aos patrios numes;  
 Co'os tribuños á frente, e celebrando  
 Da republica o nome em sacros hymnos,  
 Ir-se abrigar nas proximas montanhas,  
 E alli gosar de Roma entre os desertos.

Fallae, pendões do liz, leões da Iberia,  
 Lusas quinas, fallae: ; que pro! surtiram  
 Em tôrno a vós pregões da liberdade?  
 Co'o brilho, estrondo, e rapidez do raio  
 Ella ha passado; e novamente o sceptro,  
 Qual desde priscos seculos se-víra,  
 Se-vê na mão dos reis. — ; Salve tres vezes  
 O' de pod'rosos reis pod'roso filho!  
 ; Do povo mais fiel, do mais submisso,  
 Grande, augusto senhor: em paz repousa  
 Seguro á sombra dos herdados louros!

## SONETO.

*Recitado na terceira noite.*

MOTE.

*Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.*

Todos livres, egunes todos nascêmos;  
E' lei, virtude, instincto a liberdade.  
Não quer ferros quem busca a sociedade;  
Homens servir a homens não queremos.

Alma, raio do céo, todos nós temos;  
Sobre nós só a lei e a divindade.  
; Servir ou morrer deve a humanidade?  
Morra: escolha o melhor dos dous extremos.

Assim bradou Catão republicano,  
Prestó a soltar o espirito nos ares,  
Depois de Roma extincta, inda romano.

Volve Catão dos tenebrosos lares,  
Dirás, vendo o monarcha lusitano:  
*Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.*

Ahi diante vai agora uma cousa, chamada *ode*, porque enfim algum nome se-lhe-havia de dar. E' paródia da XIII do 1.º livro de Horacio, a qual por isso me-pareceu bem pôr-lhe em correspondencia. Se o eu não fizesse, raro leitor poderia acarear a imitação com o original, porque Horacio, que tinha a basófia de se-persuadir que nunca havia de morrer de todo, ja se-acha, não só morto e condemnado, mas interrado, perdido e pôsto em esquecimento. Uma ode sua, quando por algum acaso, como este, apparece agora, faz a estranheza de cousa nova: é o que sempre acontece com o muito antigo: é como quem desincanta um osso de mastodonte.

Por mim confesso, que do perdimento, em que vão cahir totalmente dentro em pouco os poetas romanos, tenho pena: era outra religião, outra civilisação, outra gente, não ha dúvida; mas conheciamos tudo aquillo: na eschola nos-tinhamos naturalisado romanos com os nossos mestres, que o-eram como Scipião e os Gracchos; e tão cren-tes, que não datariam senão por kalendas, nonas e idos. As nossas primeiras noções aquellas foram. Brincámos, crescêmos com Rómulo e Rêmo, e ainda os-vimos mamar na loba, que pôr signal era ruiva, na margem do Tibre, alli onde estava uma figueira. Assistímos á primeira fundação da aldeóla de Roma; ás suas primeiras brigas de feiras, chamadas batalhas; ao seo rapido adolecer; á formação de sua indole nacional; ás suas ambições sem limite convertidas em realidades; á transformação das suas rústicas virtudes em vícios esplendidos, em crimes sellados com o cunho da grandiosidade. Os nossos primeiros affectos, n'aquella idade, em que se não pôde amar senão no vago, á luz da história romana e ao calor da romana poesia, se-desinvolveram e floriram. Qual de nós não assistiu pre-

sencialmente ao rapto das sabinas? não esperou, com o coração a pular-lhe, o signal do rei no meio do espectáculo para ir tomar a sua, que de certo não era a mais pècca? ; Quem se não lembra de que estava em casa de Lucrecia n'aquella mal-estreada noite da visita do primo Tarquinio? ; Quem se não recorda de se-ter achado muita vez no circo, ao pé da tribuna das vestaes, e com alguma d'ellas interrado vivo no fundo do sepulchro vasio entre a lanterna, um pão, e uma bilha de água? ; no Egypto com Marco Antonio, á mesa de Cleopatra, quando ella ingoliu a pérola? ; e n'aquellas festas escondidas da deusa Bona, tão appetitosas para rapases? ; e nas de Venus, que não carecem de epíteto, e nas de Flora, e nas campestres das nymphas das árvores, das fontes e dos rios? E direi mais, porque é verdade, ; qual é de nós o que n'esses dias d'entre puerícia e juventude, cathequisado pagão pelo Chompré, e confirmado tal pelo seo Tibullo, Propercio e Ovidio, não contemplou com anciedade a lucta do christianismo recém-nascido e coroadó de espinhos com o paganismo velho e coroadó de flores: ; e mirão contradictorio d'aquelle indeciso jôgo, não favoreceu com um certo desejosinho secreto aquillo mesmo que aliás reprovava com o intendimento?

... .. *video meliora, proboque,*  
*Deteriora sequor* ... ..

Isso que succedeu a todos os que ainda estudámos latim, tambem ja havia passado pelos nossos poetas velhos, d'onde veio sahirem todos elles, no que escreveram, tão pagãos como um arúspice; e, quando não, lá está o Camões, que ha-de ser o que sempre em tudo se-ha-de citar: baptisado tinha elle sido, mas quem o-procurasse achar, havia de ser n'um banho da Castalia ou da Aganype.

Depois dos poetas romanos vieram pois estes poetas romanisados, radicar-nos ainda mais n'aquellas primitivas

afeições, tão casadas com a idade em que as-tomámos, e tão de lembrar e suspirar para as que de apoz se-vão seguindo; depois, a mesma terra, onde morámos, fez para aqui muito — que toda ella foi romana — e o-está confessando nas ruínas de edificios, nas reliquias de dinheiros e de artes, em parte da legislação, em quasi todas as superstições e usanças populares, e bem podêmos diser, na totalidade da linguagem, cujas palavras, ainda as que me nos o-parecem á primeira vista, são latinas, e semi-latinas as conjugações, as phrases, a construcção, as figuras e allusões, e não poucas das joyas postiças de proverbios e anexins. Ora depois de tudo isto, quererem que atiremos todas as latinarias ao diabo, para nos-ficarmos só com um ou dous generos de antigualhas menos antigas e não sei se-accescente que de menos substância poetica, as gothicas, por exemplo, e as mouriscas, parece-me que não é bem; ja porque emvez de ampliar cabedaes é restringil-os, e ja porque é mandarem-nos renegar o que nunca de todo se-renega, que são as phantasias que nos-incheram o coração na primavera da vida.

Se esta prosa parecer sobeja para a pouquidade do assumpto, que a-suggestiu, peço que a-recebam como explicação e defesa adiantada de alguns versos meos latinos, com que, pelo discurso d'este volume se-virão a encontrar; versos que eu bem podia ter deitado ao lume, como outros muitos, visto o como vão os tempos para este genero de fasenda, mas que assentei em salvar, por ter sido esta a lingua, em que primeiro versejei, e a que por isso sobre todas me-recreia; e tambem para que meos filhos, incitados por este documento, ponham peito a sabel-a mais devéras do que hoje se-costuma, porque sem muito de latim não creio eu na possibilidade de haver nem muito pouco de portuguez.

## AD REMPUBLICAM.

*Quinti Horatii Flacci.*

LIB. I, OD. XIII.

¡ O' Navis, referent in mare te novī  
 Fluctus ! ô quid agis ? fortiter occupæ  
 Portum ; ¡ nonne vides, ut  
 Nudum remigio latus ?

Et malus celeri saucius Africo  
 Ant-nnæque gemant ? ac sine funibus  
 Vix durare carinæ  
 Possint imperiosius

Aequor ? non tibi sunt integra lintea ;  
 Non Dî, quos iterum pressa voces malo,  
 Quamvis Pontica pinus,  
 Silvæ filia nobilis,

Jactes et genus et nomen inutile :  
 Nil pictis timidus navita puppibus  
 Fidit, tu, nisi ventis  
 Debes ludibrium, cave :

Nuper sollicitum quæ mihi tædium,  
 Nunc desiderium, curaque non levis,  
 Interfusa nitentes  
 Vites æquora Cycladas.

## AO ESTADO,

*Intrando para ministro o Conde de Bastos.*

ODE PARODIADA DA XIII. DO LIV. 1.<sup>o</sup> DE HORACIO.

! O' Nora, novo burro escoicinhando  
Te-vai metter em asoinado gyro!  
! Oh, que fases? ! vais dar teo cabeçalho  
A orelhudas cabeças!

! Não vês como os calabres te-despiram  
Dos alcatruses que regavam hortas,  
Atando-te outros que entre si se esguicham  
Sem deitar nada fóra!

! Não vês como os suões que te-hão zurrado  
Te-racharam as rodas? ! como se-abrem  
Os eixos com caruncho? As noras velhas  
Ja não são para danças.

Não tens calabres sãos, nem carpinteiro  
Por quem chames cahindo escangalhada,  
Bem que eras de bom páo; de antiga mata  
Bem que te-chames filha.

Nada fia um quinteiro que é prudente  
Em vêr pintado a oleo o ingenho podre;  
Se não queres cabir esbandalhada,  
Tem cuidado co'o burro.

## ELEGIA PRIMA.

AD MUSAM QUOD LATINE SCRIBERE INCIPIAM.

Nunc nova Castalides repetamus carmina Musæ,  
 Carmina non patriis emodulanda sonis.  
 ; Ecqua data est toties patrio sermone canenti  
 Gloria? ; quæ nostris laureaserta comis?  
 ; Quid Nymphas profuit, quid nos silvestria Faunos  
 Agmina, quid vernas concinuisse rosas?  
 Et juvenum curas modulis, et pocula Bacchi  
 Me frustra docuit Teia Musa Senis.  
 Nequicquam in Tragicis ausus prodire cothurnis;  
 Vel duo, vel nemo carmina Lusa legit.  
 Jam pudet exactorum sic sine honore laborum!...  
 Tende, precor, doctum, Musa Latina, chelyn.  
 Me juvat in Latii perfundi fontis humore;  
 Insequor et lauros, Naso poeta, tuos.  
 Non patrii post hac visurus culmina Pindi  
 Auferor, iafrendens destituoque solum.  
 Jam steriles valeatis agri, et vos mœnia Mondæ,  
 Quique Tagum colitis, barbara turba, Getes.  
 Altera me revocant jam Numina; Numina fas est  
 Ut sequar, et nutus, aurea Fama, tuos.  
 Ergo meæ ventis cymbæ date carbasæ, Musæ,  
 Gloria quo nobis æquore monstrat iter.  
 Vos, zephiri, adspirate fugæ, adspirate secundi  
 Vosque adeste salis cœrula turba Deæ.  
 Jam me Romano currentem pectine chordas  
 Adspicient populi, quæ patet usque solum.



Et me jam noscent gaudentes Tibridis undæ,  
 Et Rhodani, et fluctus, maxime Rhene, tui.  
 Sequana me capiet, Nilus, Tanaisque nivalis,  
 Et Thule, et primo littora clara die.  
 Solve ratem jam, Musa fugax, vos, quos ego linquam,  
 Este salutati tempus in omne mihi,

---

## ELEGIA

IN NATALEM MEUM.

Sidera carminibus veniunt dignissima festis,  
 Sidera per nostras adnumerata dies.  
 Jam mihi post quintum subiit lux tertia lustrum,  
 Candida natali concelebranda meo.  
 Ergo agite, et læto perfundite pocula Baccho,  
 Excitet ut festum tristia corda merum.  
 Quisquis es, obductis cui mens male nubibus horret,  
 Hinc abes, ó nostris inficiande jocis.  
 Ite procul durum, curæ genus, ite, labores,  
 Omnia nascenti neuquid acerba ferat.  
 At vos et violis mensas, et spargite lauro  
 Limina, dum referunt myrtea sarta Lares.  
 Jam decet inducta redimiri fronde poetam,  
 Et dare Numinibus jam bona musta bonis.  
 Parce Deum genitor, vos parcite numina Ponti,  
 Quique cruentata, Mars, geris arma manu;

Parcite vos cuncti, quibus est non rustica cura;  
 Quid mihi vobiscum est? Rusticus arva colo.  
 Sed vos, ó Nymphæ, adsitis, mea gloria, Nymphæ,  
 Spernite et arboreas, candida turba, domos,  
 Et sacros fontes, et gratis flumina ripis,  
 Pictaque purpureis floribus antea suis.  
 Necnon arborea Cybele de fronde revincta,  
 Et, quæ custodit paschua læta Pales,  
 Flava Ceres, Bacchusque pater, Faunique bicornes,  
 Et Flora, et quotquot numina campus habet.  
 Sed vos ante omnes nostris succedite tectis,  
 Thespiadum castæ, turba novena, Deæ.  
 Tempus adest votis; sacro intremuere Penates  
 Adventu, et sensi corde micante Deos.  
 Jamque, precor, taciti linguis animisque favete,  
 Nam fas est humili verba referre sono.  
 Dique, Deæque omnes, quibus est mea rura tueri  
 Cura, quibus placeo simplicitate meâ;  
 Quos ego jam posito revoco ad convivia libo,  
 Dum viget integris alma juventa rosis;  
 Vos facite, ut quotquot dederint mihi fila Sororum  
 Tempora, seu juveni, seu tribuenda seni,  
 Semper apud nostros lætetur Musa penates,  
 Sanctaque libertas, purpureusque pudor;  
 Ut circum modulentur aves, ut grandia pleni  
 Poma habeant rami, paschua semper oves.  
 Nec desint æstate umbræ, zephyrique nemusque,  
 Nec careat pleno bruma severa foco.  
 Nam mihi divitiæ, paupertasque improba sordent,  
 Vos date me parca simplicitate frui.  
 Mens sana, et sanum corpus: sint semper amici;  
 Quos inter vates adnumerare velim.

Exulet a tectis, aditus vel nesciat istos  
 Qicumque aurata struxit in urbe domum.  
 At famæ imprimis rumor exulet, impleat urbes,  
 Magnorumque canat magna tropœa ducum,  
 Fortia facta virum, casusque et nomina regum,  
 Aut populi tristi jura relapsa vice.  
 Quid juvat agrestem, quarum non indiget, arces  
 Noscere? me silvæ, me casa parva capit.  
 Sit nobis tantum curæ, quid proferat arvum,  
 Quod solvat partu fæta capella suo;  
 An soles, nimbive juvent, an fertilis annus,  
 Quærere; quo crescat vinea læta jugo;  
 Vel quibus incisa decerptos cortice ramos  
 Inserere arboribus, tempore quove, novos.  
 Area parva quidem laudi, sed maxima nobis,  
 Tuta quibus satis est munera habere deûm.  
 Sed quid ego invideam luxum, quid sceptra tyrannis?  
 Læta redit semper nox mihi, læta dies.  
 Nec timeo quo se vertat fortuna, nec amens  
 Tela puto jamjam per latus ire meum.  
 Hic me nemo timet, vigili nec milite servor,  
 Janua, dum carpo somnia, nostra patet.  
 Quod vescor, nutritiv ager, quod vinea, poto,  
 Defluit arboribus mensa secunda meis.  
 Non mihi gestantur bis tinctæ murice lanæ,  
 Sed mea quam nigro tegmine portat ovis;  
 Vidi ego, quæ traherent de colo fila puellæ,  
 Atque inter cantus crescere noctis opus.  
 Aureis ille rotis, veste spectabilis aurea  
 Pervolet, ut circum quisque miretur opes;  
 Et plateæque, forumque tönent spumante quadriga,  
 Centum equitum currat post sua terga manus.

Nos, ubi libuerit, lenti spatiabimur umbra;  
 Neque meos gradus qui notet ullus erit.  
 Tytirus in pratis formosus obambulat ipsis,  
 Et mecum repetit, quos dedit ante, sonos;  
 Et modo Gessneri, modo dulcia carmina Quittæ  
 Ad ripam canimus prætereuntis aquæ.  
 Inspirant violæ, vocat aura, nemosque subire  
 Suadet, ubi ad cantus stat philomella suos.  
 Inde pedes quocumque ducent, sine lege vagamur,  
 Aut sedeo, aut dulcis lumina somnus habet.  
 Quid nimis? ergo agite, o divique, deæque colentur:  
 Neve preces referant ventus et aura meas.  
 Hic sinite optata labi mea tempora pace;  
 Me tegat ista, precor, terra beata piæ.  
 Olim forte aliquis montana cacumina cernens,  
 Queis nostri quondam delituere lares,  
 Vos, dicet, valeatis, agri, quibus ossa poetæ  
 Maxima condit humus, nec lapis ullus habet.  
 Quali acumque estis, vos jam, loca sacra, verebor,  
 Queis fas felicem condere posse virum.

---

## VERSOS

*Escriptos no Album de Miss Martin, na véspera de  
 seo embarque para Londres, onde se-havia  
 de demorar por alguns mezes.*

Dos anjos, irmãos teos, o côro léve  
 Te-siga pela undosa immensidade;  
 E lá na patria e na tornada breve  
 Te não deixem soffrer mais que a saudade.

Não imprimiria este soneto, á conta do seo cruissimo desabrimento, principalmente agora, que tantos annos passaram ja, depois de absolvido pelo infortunio o objecto d'elle, se, no tempo em que temerariamente o-mostrei a poucos amigos, se não tivessem espalhado cópias d'elle pelas mãos de todos os liberaes. Não o-posso anniquilar: registo-o, para ao mesmo passo ficar registada a reprovação, que nunca deixarei de dar a semelhantes abusos da exaggeração poetica.

## AO USURPADOR

*Nos dias da sua omnipotencia.*

- „ ¡ A' vante! calca o povo lusitano.  
 „ Paue-o da culpa de te-crer sincero.  
 „ Sê benigno co'os mãos, co'os bonssevero :  
 „ E o throno assenta no terror, no engano. ”
- „ Nem vestigio sequer ja tens de humano :  
 „ Em poucos dias excedeste a Nero.  
 „ Filho algoz, vil Caim, perjuro, féro,  
 „ ¡ Parabens! ¡ triumphaste, impio tyranno! ”

O hymno das furias, seo hosannah, é este :  
 E se cabe o praser no abysmo eterno,  
 Monstro dos monstros, ¡ que praser lhe-déste!

Mas ha, mas vella um árbitro superno ;  
 Se ao som dos ais da patria adormeceste,  
 Ao som do raio aecordarás no Averno.

---

## O SACRIFICIO A CAMÕES.

### *Advertencia.*

O seguinte poemeto foi scismado em Lisboa, onde negocios urgentes me-trouxeram a furto do meo esconderijo na residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, quando a perseguição a liberaes, no reinado de D. Miguel, campeava mais accesa. O saudoso alto da freguezia das Chagas, onde tão bons dias de infancia e primeira mocidade havia passado, me-inspirou isto e muito mais, que não coube na escriptura. Eram tempos maos; e comtudo da noite até deshoras em que me-pasci n'estes pensamentos, parece-me que tambem agora estou sentindo saudades.

---

### POEMETO.

Depois de tanta ausencia, eis-me sentado  
Na conhecida pedra, em face ao templo  
Que ri de longe ao marinheiro luso!  
Aquellas são as árvores: oh troncos,  
Troncos da minha infancia! aquella a torre  
Dos tão sonoros, tão contentes sinos!  
Eis la em baixo o Tejo: cá se-ostenta  
A chusma de apinhados edificios.  
Alvejai para mim, como alvejaveis,  
Edificios da patria; e tu fulgura  
Sob a lua eminente, amigo Tejo.

; Oh que formosa lua a de Ulysséa !  
 Esta sim, esta intende-me, conversa,  
 Tem coração, espirito, saudades,  
 Devaneia, suspira. Astro fagueiro,  
 Quem nos-mudou assim ! vi-te outro tempo  
 Brilhar sôbre estes muros, como um lustre  
 De opulento festim : hoje assimelhas  
 Meditabunda luz sôbre sepulchros.  
 Então, apoz o dia afadigado  
 Me-hospedavas aqui, n'esta hora mesma,  
 Por baixo d'estas árvores festivas,  
 Com musicas e amor, com dança e versos ;  
 Inda hoje cá me-attrahe ; mas solitario.  
 ; Eis o estio ! o passeio vai deserto ;  
 Os assentos são nús, e este ar é mudo.  
 Inda os nossos segredos se-confundem,  
 Astro gentil ; mas quão diversos hoje !  
 N'esse commércio nosso antigamente  
 Tudo eram bens e jubilos ; agora  
 Somos nós dous amigos, que se-abraçam  
 Para carpir sôbre commum desastre.  
 Lua, ; não te-restar um só d'aquelles  
 Raios de tanto amor ! ... uma só aura,  
 Minha amiga, uma só, que em seo carinho  
 Me-enxugasse estas lagrimas teimosas ! ...

Embora : corram livres e abundantes  
 De-de as raises da alma, origem sua.  
 A minha alma está triste, igual á chamma,  
 Que arde encolhida e que palpita a medo  
 Ao pé do moribundo em tardas horas ;  
 As trevas invejosas mais de perto  
 A-investem cada vez, fluctuam, crecem ;

Vem, fogem, precipitam-se, triumpham  
 ; A alampada expirou ! Taes se-me-apinham  
 Emôrno da rasão medrosa e incerta,  
 Das desgraças da patria horrendas sombras.  
 ; Ah ! se a rasão tambem lhes-succumbisse !

Fugir, com o coração rasgado e morto,  
 De lutos campos, que assolavam lutos;  
 Vir buscar um consôlo, onde cuidava  
 Que a polidez, o luxo, e os restos grandes  
 Da alta opulencia antiga encobririam  
 Os ais da dôr e a palidez da fome;  
 Vir buscar illusões dos bens na falta  
 ; E achar mais fundo horror !... que alma de ferro,  
 Tanto mal, sem tremer, contemplaria !  
 Por estas horas, um susurro alegre  
 Animava tudo isto. Eram torrentes  
 De esplendidos frisões, troantes coches,  
 Que abalavam as ruas inundadas  
 De mil vistosos, mil contentes ranchos.  
 Pelas francas janellas trasbordavam  
 Luz, voses, riso, canticos, ventura.  
 De povo estuavam fulgidos theatros.  
 ; Ah ! penuria e terror mudaram tudo !  
 Os bailes e espectaculos trancados  
 Em muda noite dormem : não respiram  
 De uma só casa as voses da alegria ;  
 Os laços sociaes se-espedaçaram,  
 O cidadão dos cidadãos se-esconde,  
 O homem entre homens solitario geme.  
 Tornou-se crime a voz e o pensamento,  
 O amor da patria reo, dever o opprobrio.  
 Nos profanados templos retumbaram



Os pregões de Baal; e em face ao Christo,  
 Seos ministros, impunes, premiados,  
 Mentem aos céos, á terra, á consciencia;  
 Vertem da lingua fel, blasphemia, embustes;  
 Como orvalho celeste imploram sangue;  
 E esquecido o evangelho e a charidade,  
 O odio, as vinganças, o alcorão voceiam.  
 Peja a innocencia os carceres; a honra  
 Vai com ferros aos pés varrendo as ruas:  
 Os tribunaes só velam para a morte;  
 Nas praças atterradas não descansam  
 Os cadafalsos, as vorases pyras;  
 O algóz recebe dons, e escuta applausos;  
 E os argos do poder, sem fim, sem conto,  
 Espiam, colhem, levam de contínuo  
 Ao genio assolador materia nova.  
 Tal jaz este gigante das cidades,  
 Tal lhe-roe nas entranhas renascentes  
 Eterno abutre de implacavel fome.  
 ¡Patria, patria, e nem ais se quer nos-deixam!  
 Cala-te, coração; não me-recordes  
 O tempo, em que toda esta Lusitania,  
 Era digna do sol que a-faz tão bella!  
 Respiravamos n'ella uma harmonia  
 Da terra e céo, da natureza e do homem.  
 ¡Quem previu tal futuro! Assim folgava  
 Pompeia, e ja nas lavas do Vesuvio  
 Lhe-vinha a morte, a campa, o esquecimento.  
 ¡Vede o Tejo qual vai! é este o somno  
 De um monarcha em grilhões. Emfim cahiste  
 Com tuas cãs, impario do universo.  
 De tanta glória, tanta vida e tanta,

Só dura uma lembrança dolorosa  
 Nos cantos do Camões. Se o patrio nome  
 Não tem de se-perder na culta Europa,  
 Nem de sumir-se pelo mar dos tempos,  
 E' que esta anchora o-agarra á eternidade.  
 Eis como envergonhando a patria ingrata  
 Se-vinga o Bardo heróe; votou-lhe em vida  
 A lyra, a espada, o amor; e inda não farto  
 Manda seo genio vigiar-lhe os louros.  
 ; Coubesse na alma grande outra vingança!  
 Que victima a-applacar-lhe a campa humilde  
 Um reino, todo, em lagrimas, em ferros!  
 Olha a torrente aurífera, que o Grande  
 Nomeava seo Tejo, e a cujos coros  
 Chamava todo amor: *Tagides minhas*.  
 Maldisei-me essas ondas, que arrojavam  
 Pela foz desabrida ao largo oceano  
 O heróe de amor e Marte, o cantor d'ambos.  
 Inda o-vejo, da pôpa debruçado,  
 Mandar saudoso aos tectos fugitivos  
 Um longo adeus sem voz, e nu d'esp'rança.  
 Da espuma o trote, o frémito da véla  
 Lhe-aperta o coração, cáem-lhe nas ondas  
 Lagrimas dignas de soldado luso.  
 Quantas almas sua alma abraça ao longe.  
 ; E nem uma talvez lhe-sente o affago!  
 La vai, soldado, e pobre, e desvalido,  
 La vai, e as curvas prayas apinhadas,  
 Ao desaparecer da extrema vela,  
 Dão glória aos cabos, o soldado omittem,  
 Que desvalido e pobre os-faz eternos.  
 Depois de ausencia longa, eis tórno a vel-o;

Ri, chora, applaude ao Tejo, e o Tejo é surdo.  
 Mutilado, indigente, obscuro e alegre  
 Beija este chão tão frio; off'rece á patria  
 A espada tineta, o braço, a tuba, a glória.  
 Do ninho seo paterno ao céo levanta  
 Pregão, que afora Elysia atôda o mundo.  
 Cinge-lhe o louro vencedor dos tempos,  
 E recahe na penuria. E' esta a hora  
 Em que de um terreo lar, sem luz nem fogo,  
 Onde Camões, ¡ Camões! dorme no feno,  
 Sahe esse Antonio, o 'Tito dos escravos,  
 O escravo da amizade, e ousa nas trevas  
 Um pedir, que injuríá os céos e a terra...  
 ACCUDÍ A CAMÕES QUE EXPIRA A' FÓME.  
 Que lágrimas sublimes lhe-rebentam,  
 Quando uma ou outra mão, la d'hora em hora,  
 Passa e deixa cahir ceitil escasso  
 De seo senhor no capacete humilde!  
 Elle o-estende, mostrando-o repassado  
 De balas de infieis; nenhuma o-cinge  
 De tanta e tanta palma que seo dono  
 E colheu, e cantou. De rua em rua  
 Pede, invoca, enrrouquece; a quantas portas  
 De damas, de senhores, ja famosos,  
 Do poeta no canto, e nos amores,  
 Não foi talvez bater; bater vãmente!  
 Dá meia noite, eis volve ao seo tugurio.  
 Quasi toda a cidade está dormindo;  
 O resto se-diverte; os dous se-abraçam:  
 Um chora, outro surri, ¡ qual soffre menos?  
 — „ Antonio, inda ámanhã não morreremos „ —  
 — „ Senhor, a charidade é quasi surda,

“A vossa glória esteril; muito a custo  
 “Obtive apenas... isso., — “; Meo Antonio!  
 “Que exemplos a futuros escriptores!  
 “; Que pago! que laureis! mas não importa,  
 “Servi os meos, um tal serviço é premio., —  
 —“Não choreis., —“Meo amigo, eu não me-chóro...  
 “Mas tua dôr me-dôe; queira a fortuna  
 “Pagar-te os bens que me-ficou devendo:  
 “Eu ja me-afiz a tudo; a providencia  
 “Sabe que existo: os annos meos cansados  
 “Vão no fim; pouca vida exige pouco.  
 “Antonio, uma só mágoa me-accompanha;  
 “E' ter dado o meo estro, emquanto ardia,  
 “Aos ingratos e ingratas; e hoje velho,  
 “Além de um coração, não ter que dar-te., —  
 —,, Cantai os outros, (não lh'o-invejo) e amai-me.  
 “Se eu de affectos intendo, os vossos cantos  
 “Valiam menos do que o vosso affecto., —  
 O poeta suspira; alguns momentos  
 Reina silencio fundo; o escravo o-rompé:  
 —“; Bem sei eu onde agora vos-queria!,, —  
 —“; Onde amigo?,, —“Eeu comvosco., —Ah! lá em cima  
 “Na patria que ama sempre e paga tudo,,  
 —“Não,, —“Pois onde?,, —, Ah! Senhor, na minha terra.  
 “Terieis, como agora, o vosso escravo,  
 “E uma choupana vossa, e umas palmeiras,  
 “Que vos dessem, de graça, os ricos fructos;  
 “Meo amor, e o dos meos, e a paz, e o ocio., —  
 —“Enchuga as tuas lagrimas; não sonhes  
 “Mais penas para nós., —“; Vêdes? apérto  
 “Todo o vosso thesouro entre dous dedos!., —  
 —“Eis o pão., —“Mas; só pão, nem se-quer vejo

“Com que dar-vos papel,,—“Qu’importam versos?,,  
 —“; Mas vossa mal? e um medico, e soccorros?  
 “Meo bom senhor, ouvi-me, e por piedade,  
 “Não engeiteis, não engeiteis meo rôgo.  
 “Muito ha que esta lembrança, inda que triste,  
 “Me-affaga o coração; foi algum anjo  
 “Quem me-inspiron; sem duvida; cedei-me,  
 “E’ meo primeiro, é meo extremo rogo. . .,, —  
 —“ Porque não falas pois?! ergue-te, e fala!  
 “Tu soluças! eu tremo; acaba, amigo,, —  
 —“Vendei-me,, — exclama o servo em voz medrosa;  
 Pasma, emmudece, espera e assim prosegue:  
 —“ Procurai-me um senhor que seja humano,  
 “Que me-permitta ás veses visitar-vos;  
 “E vendei-me, por deus!, — “Cala-te... escuta..  
 “Uma voz a cantar na vizinhança..  
 “Ouves?... são versos meos: oh! não te-agradam  
 “Aquelles tons suavissimos?,, —“ Vendei-me;  
 “Eis meo primeiro, eis meo extremo rôgo —  
 —“ Meo Antonio, amanhã vende essa espada,  
 “Inutil carga das paredes nuas;  
 “Vende esse capacete, onde mendigas  
 “Um cobre que te-cança, e não nos salta:  
 “E depois.... o hospital. Ah! meo amigo,  
 “Quando este capacete me-cobria,  
 “Conteve quanta idea o mundo abrange,  
 “Mas, confesso, esta não,, — “; Mas o meu rôgo?” —  
 “Antonio, tambem tu! . . .,, — Como falavam,  
 Despontou a manhã. Camões lhe-entrega  
 O capacete e a espada; aponta a porta;  
 Vê-o sahir; segue-o co’ a vista, e g. me.  
 .....

„ Adeus ninho da dôr „, exclama o triste,  
 „ E para nunca mais. „, ¡ Onde vai elle!  
 Sem guia, roto, e infermo, áquellas horas?  
 ¡ Onde ha-de o pobre escravo ir procura-lo!  
 Onde, já lh'o elle ouviu; no horrendo albergue  
 Que a pia charidade off'rece aos pobres.  
 Lá corre; péde, exora; introu, procura;  
 Descobre... vê... abraça... e em longo abraço  
 Mixtura gôsto e pranto, amor e queixas.  
 Servo, enfermeiro, confidente, amigo,  
 Multiplica-se em mil, cerca-o de extremos;  
 Cumpre-lhe officios de familia e patria.  
 Morre Camões, mendigo entre mendigos,  
 Estranho aos seos, nos braços de um estranho,  
 Mas entre elles deu tudo; aos seos ingratos  
 O coração, o ingenho, a vida, a glória:  
 Ao seo amigo a amarga liberdade,  
 Tarda fama, uns ceitis, e poucos livros.

De tão impios avós proscripta raça,  
 O destino em miserxima hecatomba  
 A teos manes, Camões, nos-sacrifica.  
 A injuria foi-te aseda; ah que a vingança  
 Te amargaria ao fel! quem me hoje dera  
 Essa harpa lacrimosa, onde entoaste  
 Lamentos de Sião cahida em ferros,  
 Saudades de Israel em terra alheia!  
 Não ha canto no globo, onde bannido  
 Não chore um portuguez: aos ais d'essa harpa  
 Que de ais seriam echo em toda a terra!  
 Mas feliz seo desterro! alta saudade  
 Lhes-queima o coração; porém seos olhos  
 Não vêm da patria as longas agonias.

Nenhuma ferrea mão lhes-tapa a bocca ,  
Ninguém lhes-manda rir quando os-açoitam.

! Oh meos amigos, que eu chorei partindo ;  
Ficai , pois que o destino assim piedoso  
Vos-concede essa amarga desventura ,  
E não nos-inveja. Se a providencia  
Não marcou algum termo á nossa infâmia ,  
E se os cantos, que a medo e a furto exhalo,  
Não têm por capitolio o cadafalso ,  
Talvez tardio abraço inda vós-leve.  
Quem viver ousaria, onde olhos lynces  
Profanam té o incognito das mentes !

Ah ! meo ermo, saudoso presbyterio,  
Quando será que eu veja os espaldares  
De teos densos rosaes , teo tecto humilde ,  
O cedro hospitaleiro , as alvas pombas ,  
E as heras do portão e as cerejeiras,  
Ornamento do adro hervoso e sancto !

---

### EPITAPHIO.

*Gravado no tumulo de um rico benefico.*

Se és pobre, lê, chora e passa !  
Meo coração já não bate  
Ao aspecto da desgraça !

## A DESERÇÃO GLORIOSA.

### *Explicação.*

Os ossos do officio de poeta — disse o meo parente Terrentino — que era a pobreza. Não serei eu quem o desminta; mas sempre digo, que ainda o officio tem mais ossos: — um d'elles é a forçada obrigação, em que a miudo nos-vemos, de intrar como terceiros em amores de outrem: verdade é, que esta prática tem decahido muito, depois que se-apagaram os ultimos vestigios do biôco e jalusias, dos serões no estrado e dos descantes á esquina; então as mulheres, semi-arabigas em seo viver, e em sua invisibilidade divinizadas pela imaginação dos homens, eram objecto de culto: — para ellas se-temperava, ao raio da lua, a viola, que logo sôbre o peito parecia repetir em voz alta os suspiros e gemidos, que por de traz o coração lhe-ensinava baixinho: para ellas se-distillavam dos melhores ingenhos aquelles perfumes, hoje rançados, a que chamavam então poesia, e que a dez leguas em redondo exhalavam misticidade: — é abrir o Camões em qualquer canção, ode ou sextina das suas, para louvar a deus por aquellas adorações idólatras tão de véras rendidas, que ainda hoje dão tentações de astomar ao pé da lettra: as mulheres, que elles requebravam, eram, se hemos de fiar-nos em todos esses evangelhos de namorados, uns entes tão outros das de hoje,



que até custa a perceber como aquillo tão aereo, tão espirito, esó cortejado de espiritos, e que de carne e osso tinha apenas *quantum satis*, uma fórma ou simulachro á imitação dos anjos antigos, pôde chegar a produsir cousa alguma carnal, e muito menos esta raça, tão carnal e tão positiva, que hoje somos. — Os proprios nomes das mulheres pareciam ao senso íntimo d'aquella gente ideal um genero de profanação, ou, quando menos, uma impropriedade repugnante: e, desde que se-tractava de render vassalagens extáticas, e métricas, ao que hoje chamariamos simplesmente uma Ignez, Catharina ou Maria, todas estas grosseiras confianças cessavam; e em logar da Ignez, Catharina ou Maria, surgia *arcadicamente* uma Natércia, uma Tirce, ou uma Isméne. — Era como se largando o nome - prósa da vida real, ellas tivessem despidido o que tinham de terrestre; era uma apothéose sem pyra, um portentoso *fial nymphe*: e depois, como se-cria devéras n'aquillo, o amor, que solhes-exprimisse, tinha necessidade de ser também, ou pelo menos de se-representar, ethereo, expurgado de sensualidade e egoismo, etal como um sylpho encarnado o-poderia tributar a uma sylphide. Ainda não tinha vindo Jorge Sand ao mundo: — cria-se em virtudes; até nas masculinas, quanto mais nas femininas; havia a cada canto Magriços e dose de Inglaterra, e havia ainda mais raras Phénix; havia, aos centos, Jacobs, que depois de septe annos suspirados em balce começavam de servir outros septe annos, disendo, — mais serviram, se não fóra para tão longo amor tão curta a vida.

Ora, como não era justo nem possivel que só os iniciados na linguagem poetica, fossem galanteadores de damas, seguia-se que os desfavorecidos das musas, para se-poderem mais depressa ou melhor insinuar, tinham de recorrer ao

prestimo sempre charidoso dos poetas, que assim se-viam forçados a sentir, amar e cantar por si e pelo proximo: — emprestavam como ricos mercadores o seo cabedal aos necessitados, que lá o-negociavam, como podiam, para seo interesse, e o-pagavam, se jámais o-pagavam, em dinheiro, em protecção, em esperanças ou em palavras, que era restituir na mesma moeda. Admittidas todas estas supposições, aliás verisimillimas, temos, *ipso facto*, absolvidos um grande numero de poetas, a quem a multiplicidade de nomes de damas em suas tróvas celebradas trasia, no tribunal da pública opinião, accusados de bandoleiros e galanteadores universaes: d'aqui em diante, sim: quando a posteridade encontrar em collecções de versos de um nosso contemporaneo mais de um nome de mulher, condemne embora a esse auctor por inconstante, porque em nossos dias já não é o mesmo: — a poesia já não é necessaria, porque esse culto das mulheres passou como todos os cultos: os versos, que amansavã fêras, não amansam nem assanham a cousa alguma: o cálculo e a economia politica poz-nos o juiso no seo logar: somos positivos, e descobrimos que as mulheres não eram mais do que um elemento, para produsir annualmente uma addição nos mappaes statisticos. Das especulações politicas e financeiras, como póde sobejar tempo e vontade para curar de femeas, como quando não havia mais nada que faser? o seo valor no mercado está baixissimo — *les rois s'en vont*, disse um philósopho; qualquer outro podia diser com mais verdade, *les femmes s'en vont*: mas não importa: os reis vem tornando, e as mulheres hão-de tornar tambem; e ambas estas soberanías, melhoradas do que foram, porque o mundo subindo e descendo lá vai sempre caminho da perfeição — pobresinhos dos que vieram a elle n'esta idade de transição, como lho-chamam os philosophos: — que se-

consolem pensando em suas netas: só por isso é bom ter descendencia: quem n'a tem não morre todo; e quem todo não morre póde confortar-se com a esperança.

Mas voltando ao meu propósito, repito, que a poesia não é já visco para caçadas amorosas: passaria ate de ridiculo o querer deveras namorar em verso: sem embargo esta cantata foi ainda feita, como outras minhas composições, para servir de intérprete a sentimentos amorosos de outrem perante certa dama, em realidade muito amavel, muito digna de versos, e muito capaz de os-compreender e sentir.

O namorado, que ainda a esse tempo, em 1829, não lhe-era mais que namorado (mas isso era-o devéras) v'ra cahir sobre muitos de seos parentes e amigos as furias da perseguição politica: — cheio do fogo da liberdade e dos seos vinte e dous annos, determinou desertar das bandeiras que em melhores dias havia jurado e a cuja sombra servira sempre como official brioso, e ir junctar a sua espada ás invenciveis espadas da Ilha Terceira: o diser adeus para sempre á sua Lisboa era o menos; o mais e o tudo era o descobrir esta ousada resolução áquella cuja mão lhe-estava já dada irrevogavelmente: soccorreu-se aos meos versos e em tão abençoada hora lh'os-fiz para serem mensageiros e desculpadores da má-nova, que apenas, depois de entregues e lidos, se-tornaram a avistar, foi ella a primeira, que, devorando varonilmente as angústias de ambos, falou d'aquella partida como de cousa necessaria e urgente, dos aprestos para ella, dos mutuos lenitivos que já para a ausencia tinha phantasiado, e emfim do praser de se-tornarem a abraçar em dias mais felises, para nunca mais se-apartarem. Esses versos, que, pelo fructo, poderiam merecer o nome de bons, perderam-se não sei como: em vão, como a outros muitos, os-procurei n'estas

excavações. A cantata, que ora offereço, foi escripta alguns dias depois, para a hora precisamente do apartamento.

Os meos leitores folgariam de conhecer este par: não tenho licença para nomear-lh'o; o chrisma poetico de Lilia encobre um nome muito illustre e muito digno de sua dona. O desertor, que na campanha da liberdade se-extremou por gentilezas de armas, quaes eu nos meos versos as-tinha propheticamente historiado, retrahido hoje do serviço militar, desfructa, convertidos em realidade, os sonhos do seo amor; e ambos junctos são felises, pela felicidade e caricias de quatro filhos, todos gentis e esperançosos. Os laços, que os-uniam, não se-apertaram, que não podia ser, mas tornaram-se de flores: — agora caminham unanimes, e sorrindo, para a velhice, que ainda está longe, sem temerem a morte nem a-desejarem.

---

#### CANTATA.

Ceos! não ouves a trombeta  
Com que a angusta liberdade  
Enche a equorea immensidade  
De um rebate atroador?

Adeus, Lilia! eu não resisto  
A tão nobre chamamento:  
Já na véla ondeia o vento  
Cáro á gloria, infesto a amor.

Com a náutica celeuma

Já vão surgindo as anchoras. Que instante!  
Que amargoso dever! Ah! se em teu peito  
Ardia chamma equal; se, como eu sinto,  
Crescel-a sentes n'este adeus funesto;

Se ardes qual me eu devôro.....

Eu te-lamento, oh Lilia, e não me-chóro.  
Pelos ceos, por piedade, amado incanto,  
Cála esses gritos, esses ais modéra;  
Não firas este seio que inda ha-pouco  
Me-juraste ser meo. Basta de pranto;  
Voltarei, voltarei, amado incanto.

Olha, aprende a alegria

D'aquelle marinheiro que, assentado  
Sobre a anchora que ergueu, ledô assovia:  
Já disse adeus á terra; aos seos amores  
Talvez tambem; mas sem fraqueza incara  
As duas solidões, oceano e ausencia.

Sermos nós menos firmes

Fôra vergonha, oh Lilia. Ah! considera  
Que eu não fujo de ti; se á gloria corro  
A gloria, em recompensa, ha-de apertar-nos  
Estes laços de amor. Nossas cadeias  
Eram de rosas só; verás quaes ficam

Mais seguras em dobro:

Como as ramas do louro as-fortificam!

Para alcançar-te, oh Lilia,

Quaes os titulos meos? thesouros raros  
Têm preço não vulgar; e a natureza  
Duas Lílias não fez. Deixa que eu vôle  
Onde o meo braço, os meos rivaes espante,  
E das armas lhes-mostre ao ferreo brilho

Que da patria de heroes fui digno filho,  
 Que sou de Lilia não indigno amante.  
 Crê-me: eu mesmo por ti córar me-sinto,  
 E estremecer de horror, quando esses braços,  
 E esse peito me-apertam, quando beijas  
 Esta bocca de escravo, que mal ousa  
 Um ai sumido em quanto a patria morre.  
 Sim, de teos pés arranco um vil escravo,  
 Que atravez de um phantastico diadema  
     Só via em torno luctos;

Mas em troca a teos pés, trarei, não tarde,  
 Um soldado que a espada te-apresente,  
 Forjada de grilhões, e accesa em sangue  
 De despotas brutaes: por entre a palma  
 Que espessa o-c'roará, n'aquella fronte  
 Bella co'a negra côr dos marcios fogos,  
     Bella co'as cicatrises,

Conhecerás.... exclamarão teos olhos  
 Primeiro do que a voz n'aquelle instante:  
 « Parabens, patria minha, eis meo amante!»

Ceos, ; nem mesmo este quadro  
 Mitiga a tua dôr! Com mais vehemencia  
 Me-apertas inda ao seio? em nova cópia  
 Já me-inundas de lagrimas? Ah! Lilia,  
 Eu sinto que a virtude me-vacilla.  
 ; Que te-vou eu pedir.... mas firme pego!  
     Do seio o amor aparta,  
 Suspende o pranto, e dise-me que parta.

Dise que amor primeiro  
 Está que o mundo inteiro,  
 Mas que a virtude e a patria  
 Primeiro estão que amor.

Que cidadão se-nascê  
 Antes que a amar se-aprenda ;  
 Quê exiges por off'renda  
 A queda do oppressor.

Fraquesa, unica força de teu sexo ;  
 Graças aos ceos ! prohibe  
 Cristado capacete ás aureas tranças ;  
 Já que a victória que em teos olhos brilha  
 Mavorcia c'rôa ás tuas mãos não péde ,  
 Não serás patriotica amazona :  
 Mas sê vestal da sancta liberdade ,  
 Nutre em meo coração seo fogo eterno ,  
 Nem permittas que amor nol-o profane :  
 Virgem, formosa, ingenua ,  
 Como as vestaes de Roma ,  
 A sua fé, seo nobre exemplo tóma.  
 Crê, velando esta chamma alta e divina ,  
 Vêr n'ella o dom maior do empyreo aos homens ;  
 Que a salvação do estado a-pede accessa ;  
 Que te-contempla o céu ; pensa em ti mesma !  
 Ou velal-a, ou morrer na dôr, no opprobrio ,  
 N'um sepulchro e co' a patria. ; E que ! suspiras !

Bem ! triumpho a piedade !  
 Eis-te a vestal da sancta liberdade.  
 Lilia, outra vez, eu parto ; é vinda a hora ,  
 Abraça-me, eu te-perco. ; Ouves os gritos  
 Que me-chamam da nau ? ; Voar não sentes  
 Em teos cabellos zephyro importuno ?  
 ; Espera... Lilia... escuta !  
 O' céos, de tantas súplicas, de tantas  
 Falas, ajustes, votos, mal guardados

Para o funesto adeus, emvão procuro  
 Na afanada memória algum vestigio.  
 Fica, supporta a vida: a mão que apérto,  
 Não por ultima vez, de ca'stente  
 Meo brio, meo ardor, minha constancia.  
 Em quanto os olhos meos verão só ondas,  
 Rochas, soldados, céo, dá que a miudo  
 Cópia dos sons que agora me-captivam,  
 Tuas lettras de amor, la vão gerar-me,  
     Como um celeste orvalho,  
 Na aridez da existencia algumas flores.  
 Escreve-me que vives, que a tua alma  
 Não mudou para mim: permite ao pranto  
 Apagar livremente o que escreveres.  
 Meo coração, sem o menor estudo,  
     Saberá bem ler tudo,  
 Pranto, phrases, amor, patria, deveres.  
 Se o fado me-surri, minhas respostas  
 Serão sobre cadaveres escriptas  
 De vís escravos co' o damnado sangue.  
 Porque hemos de chorar? o dia inteiro  
 Me-verá sentinella, ou combatente  
 Na praya, ou nos fragosos baluartes;  
 De noite um somno breve, e Lilia em sonhos  
     Me-enganarão a ausencia.  
 Antes de adormecer, já reclinado  
     Nas orvalhadas róchas,  
 Ante a lua prateando as vagas êrmas,  
 Cá virá meo espirito invisivel  
 Ver-te, abraçar-te, ouvir-te; ah, não duvides,  
 Em tudo, ó Lilia, mèn-haverás presente.  
 A luctuosa côr de teos vestidos



Vêl-a-hei, verei tranças desatadas  
Sem adorno adornadas.

Os dedos distrahidos

Verei correr no quévulo piano,

Ora ensaiando penas,

Ora em sumido som da glória os hymnos :

Ouvir-te-hei, quando lendo, ou já Lucrecia,

Ou Virginia, ou Cornelia, alimentares

Em tua alma romana eguaes virtudes.

Pois que é meo, dirás tu, romano o-queiro,

Bruto, Virginio, ou Graccho.

Sim, já te-escuto, e taes serão teos votos,

Votos que hei-de cumprir, por Lilia o-juro !

Pela patria, a rival que a Lilia vence,

Por este não venal, sagrado ferro,

E pelo rei dos reis que nos-fez livres !

Já me-sinto no seio alvorotado

Um não sei que divino; esta alma cresce

Ante o aspecto do p'rigo, alto preságio

Do favor do destino: eu vejo as ondas

Livres e furiosas

Exultando, ao troar das nossas ballas,

Jogando com desprêso os lenhos rotos,

Os mastros incendidos,

E os infames cadaveres sem campa

D'esses tigres estupidos, só tigres

Com quem lhes-quebra os ferros.

Vejo nas crespas fragas estalando

Seos peitos desleaes, e a liberdade

No penhascoso solio ensanguentado

Cingir eterno louro,

E apontar-nos o Téjo. Ai do Jugurtha

Quando, rasgada a púrpura, chorando  
 Thesouros com que a fé comprar suppunha  
 De senados crueis, desamparado  
 De uma affricana abjecta soldadesca,  
 Do solio que usurpou, descer aos ferros  
 Da triumphal carroça; e desditoso,  
 Sem obter uma lagrima, e devido  
 Victima ao ceo e á terra, intrar raivando

No carcere e em si mesmo.

Então, e só então, livres e ovantes,  
 Acharei a ventura entre os teos braços:  
 Não cabem com grilhões de amor os laços,  
 Nos livres é virtude o ser amantes.  
 O hymeneo, cuja imagem deleitosa  
 Nos-sorriu tanto e tanto, ha-de vir tempo  
 Em que seja um dever, como hoje é crime.  
 Por elle á natureza pagaremos  
 O fóro universal; daremos, Lilia,  
 A' patria cidadãos, em quanto agora,  
 Só de pensal-o tremo, o bem mais doce,  
 Outro eu, outra Lilia que pendesse  
 Ao teo seio de mãe, seria de ambos  
 Contínua reprehensão, contínuo susto.  
 ; Ir arrancar do nada, ir dar co' a vida  
 Servidão, infortunio, opprobrio a entes  
 Que devemos amar! Ah se é terrivel  
 Matar seo filho ao limiar da vida,

Para uma alma sensivel

Esse crime, a par d'este, attrahe, convida.  
 Deus! la troa o canhão: valor, constancia!  
 E' sinal de partir! Ultimo beijo,  
 Ultimo e parto. Evita a preya; foge;

Não me-exponhas á mísera ventura  
De ficar ao teu lado;  
Esquece o amante, e pensa no soldado.

Soffre a vida, ou volte ou morra:  
Ver-me-has teu, se-tórno avante;  
Se morrer, soffre outro amante  
Que nos-haja de vingar.

Póde amor, e não a patria  
Dispensar na lealdade:  
Mas se a amor só tens piedade  
E' seo ultimo rogar.

---

## DEFENSA DE UM INCONSTANTE.

### *Advertencia.*

Depois de um leal, veio um inconstante procurar a minha musa para terceira, em seus amores: era apertado o caso; tinha sido colhido em flagrante infidelidade mais de uma vez pela sua amada, e não havia modo para aconvencer de que não tinha visto o que tinha visto: quando se não póde negar o crime — diz Quintiliano — que não fica mais arbitrio ao patrono senão defender ou transferir a competencia do tribunal: — transferir a competencia do tribunal era impossivel, sem embargo de que a juiza era

a propria parte offendida : restava-me só o defender ; — defendí, como se-verá nos versos, com as melhores razões de rábula, que me-accudiram. O êxito do meu arasoado passou ainda muito para além da nossa expectativa ; as explicações justificativas, que eu dei de cada um dos crimes allegados e provados contra o meo cliente ; quadraram tanto á julgadora que não só absolveu o réo, mas passado um mez tinha irritado passo a passo o comportamento d'elle, e ido muito para diante.

---

CANÇONETA.

Desterra teos vãos ciumes,  
Festejo a quantas são bellas ;  
Mas sempre a rainha d'ellas  
E's tu, Armania cruel.

De teo semblante as lindasas  
Adoro n'outros semblantes :  
São meos passos inconstantes,  
E' meo coração fiel.

Não t'o-nego, com Armia  
Falo ás veses em segredo ;  
Não t'o-nego, este arvoredado  
Viu-me com Lilia brincar :

Porém com Lilia só brinco,  
Por ter nos brincos teos modos ;  
De Armia os segredos todos  
Os teos me-fazem lembrar.

Furtei, (confesso, e tu viste)  
 Dous beijos, ou tres a Estélla;  
 Gabavam-mie os beijos d'ella,  
 Quiz ver, se eram como os teos.

Toquei no seio de Tirse  
 De rosa uns botões fechados;  
 Tu és bella em teos enfados,  
 Quiz ver, como era nos seos.

Se a Ismene pedi cabelo,  
 Foi só, por tambem ser louro;  
 Fui rico do teu thesouro,  
 Sem o-obter da tua mão.

Amo em Gertruria o teu riso;  
 Amo os teos olhos em Jonia;  
 Préso nas cartas de Aonia  
 Tua escripta, e discripção.

Um só coração me-coube,  
 E tu és a flôr das bellas!  
 Nem mesmo entre os braços d'ellas  
 Te-fôra infiel jamais.

Por distracção tenho ás outras  
 Vesés mil teu nome dado,  
 E até hoje inda a teu lado  
 Não tive enganos eguaes!

Meo pensamento amoroso  
 E' qual Favonio entre as flores,  
 Que a mil susurrando amores,  
 Elege a rosa entre mil;

Por todo um jardim vagueia,  
 Mas guarda a afeição saudosa;  
 Passa, e lembra-nos da rosa,  
 Da rosa ingenua, e gentil.

Quanto mais julgas, ingrata,  
 Perder a tua conquista,  
 Tanto mais se-augmenta a lista  
 Dos teos triumphos sem par.

De meo coração te-queixas  
 Serem sem conto as rainhas!  
 São escravas, que não tinhas,  
 Que vão teu carro puchar.

Dez Anpalias te-abandono,  
 Jonias duas, seis Themires,  
 E apoz estas, quantas vires  
 De semblante encantador.

Armania, sôbre aureas rodas,  
 Por tuas rivaes tirada,  
 Sôbe, de myrto c'roada,  
 Ao capitolio de amor!

Lá, sobre as aras do nume,  
 Jura um premio aos meos ardores.  
 Quanto amará teos favores,  
 Quem tanto os desdens te-amou!

Depois, soffre, que ame sempre  
 Em teu sexo a todos grato,  
 Os pedaços de um retrato,  
 Que a natureza quebrou.

---

A

JOÃO JORGE DE OLIVEIRA E LIMA.

*Explicação.*

O inverno, de que todos ainda estão lembrados, o furioso e pertinacissimo inverno de 1829, teve para mim quinze dias inteiramente formosissimos.

Tinha eu feito em Coimbra conhecimento, que logo se-melhorou em amizade muito estreita, com o sr. João Jorge de Oliveira e Lima, conego de S. João Evangelista, e no collegio dos Loyos d'aquella cidade lente, a esse tempo, de theologia moral. Era moço, versado nas boas-let-tras, prendado com mil talentos para agradar, e franco liberal, como toda a sua familia, á excepção de seotio, e afamado prégador no Porto, fr. José de Lima.

A attracção mutua, que sempre chega a reunir os con-

frades da mesma parcialidade politica, e muito mais quando essa anda debaixo, foi a que primeiro me-deparou o bom encontro; o restante viéram a faser-o no tracto, a benignidade da sua condição communicativa e o meo gôsto. A poucos dias andados, conheciamo-nos de toda a vida, e para toda a vida nos-amavamos.

Era por desémbró: tinha eu de me-tornar para a residencia de S. Mamede da Castanheira do Vouga, meo abrigo serrano e silvestre, *mea regna* como pela sua choupana disia o pastor de Virgilio, meo paraíso n'esses annos tristes, e hoje minhas tristissimas saudades. S. Mamede, assentado nas faldas da serra do *Caramulo*, e apartado sete léguas de Coimbra, é convisinho da estrada, que de Coimbra leva ao Porto. Lá tinha por essa occasião de se-ir o meo amigo; aproveitou o lanço para vir conhecer a silvestre magestade e naturaes formosuras do meo retiro. O temporal, com que já nos-pusemos a caminho e que por todo elle nos não largou, fomos achal-o na serra ainda mais indómito; cada regato era uma torrente; cada recôncavo uma lagóa; as árvores mais corpulentas vinham-se abaixo escachadas com o vento; as loisas e côlmos dos telhados aldeões descompunham-se e voavam; os gados curtião fomes, os homens receios e terrores ácerca das futuras novidades. Era uma consternada estação: emendou-a deus depois, que esse condão tem, já ha muito tempo, esta sua máchina chamada natureza: os tristes prognósticos dos lavradores quasi sempre sahem baldos. Então porém era brava e feia a serrania: que mais era preciso para ser deliciosa por dentro a casa com a amidade, a abundancia, bons livros, um piano soffrivel e uma fogueira de cepo e urzes, cercada todo o serão até á noite velha de flandeiras, histórias e cantigas? Assim se-nos escoaram como um sonho, quinze dias sem sol nem sauda-



des d'elle : então , quando a tempestade parou para recobrar forças e recommençar assolações , o nosso hospede se despediu , levando em troca do coração , que nos-deixava , os de todos nós , e seguiu jornada para sua casa , onde sei que os dias do incantamento da serra foram depois muitas vezes recordados.

Logo que a tardia primavera voltou , e os caminhos se foram deixando transitar , recebo , com um presente de vinho do duque , muito velho e muito generoso , uma carta do nosso amigo , amavel e graciosa como elle , e na qual me-enviava um beijo de cada uma de suas irmãs.

Se jamais houve caso para versos era-o este , quanto a mim. Quaes sahiram desambiciosos , por entre o flor das roseiras e limoeiros que vestiam a minha livraria , e que ainda lá estarão para outrem , taes os-mostro ao público : não servindo este preâmbulo para mais do que para lhes-carear indulgencia ; se já por ventura n'elle mesmo , que todo versa sobre cousas de minha vida íntima , não vai aggravado de culpa com culpa nova. Mas quem sabe (e sabem-n'o todos) o-quanto se-amam memórias , que já contam quinze annos , e divinizadas pela amisade , levar-me-ha á boa mente assim os versos como a prosa ; sobretudo sabendo , que este amigo , e o melhor de todos , que eu nunca tive , o pastor d'aquelle ermosinho de S. Mamede , o dono d'aquella residencia , meo irmão , já ambos fiseram a jornada , d'onde se não torna , e me-esperam para onde infallivelmente havemos de ir.

## CARTA.

S. Mamede da Castanheira  
do Vouga, maio de 1829.

No fim dos insulsos meses  
Das tão praguejadas chuvas,  
Quando ja ninguem contava  
Com mais pão, azeite, ou uvas;

Quando as terras eram calda,  
E as casas montes de lama,  
Nem os campónios sabiam  
Do lume, nem eu da cama;

Quando ja todos resavam,  
E um compadre me-disia  
Que tractasse eu da minh'alma,  
Que o mundo se-derretia;

De repente vira a grimpa,  
Raia o sol, fervem festejos,  
E do norte aqui nos-voam  
Vento e musa, e vinho, e beijos.

Não foi mais o pasmo e o gosto  
Na face lisa e vermelha  
De Noé, findo o diluvio,  
Ao ver o arco da velha.

Qual do cavallo de Troya  
Se-começou a descer  
Longa fila de valentes,  
Que puseram tudo a arder,

Taes da prenhe enorme caixa,  
Apenas se-abriu em casa,  
Os bravos frascos sahindo  
Puzeram todos em brasa.

Quanto perdeste em não ver  
Este alvorço geral!  
Ha muito tempo que tanto  
Se não ria em Portugal.

Dançavam velhos e moças,  
Dançavam moços e velhas;  
Um andava ás cambalhotas,  
Outro guiava as orelhas:

Muitos berravam saúdes,  
A quem tanto bem mandou,  
Um entoava o *Te Deum*,  
E eu cantava o *Rei-chegou*.

Um capitão reformado,  
Que na passada campanha  
Foi tambem provar á França....  
Do Bordeus e do Champanha;

Que hoje digere á vontade,  
Sem banda nem boldrié,  
E que tem voto por quatro  
Em vinho verde e água-pé,

Decidiu, que nas tabernas  
 Francesas nem hispanholas  
 Nunca um Baccho se-topara  
 Que d'esté chegasse ás solas.

O bom cura entusiasmado  
 Lhe-disia = tem razão! =  
 Vinho igual só o dos cachos  
 Da *Terra da Promissão*.

Assim uns depois dos outros  
 Foram louvando os teos frascos,  
 Quando o siso afogueado  
 Introu a assentar nos cascos.

Eu tambem, que tinha ouvido,  
 Que todo o vinho criado  
 Lá n'essas terras do norte  
 Era vinho de enforcado,

De Orfeo desejei a lyra  
 Para chamar taes carvalhos  
 Para o logar d'estes nossos,  
 Que dam zurrapa e hogalhos.

Esses produzem delícias,  
 Praseres, versos, risadas;  
 Estes por cá geram moscas,  
 E moscas de chuço armadas.

Mas cuidas que eu, tendo a lyra  
 De aureas cordas feiticeiras,  
 Me-contentava em roubar-te  
 Os carvalhos e as videiras?

¡ E as meninas ! cujos beijos  
 A tua carta me-traz !  
 Beijos mais fortes que o vinho,  
 Pois tiram o siso e a paz !

¡ E tu mesmo ! Sim, tu mesmo  
 Em guarda do côro liado  
 Ou com vontade ou sem ella  
 Cá virias rebolando.

Depois, para segurar-vos,  
 E evitar a deserção,  
 Traria ao som de sonatas  
 O que falta á solidão,

O Luxemburgo e Versailles,  
 Aureos theatros de França,  
 Os passeios de Cithera,  
 Modistas, jornaes de dansa,

Dez cosinheiros da Italia,  
 Leves carrinhos ingleses,  
 E o teu tio padre mestre,  
 Para teu debique ás veses.

Mas essa lyra perdeu-se  
 Como as varas de condão,  
 Não ha senão o teu vinho,  
 Quem me-enfeite a solidão.

E pois não posso obrigar-te,  
 Ao menos pedir-te posso,  
 Que não faltes á palavra,  
 E voltes ao êrmo nosso.

Vem ver amigos saudosos,  
 Vem um destêrro alegrar,  
 Prova-nos ser digno filho  
 Dos *bons homens de Villar*.

Quando o enlameado outubro,  
 Terror dos collegiaes,  
 Te-chame ao throno de pinhão  
 Das *questões* e das *moráes*,

Dá uma saltada aos montes;  
 Vem vêr o urso poeta;  
 Esquece uns dias que és loyo,  
 Para ser anachoreta;

Mas não temas ver o mesmo,  
 Que achaste da outra vez,  
 Que agora cá estão as fadas  
 De cabecinhas de pês:

Alcina e Armida creavam  
 Uns Elysios de improviso;  
 Fstas alcinas de vidro  
 Fsem d'isto um paraíso.

Fsem ver jardins nos matos,  
 Andar as casas aos pulos,  
 E dançar por esses ares  
 Os bosques e os Caramulos.

Então, apesar da murça,  
 E académico diploma,  
 Renovaremos na Beira  
 Os *jogos floraes* de Roma.

Se tudo isto não bastasse  
 Para vencer a aversão,  
 Que sem dúvida te-inspira  
 Tão agreste solidão,

Dir-te-hia, que, pois quiseste  
 Ser *meo padre director*,  
 Não deves abandonar-me  
 No meo apêrto maior.

Trago escrúpulos terríveis,  
 Mas cuja causa tu déste,  
 Ja co'a carta tentadora;  
 Ja co'o teo nectar celeste:

O nectar, bebo-o com gôsto,  
 E gôsto particular;  
 E creio que ha moralistas  
 Que a isto chamam peccar;

A carta, co' os negros beijos,  
 Me-inspira soberba e mais....  
 Emfim por ti tenho ao menos  
 Dous dos peccados mortáes.

Sim; tenho soberba, e gula,  
 Mas deus, que vê meos transportes,  
 Bem vê que se elles são grandes  
 Tambem as rasões são fortes.

Vem pois, meo Lima, não tardés  
 A acalmar-me a consciencia  
 Co'os textos da irmã da minha;  
 A tua immortal sciencia. (1)

No entanto irei proseguindo  
 Nas minhas iniquidades,  
 Bebendo o duque, e adorando  
 Desconhecidas deidades.

Com c'roa de parra e murta,  
 Duplicado immolador,  
 Irei matando o meo tempo  
 Em honra de Baccho e Amor.

Mas, a propósito, amigo;  
 Sabes tu que a minha sina  
 Só me-dá ter dulcinéas,  
 E é cousa que me-amofina!

Emquanto tu de osso e carne  
 As-achas de todo o lote,  
 Eu por aereas princessas  
 Me-abraso, novo Quixote.

Ceos! d'estas novas senhoras,  
 A quem dedico os meos ais,  
 Nem sei os nomes, nem mesmo  
 Se são duas, tres, ou mais.

Mas sáiam quantas sahirem,  
 Sou de todas cavalleiro,  
 Coube-me o genio de Ovidio,  
 Posso amar o mundo inteiro.

Mafoma é falso propheta,  
 Mas conhece os corações;  
 Viu que a ternura de um homem  
 Póde abranger multidões.



Se o que dava harems na terra  
 E huris nos céos aos fieis  
 Não fizesse em lombo e vinho  
 Dous interdictos crueis;

Dobrado imperio por elle  
 Ganhára o infernal careca;  
 Mais peregrinos iriam  
 Ver o tumulo da Méca.

Tu, mais benigno, dás vinho,  
 Que faz a gente feliz,  
 E concedes mesmo em vida  
 Celestes beijos de hurís.

Ora pois; nunca as mãos doam  
 A quem faz tal uso d'ellas,  
 D'hoje a um anno egual remessa,  
 E egual mensagem das bellas.



## NOTAS.

- (1) A sua, Theologia: a minha, Canones.

## EPIGRAMMAS.

## I.

Amigo, estou tão poeta,  
Que em versos consumo o dia,  
Tomára achar um remedio  
Que me-curasse a mania.

Se queres gelar o estro  
Isso está na tua mão,  
Lê as odes do Filinto,  
E os sonetos do Garção.

## II.

Brevemente sabe á luz,  
Obra de um genio distincto,  
Uma versão portuguesa  
*D'opera omnia* de Filinto.

## III.

Amigo, tive esta noite  
Negro, horrivel pesadelo;  
Ainda ao lembrar-me d'elle  
Se-me-arripiu o cabello.

Deus te-livre, e livre a todos  
De sentir o que inda sinto:  
Pois não sonhei que me-liam  
Tres páginas do Filinto?

## O SEU A SEU DONO.

Apostára eu que, entre os que houverem lido os deceptados epigrammas, que ahi ficam, uns os-darão por desacato litterario, outros por documento de levandade, visto como ja muitas veses, pela minha parte de portuguez, tenho dado tributo de agradecido louvor a *Filinto Elysio*. Ora como eu com todos me-quero bem, reléva que, em poucas palavras, lhes-dê satisfacção, e accuda por meo crédito; direi, antes de tudo, que não tenho, (nem invêjo aos que a-têm) presumpção de immutavel nos juisos; — se de alguma cousa se-houvesse ella de ter, seria antes, quanto a mim, de possuir um ânimo flexivel, prestes sempre para receber e pesar as alheias rasões, e sempre disposto a, por ellas, ora rectificar ora ratificar as suas.

Não conheço auctor, dos que, em diferentes e apartados prazos de minha vida, tenho relido, que me não parecesse de cada vez mais ou menos diverso; e isto, que me-tem accontecido, não sou hoje tão vaidoso, que me-persuada que nunca mais me-haverá de accontecer.

Quando estes chascos trovei, não se-me-figurava o cabedal de *Filinto*, senão uma especie de cáhos, intermeado de algumas particulas luminosas: nenhuma verdadeira criação, affectos poucos e tibios; pensamentos vulgares ou falsos; gôsto bastardo ou muito incerto; saber insufficiente; estylo inculto, desigual; linguagem da

furta-côres , escura , affectada , dissaborosa , inadmissivel.

E esta derradeira clausula do meo arbitrio , a tocante á linguagem , foi a que eu expressei , haverá vinte annos , nos epigrammas , que por nenhuma outra rasão estampeei agora senão para , pública e solemnemente , os-renegar diante de quem quer que os-houvesse conhecido ; porque , revocados ao meo tribunal , *Filinto* e eu , para se-examinar a sentença ja dada sôbre a linguagem , achei que devia elle de sahir absolto e glorioso , e eu condemnado nas custas , que assim lhe-estou pagando com a minha vergonha.

Os senões , que eu vi , e muitos verão ainda na linguagem de *Filinto* , não eram d'ella : nem eram , pareciam-n'o ; — e pareciam-n'o porque se-olhavam de má parte , com máos olhos. *Filinto* é intelligivel , mas não são , nem querem ser , intelligentes os que o-lêm. Atiramos para elle o peccado que é nosso ; — é achaque'velho no mundo , já se não cura. Mas a verdade é que , só por só , nenhum escriptor de nossa lingua fez por ella tão momentosos serviços ; nem talvez todos junctos contribuíram mais para a-salvar nos affrontosos transes em que a França de nossos dias a-traz mettida.

Foi elle o primeiro que levantou voz pelo seo Portugal ; elle o alferes que arvorou o estandarte ; elle o capitão , e por muito tempo elle tambem e só elle , todo o pé de exército d'esta sagrada reconquista.

Demasiou-se , disem os hypercríticos e disse-o eu ja ; demasiou-se no uso das antigualhas — ; Que muito ! o excesso dos francelhos desafiou o seo de portuguez de lei : esta defesa lhe-bastára , mas tem outras. Para nos-entvergonhar de mendigarmos em nome de uma lingua rica a outras menos ricas , cabia e importava mostrar , mas que fôsse com alardo , até que ponto ella o-era ; a cada

vocabulo enxacóco ou phrase chilra, substituir, ás du-  
sias, vocabulos e phrases equivalentes, deitados para a  
banda pela incuria desleixada ou pela moda; e, a poder  
de perseverança, fasel-os conhecidos e entendidos: con-  
seguido o que, certo ficava o tornarem para logo á cir-  
culação, como veiu a acontecer. — Que de mumias do  
dicionario não andam ahi hoje, redivivas, lustrosas de se-  
gunda mocidade, mettidas em boa roda, e em toda a  
parte bem-vindas e bem acceitas! Os proprios tarelos, que  
chasquearam o desinterrador, e houveram a riso o seo  
empenho, galanteiam-n'as hoje; e com duas ou tres d'ellas,  
que chegam a empregar, ja se-dão por mui primos e ca-  
baes na patria fala: e assim vai pouco a pouco, por en-  
tre o escarcéo e vagalhão da imprensa tradusideira, nave-  
gando por seo rumo, sem descahir muito; a vernaculi-  
dade, que algum dia nos-será restituída, com toda a pos-  
sivel opulencia antiga, e com os haveres novos que as  
necessidades lhe-hão trasido e lhe-hão-de ainda traser  
comsigó.

Tudo isto a *Filinto* se-deve originariamente; o que,  
juncto com a recreação e desinfadamento, que de sua lei-  
tura recebemos, ja desconta davantagem a tal ou qual  
escuridade em que os ignorantes ou superficiaes vão, a  
princípio, tropeçando a cada página.



AO

USURPADOR EX-INFANTE

*Miguel Maria do Patrocinio,*

NA SUA SAÍDA DE PORTUGAL.

*. Advertencia.*

O elegante oraculo dos estoicos, Seneca dá (se a ponto me-accode a memória, no seo livro da *Ira*), uma peregrina receita para nos-precavermos contra os accessos da cólera; receita, que depois o Metastasio aconselhou á sua Chloris, sem lhe-diser cuja era. O bom do Metastasio, sendo tão abastado, cahia muitas vezes n'isso, — furtava sem se-sentir: —

Placati, o pastorella;  
 Ritorna a farti bella. Ah non sai come  
 Ti sfigura quell'ira. A me nol credi?  
 Specchiati in questa fonte. E ver? T'inganne?  
 Riconoscer ti puoi? Quel fosco ciglio,  
     Quella rugosa fronte  
     Quell' aria di fiera.zza.  
 Non scema per metá la tua bellezza?

O peor é, que nenhum enraivecido tem lembrança, paciência, nem tempo, para se-pôr a estudar, no espelho de Seneca ou na fonte de Metastasio, a fealdade, com que a paixão lhe-transtorna o semblante. Se a água e o crystal conservassem aquelle aspecto para o-mostrarem a seo dono, depois de parado o delirio! . . . . mas esquecem-n'o com a mesma pressa, com que um lisongeiro se-transfórma.

De um só espelho sei eu, que se uma vez se-embebeu da physionomia de um homem em qualquer lance, nunca mais a-demitte: este espelho é a imprensa. Espelho abençoado e maldicto ao mesmo tempo; que não só nos-mostra a nós, mas nos-assoalha aos outros; que nos não-retrata uma vez, senão milhares de veses; que não ressurte o retrato só para o perto, mas para todo o mundo e para todos os tempos —; Cuidado! cuidado com elle! os que ainda lhe não chegastes ao pé! — estudae-vos, fazei-vos bellos e amaveis antes de a elle vos-apresentardes; que vos não descubra, nem por sombras quaes depois vos-pesaria de terdes sido. — Falo-vos, como amigo e experimentado; e experimentado por muitas veses; que daria eu hoje muito por quebrar não pequenos pedaços d'este meo espelho, que me-segue e ha-de seguir sempre; como um trasgo escarneador, contra o qual não valem esconjuros nem águas bentas. Aleijões poeticos, aleijões philosophicos, aleijões moraes, aleijões politicos, tudo, este maligno daguerreó-typo da alma reteve para m'o-andar mettendo á cara, nas horas (que, sem elle, seriam de ouro) em que diante de mim me-assento a conversar-mos sem testemunhas. Dos aleijões litterarios e poeticos me-rio eu, que tenho a vaidade de a não ter em cousas taes. Dos politicos também me-rirei, que ja vi muita politica, e ja sei pouco mais ou menos o como as

ousas correm n'aquelle jôgo de brincadeira; mas dos Moraes e dos philosophicos. . . . . ; não pôde ser! já li Jorge Sand e não aprendi a rir d'elles. —; E são muitos, de mais a mais! Bem sei que não corro grande perigo, de ser apedrejado, que mal haveria quem atirasse a primeira pedra; — mas enfim isso não faz nada; elles sempre lá estão, e por mais que eu arréde os olhos, bem os-enxérge. ; Pois que estejam e que fiquem nas más horas! Ao menos, hei-de vingar-me bem vingado, em lhes dar váias á falta de *vade retro*, todas as vezes que me surgirem.

Tinham razão Seneca e Metastasio. O espelho do homem infurecido representa uma hedionda figura, só bella para estudos Moraes.

N'esta epístola a D. Miguel, vejo retratada uma hera diabolica, não do meo coração, que nunca esse (com a mão sôbre a consciencia o-digo,) quiz mal devêras a ninguém, mas do meo espirito, *genus irritabile*. D. Miguel acabava de cahir do throno: devêra de ter sido esse o dia da indulgencia plenaria: o raio, que derrete um sceptro dentro na dextra, que, havia annos, o-apertava, e uma corôa sôbre uma cabeça, que nunca pensou em perdel-a, e que fica viva, é um tão espantoso executor da divina justiça, que, depois d'elle, já aos odios humanos não deve ficar mais nada que faser: mas os dous principes cahidos, o de Portugal e o de Hispanha, D. Miguel, e D. Carlos, cría-se então que a Inglaterra os-levantava do pó, encastoados em ouro e brilhantes, para os-levar e guardal-os no seo peito, como dous punhaes de reserva e de boa tèmpera. Infortunios longos nos-haviam feito desconfiados: accreditámos n'isso; bramiu-se; houve até, e muito, quem blasphemasse da generosidade do vencedor, que no seo festim se não embriagava com o sangue



do vencido. Eu atirei imprecações contra a póppa, que levava das nossas prayas um desgraçado para um destêrro de toda a vida. A minha desculpa, ante mim, é só esta, — que n'essa hora ainda as cabeças dos padecentes se não tinham começado a desfigurar no patibulo: ainda grande parte de minha familia andava foragida: ainda do campo da batalha se não tinham atirado os ultimos cada-veres para a valla, e os ultimos centenares de feridos para os hospitaes de sangue.

Não são desculpas, são simplesmente explicações.

Se um povo fosse como um pobre auctor; se elle podesse mirar tambem n'um espelho o seo immenso vulto, e prêsepear, depois de reserenado, a figura que representou no seo delirio; o enthusiasmo, com que espesinhei o cahido, com o exemplo de um povo se-poderia auctorisar.

Estes versos, dardejados todos n'uma noite, e, porque assim o-digamos, de um jacto, e logo impressos, foram tres veses reimpressos no decurso de onze dias.

---

#### EPI-TOLA.

*Promisi ultorem; et verbis odia aspera movi.*

*Virg. Æn. L. 2.*

Em hora má do pôrto desaferres,  
O' principe das trevas, cujo nome

E' do bardo fiel defeso á lyra.  
 Em tres vezes má hora a prôa infanda  
 Commetta o mar co'as fúrias por nereidas,  
 Por galerno os tufões, e ao leme.... a parca.  
 Possa a brisa da terra aos teos ouvidos  
 Só levar ais dos teos, e vivas nossos!  
 Possas tu não sentir nas asas d'ellas  
 Mais que orvalho de lagrimas, que nutra  
 Na aridez de tua alma agros abrolhos.

Vomitára-te o oceano em nossas prayas,  
 Monstro devorador; leve-te o oceano.  
 Cumpriste o encargo teo; jaz nua a terra,  
 Sangue os rios, ruínas as cidades.

O' mar, a cujas brenhas o ímpio affoita  
 A vida, n'este sólo mal segura;  
 O' mar, que em tua infancia devoraste,  
 Pôr criminosa, a geração dos homens;  
 Que profundo, que indomito, que immenso,  
 E's emblema e pregão de liberdade,  
 Estampaço por deus na face do orbe,  
 Ahi tens o usurpador e o parricida,  
 O réo mais negro, o mais feroz tyranno....  
 ¿Que farás d'elle? E se astros vingadores  
 Te-vedam subvertel-o ao céo que infama,  
 ¿Onde irás tu depol-o? ¿Em que rochedos  
 De listrigões ou cyclopes? em que antros  
 De ursos ou de dragões, seos dignos socios?  
 Antro ou rocha haverá que não se-afundem  
 ¿Se a praguejada quilha ousar tocar-thes?

No Atlantico, e bem longe, entre dous mundos  
 Lá estão de Sancta Helena eternas rochas,  
 Onde do grão proscripto inda hoje os manes

**Mixturam** seo gemer aos sons das vagas. ....

**Não** : — das vagas rainha abominosa,

**Refalsada Albion**, alli sepulta

**Da** omnipotencia o filho, o novo Atlante

**Sustedor** do universo; alli concentra

**N'um** ponto só toda a grandesa humana;

**Mas** quer, nos muros seos, que chama livres,

**Agasalhar** os despotas do mundo,

**Sacudidos** do solio horrorisado !

Lysia te-arroja do rasgado seio,

**C'roado**, imberbe algoz; mas (não desmaies);

**Vais** opulento; Albion, a prostituta,

**A** prostituta vil; te-alonga os braços, (1)

! Que mendigo quisera esses thesouros

**Co'** um'hora d'essa vida ; ou que alma inglesa,

**Ingleza** mesmo, acceitaria o pacto !

**Vellarás** entre cofres, que atulhaste

**De** lagrimas e sangue; em montes de ouro

**Revolverás** teos somnos transparentes;

**Pernoiarás** armado; a cada instante

**Ullularás** no horror das trevas mudas,

**Vendo** espectros de velhos, de meninos,

**De** mulheres, de heroes, e a régia sombra

**Do** piedoso, em quem pae não conheceste.

« ; Nós te-esperamos » clamarão feroses,

« Nós te-esperamos lá ! Viver na história

« Foi teu desejo, e .... viverás : mas caro

« Te-ha-de custar; que a eternidade existe.

« Se hypocrita o não creste, aprende-o; pas ma ! ,,

Assim dirão partindo; e tu convulso

**E** accordando ao tremor das proprias armas,

**Saltando** em terra bradarás » ! soccorro ! ,,

Porém debil, como homem que ha fugido  
Mãos de mortos, e traz inda no rosto  
A pallidez, reflexo do outro mundo.

Melhor que a noite não será teu dia.  
Se as proprias tuas victimas soubessem...  
Davam-te inda uma lagrima. Opprimido  
Do ferreo céu do inglez; a vista ao largo,  
Por sôbre o equóreo immenso, em vão buscando...  
Não patria; que a não tens: — não ja parentes;  
Que os-proscreveste: — amigos não; que amigos  
Só a virtude os-conta; — mas escravos,  
Mas pompas, mas poder, e o ar e o solo  
E a primavera d'estes campos lutos; —  
Não vendo mais que aspectos orgulhosos,  
Mofadores talvez; não mais ouvindo  
Venal lisonja deificar o opprobrio,  
Mas sons de lingua barbara, que ignaro  
Julgarás sempre execrações e insultos; —  
Fugindo ás multidões, onde olhos lynces  
Te-estudarão na face, arcanos da alma; —  
Não parando nos ermos inacessos  
Com medo ao luto ferrô; — ousando apenas  
Beber do rio as águas fugitivas,  
Comer dos fructos da árvore colhidos  
Por tua propria mão.... ¿que vil mendigo,  
Que alma inglesa invejára essa fortuna?  
Invocarás em teu delirio a morte:  
E a morte, que alistaste em teu serviço,  
Virá enfim, virá. Tua alma solta,  
Mas avergada de flagícios negros,  
¿Onde se-irá perdida? O livro grande  
No dia da trombeta pavorosa

Responderá, se humanos o não ousam.  
 Mas teos ossos na terra, e sob a lagea  
 Dormirão somno máo; teo nome inscripto  
 Não pedirá suffragio ao passageiro:  
 Teos frígidos bretões, em teo sepulchro  
 Não plantarão cypreste, a cuja sombra,  
 Tremulada do vento, errem teos manes:  
 Não, que ja não terás com que pagar-lh'o.  
 Perigrino, cansado do caminho,  
 Nunca irá, pôsto o sol, tomar descanso  
 N'essa pedra infamada: e se algum'hora  
 Passo ou voz te-quebrar mudez profunda,  
 Não será de philósopho ou de amante,  
 Que entre urnas vão scismar e intristecer-se;  
 Serão festins e canticos de lusos,  
 Serão danças, de rosas coroadas  
 Dos filhos de teos martyres. — Vae, monstro:  
 Sólta a véla, ergue as anchoras, restruge  
 Com o canhão derradeiro a praya livre;  
 Desapparece. ; E prestes no horisonte  
 Se-te-abysmem, co'a vista d'estes cumes,  
 As illusões e as últimas esp'ranças!  
 Ah! ; quaes vão ser teos longos pensamentos  
 Debruçado da tremula amurada  
 Sobre a rôta, fugaz, sonora espuma?  
 ; Quem o-sabe! A poesia, pois que empresta  
 A penhascos sentir, idioma aos brutos,  
 Ouse pôr em tua alma intendimento:  
 " ; Assim nasceste, minhas glórias leves,  
 " E assim passaste! Hontem rodeado  
 " De vassallos sem número, de lanças,  
 " Que á minha voz corriam rebanhadas

« Como ceara ao vento; e hoje ludíbrio  
 « Dos esquadhões horrísonos das vagas!  
 « ¡ Eu, cuja mão cruenta era' osculada  
 « De um povo altivo; eu, cujo olhar fulmíneo  
 « Infundia o terror, vejo ora inulto  
 « Surriir-me ao lado o nauta, o passageiro  
 « Olhar-me face a face, e o sentinella  
 « Voltar-me impune a espalda insultuosa!  
 « ¡ Tudo me-abandonou, qual névoa errante,  
 « Se a-fere o sol do estio, o sol do Tejo,  
 « Que eu nunca mais verei! ¡ Eu trahi tudo,  
 « E tudo me-trahiu! — ¡ De braços tantos....  
 « Não tive um, que fiel me-assassinasse!  
 « ¡ E eu, eu porque o não fiz!... Perdendo tudo  
 « ¡ Não me-restava um ferro? ¡ eu não podéra  
 « Com formoso morrer lustrar meos crimes?  
 « ¡ Tanto hábito de morte, uso tão longo  
 « De beber sangue, prometteram nunca  
 « Tão cobârde vilesa? ¡ Oh! que é terrível  
 « Como porta de averno a sepultura!  
 « Eram, e são comigo os meos remorsos;  
 « Elles sós contra si detêm meo pulso:  
 « ¡ Se eu cuidára co'a vida anniquilal-os,  
 « Lançára-me ao profundo! — ¡ Ai! que não haja  
 « Em roda d'este mar, nas raias do orbe,  
 « Refúgio, onde ao remorso um réo se-esconda!  
 « ¡ Longe, longe, pesares importunos!  
 « Reinei, máo grado ao céo, máo grado aos homens.  
 « Meo carro triumphal deixou vestígios  
 « Fundos em mais de um seculo. ¡ Fui grande!  
 « De almas plebêas o remorso é filho.  
 « Para o-perder de todo, ¡ oh! se eu pudesse,

» Novamente perjuro, intrar em Lysia;  
 » Colher meos vencedores generosos,  
 » E punil-os de o-ser; cingir meo throno  
 » De um muro de cadaveres! ... Deixada  
 » Da religião a máscara ja rôta,  
 » Requentára em feroz, se inda é possível.  
 » De horrores, que espalhei, não me-arrependo:  
 » Desespera-me, sim, que esses horrores  
 » Firmassem mais a odíosa liberdade:  
 » Era tenue scentelha; eu, vento adverso,  
 » A-fiz incendio, que devora tudo. »

Taes sejam teos verdugos devaneios  
 Por solidões do mar, emquanto os lusos  
 Restaurâmos, em paz esperangosa,  
 Terra de nossos paes, desaffrontada.  
 Não bastarão á fama as cem trombetas  
 Para te-irem ralar de dia em dia  
 Co'os bens que dadivoso o céo nos-chova;  
 E co'as glórias dos teos dobrar teos luctos.  
 Mas luctos, mas remorsos; que te-importam,  
 Se do mal contra o mal tens feito escudo;  
 E do que um vicio dóe te-curam vicios!  
 Socios de corrupção jamais fallecem;  
 Com elles dissipando idéas torvas,  
 Restaura, alonga, perpetúa as órgias.  
 Afoga na ampla taça o último raio  
 Da cadente rasão; persegue as feras,  
 Menos feras que tu; no circo usado  
 Vae bravesa ensinar ao touro horrivel;  
 E, cansado de insânia, adormecer-te  
 Nos braços de uma Aspásia, ou Láis ou Phryne.  
 Teos primeiros recursos foram estes,

Estes serão teos ultimos recursos.

¡ Que sería de nós, se em tua fronte  
 Durasse até ás cãs essa usurpada  
 C'róa, cahida emfim ! ¡ Que pouparias,  
 Affeito ao sangue, tu, que para jôgo  
 O-derramavas na viçosa quadra,  
 Quando a alma natureza é meiga em todos,  
 N'essa idade, em que Nero inda era pio!  
 Mas amor os leões e os tigres dónia,  
 E para ti amor não tinha um laço.  
 ¡ A tua raça (¡ parabens ao mundo !)  
 Raça de monstro, acabará contigo!  
 Graças aos outros despotas , não houve  
 Princesa, que por víctima arrastasses  
 A's aras de hymeneo. Falhou nos ímpios  
 D'esta vez a politica : ¡ sôbre ella  
 Uma vez triumphaste, ó natureza !  
 Nenhum quiz o labéo de haver-te filho,  
 Nenhum d'esses, que amavam nossos ferros,  
 E que apenas o som da queda tua  
 Lhes-echoar nas abóbadas douradas,  
 Têm de chorar amargo entre blasphemias.  
 Mas elles que estremeçam, chorem, rujam,  
 Mordam-se ; ja ninguem lhes-teme as iras.  
 Mais sancta convenção reúne os povos,  
 E metade dos reis tem parte n'ella.  
 Dos outros o poder velle os seos servos ;  
 Fará muito : da idade o dente occulto  
 Os thronos carcomeo, ja não é raro  
 Que dos crimes o pêso allúa os thronos.

Não foi para applacar da ursa os filhos,  
 Inimigos da luz, que em Lysia houveste,



O' barbaro, perdão, thesouros, fuga.  
 Sequioso o cadafalso te-pedia;  
 Mas foi lei do Senhor na infancia do homett;  
*Não matarás Caim.* — Deram-te a vida  
 Porque inchentes de sangue generoso  
 Co'um pouco sangue vil se não remiam;  
 Deram-t'a, porque longo te-consumam  
 As venturas de Lysia, e gotta a gotta  
 Pelos ouvidos vás bebendo a morte;  
 Deram-t'a emfim, porque a ninguem das sustos,  
 Mas compaixão e horror: embora abrindo  
 Teos avarentos cofres, alugasses  
 As voses, o senado, as náus, e as tropas  
 Da que ao turbante e á cruz serviu na Grecia:  
 Foste nimio cruel, não nos-dás sustos.

;E ousar d'esses bretões o bardo altivo  
 ( ; Maldicções á injustiça até do genio ! )  
 Ousar chamar ao lusitano — *Escravo*,  
*E dos escravos o infimo* — quando elles,  
 Mais que ninguem, nos ferros nos-retinham !  
 ; Quando nos pactos improbos da força  
 O luso sangue, a lusa liberdade  
 Era por elles sotoposta ao ouro !  
 ; Fomos servos, mas servos insoffridos ;  
 Servos sempre em murmúrio, e odiando-os sempre ;  
 Servos, que dos grilhões fisemos armas,  
 E te-affrontámos, despota, e vencemos,  
 E somos livres, e o-seremos sempre,  
 A despeito de ti, de Albion, do mundo !  
 ; Vae! São dignos de ti, e és digno d'elles !

---

 NOTA.

(1) Justiça a todos. Aos ingleses honrados a nossa gratidão.

9 \*

## A

UM AMIGO MEO

*No dia dos seus annos.*

A ti, que em tão férrea idade  
Lembrar fases aureos dias,  
E que inda em tempos melhores  
Citado exemplo serías:

Que, se obscuro não vivesses,  
Fiseras crer aos mortaes  
Nos idyllios do meo Gessner,  
Nos tempos patriarchaes:

Homem bom, não por virtude,  
Mas por índole e condão,  
Bom, como as rôlas são meigas,  
E as rosas fragrantas são:

Tu, que em nossa terra és livre,  
E feliz em nossa idade,  
Porque tens dentro em ti mesmo  
A ventura e a liberdade;

Porque na espôsa e na prole  
O teu mundosinho abraças,  
E albergas em manso asylo  
O talento, o amor, e as graças:

Permitte que o vate amigo,  
 Co' a lyra dada á virtude,  
 Os teos festivos penates  
 N'este alvo dia saúde.

Entre, bem-vinda, em teos lares  
 Musa, que, estranha á mentira,  
 Nunca deu rosas no inverno  
 Ao natal de uma Belmira;

Nem, por faser salla aos grandes,  
 Em seos escusados annos,  
 Lidou por furtar ao tempo  
 A foice dos desenganos.

De flores sem mel, nem cheiro,  
 Que não vivem mais que um dia,  
 Para assentar-se ao teo fôgo  
 Não se-ha-de ornar a poesia.

Tal como a-présas, a-devo;  
 Qual a-devo, a-dá meo peito;  
 A's musas, que tens em casa,  
 Seja o pobre canto acceito.

! Como a tua festa eu amo  
 Toda de amor e alegria,  
 Sem galas, nem luminarias,  
 Nem salvas d'artilheria!

Com repiques e foguetes  
 Não se-alvorota a cidade;  
 São os annos da ventura;  
 Não são os da magestade.

São puros contentamentos  
A quem praz a solidão;  
Porque não é pelo estrondo  
Que logram ser o que são.

Como flores preciosas  
Em sêcca estufa incerradas,  
Seguras de estranhos ares,  
Desabrocham perfumadas;

No doméstico retiro,  
Só vistos do céu que os ama,  
Florindo estão mansamente  
Para si, não para a fama.

Nenhuns jornaes faladores  
Dirão gostos que aqui ha;  
A festa, que eu presencio,  
Nenhuma história a-dirá.

Mas podesse a musa minha  
Pintal-a muito em segredo  
Aos raros que de ser homens  
Não se-correm, nem têm medo.

Leve a história os seus monarchas;  
Eu lhe-diria: «Sabei  
« Que hoje n'este imperiôsinho  
« Se-festeja outro bom rei;

« Não rei, que á herança ou conquista  
« Devesse os titulos seus,  
« Mas rei pela natureza,  
« Mas rei que reina por deus.

« Rei, como foram por certo  
 « Os primeiros das nações,  
 « Por cartas tendo a bondade,  
 « O amor por constituições.

« Rei, cuja ausencia é saudade,  
 « Cujá presença alegria;  
 « Rei, cuja lei é o exemplo,  
 « Cujá fôrça a sympathia. »

Eis o que todo o seo povo  
 Cá n'estas horas douradas  
 Festeja, como o-festejam  
 Os córos das boas fadas;

As quaes, tecendo invisiveis  
 Dançares de boa estrea,  
 Formosa vida lhe-cantam  
 Co' a bocca de risos cheia:

« Meio século te-dêmos,  
 « Meio século nos-dêste;  
 « E nem de longe inda vemos  
 « O cume de teo cypreste.

« Outra metade nos-deves,  
 « E nós tambem t'a-devemos:  
 « Dormi, parcas! parai, fusos!  
 « Este é nosso: Irmãs, cantemos!

« Cantemos, irmãs, as bençãos  
 « Das eras patriarchaes:  
 « Meio século é volvido;  
 « Dêmos-lhe outro tanto, e mais.

« Vida levada entre amores,  
 « Cultivada na bondade,  
 « Se homens podessem ser nunes,  
 « Duraria a eternidade. » —

Até aqui julgo escutar-lhes  
 A suavissima canção:  
 Ai! quem lhes-ouvira o resto,  
 O melhor da predicção!

Se um vate pôde mover-vos,  
 O' vós, fadas carinhosas,  
 Eu vo-l'o peço, entoae-lhe  
 Um porvir todo de rosas.

Como dos gêlos do norte,  
 Apoz longa ausencia crua,  
 De novo o-restituístes  
 Ao bom céu da patria sua,

Do labyrintho espinhoso  
 Dos negocios e árdua lida,  
 Onde a públicos ingratos  
 Immola o descanso e a vida,

Por vossa mão (se é preciso  
 Um prodigio, amigas fadas)  
 Transportae-o sôlto e alegre  
 Para as rústicas moradas.

Ellas lhe-têm os desejos,  
 Todo o seo amor é d'ellas:  
 Desterrae-o para os frescos  
 Viçosos campos de Bellas.

Pois que o-merece, alli gose  
Da familia entre a ternura,  
Os quadros da natureza,  
As delícias da leitura,

O incanto das bellas-artes,  
Praseres do tracto agreste,  
E ja na vida do mundo  
Ante-gostos da celeste.

La, por entre árvores suas,  
E de aves suas saudada,  
Veses sem conto esta aurora  
Lhe-renasça afortunada.

Veses sem conto o-c'roemos  
A' sua mesa natal,  
De quanta flor esquecida  
Nos-deixa a quadra invernal..

E porque nada lhe-falte  
A seos tácitos desejos,  
Emquanto as cãs lhe-sorrirem  
Sob as grinaldas e os beijos,

Pascer-se-ha sua alma em versos  
Pelo meo amor dictados,  
Escriptos por sua filha,  
Por seos netos recitados.

---

EU,

ANTÃO VERÍSSIMO, E A MÔSCA.

*Parábola.*

Eu tive um condiscípulo amantíssimo,  
Que era um sancto rapaz, e nada cábula,  
Transmontano, por nome Antão Veríssimo,  
E, como eu, estudava para rábula.  
Tinha por vil a herdada vida agrícola,  
E rindo-se assignava na matrícula.

Sapato engraixadinho, e meia fina  
Substitufu á tamanca costumada;  
A' vestea de burel capa e batina,  
Gorro ao grosso chapéo, Paschoaes á enxada,  
A senhoria ao tu, á broa o trigo....  
E um viver novo ao seo viver antigo.

Se o hábito per si fisesse o monge  
Sem precisar disposições internas,  
Se para um côxo em pouco tempo ir longe  
Lhe-bastasse o cuidar que tinha pernas,  
Sem dúvida seria Antão Veríssimo  
Estudante, e estudante chapadíssimo.

Como lavrando desbancava a mil,  
Suppoz, que estudar leis e cegar herva  
Seria o mesmo, não sabendo o *nil*  
*Invita dices, faciesve Minerva,*  
E um canon do Genuense (que diz muito!)  
= Não tentes o que excede o teo bestunto. =



Os termos de Paschoale Cavallario  
 Gastava a procurar o dia inteiro  
 No martyr descosido dictionario;  
 E á noite decorava ao candieiro.  
 Ir á aula, almoçar, jantar, cear  
 Só tinha vago; o mais era estudar.

Disem, que *quem porfia mata caça*;  
 Julgo proverbio de cabeça toska.  
 Vamos á história: Um dia na vidraça  
 Viu o nosso doctor asuada môsca  
 Esvoaçar, zunir, andar marrando,  
 Passagem pelo vidro procurando.

Poz de parte um momento a lei mental,  
 E co'os olhos no insecto, exclama assim:  
 „ Oh que teimoso e estúpido animal!  
 „ Embora teimes, teimarás sem fim:  
 „ Por entre ti e o sol não vês que está  
 „ Um vidro, que passagem te não dá!

„ Segue o exemplo das mais, que andam com gosto  
 „ A dançar sôbre aquelle assucareiro;  
 „ Do amigo que alli dorme chucha o rosto,  
 „ Depois esmôe a andar no travesseiro. „  
 Eu, que dormir fingia, e não dormia,  
 Da tal offerta em trôco assim disia:

„ Dêste á mosca um conselho prudentissimo;  
 „ Tão bons os dêes tu sempre em sendo rábula!  
 „ Mas és qual frei Thomaz, Antão Verissimo,  
 „ Ou como o homem da tranca na parábola.  
 „ Dez vidros furaria esse animal  
 „ Antes que intendas uma lei mental.

„Entre ti e a sciencia ha vidros baços;  
 „Nem tu, nem cem de ti os-romperiam;  
 „Vende o candieiro, a loba, e os callhamagos,  
 „Torna-te ás terras que batatas criam.  
 „E' melhor ser um farto lavrador  
 „Do que um mirrado e estúpido doctor.

„Manda ao inferno os livros sybillinos,  
 „Vem para a cama conversar comigo:  
 „De Horacio eu falarei, tu de pepinos,  
 „Depois eu de Virgilio, e tu de trigo.  
 „Tire das leis com que dar uso aos queixos  
 „Quem póde; e cada qual gyre em seos eixos.“

N'esta fábula histórica se-intíma  
 O que ninguém ignora, e não se-observa:  
 A tal sentença velha, obra mui prima  
 Do=*nada faças, se o não quer Minerva.*=  
 Isto é; que um génio, que nasceu de encôlhas  
 Não vá metter-se a redactor de folhas;

Que um mestre sapateiro, afreguesado,  
 Não vá ser na tragedia actor primeiro,  
 Que em transportes de príncipe ultrajado  
 Ralhará como mestre sapateiro;  
 Quem nasceu para chufas e chalaça  
 Nem epopéas, nem tragedias faça;

Que aquelle que nasceu para ladrão,  
 Seja ladrão de estrada, e não juiz,  
 Procurador, letrado ou escrivão;  
 Que um bode se não metta a ser derviz,  
 Nem um burro a académico; nem...nem....  
 Exemplos d'isto número não têm.

Foi uma bella festa a do anniversario de sua magestade a rainha em 1834. Por toda a parte se-patenteava espontanea, verdadeira, estrondosa, a pública alegria. Era um immenso ramalhete de esperanças em botão, que são sempre as melhores. Muitas não chegaram a abrir; muitas das que abriram, murcháram logo; mas ainda então se não previa nada.

D'entre os innumeraveis festêjos de tal dia e noite, nenhum, cuido eu, sobre-levaria ao baile, dado a SS. MM. no arsenal do exército pelo inspector, que então era, o sr. Leão. Fôramos convidados, meo irmão, Augusto Frederico de Castilho e eu, para recitarmos, na presença das augustas personagens, a rainha, o imperador e a imperatriz, algumas breves poesias accommodadas ao tempo e ao lugar, que em verdade era inspirador. As sallas brilhavam ornadas todas de trophéos de armas. Por ellas gyravam alguns dos generaes de D. Pedro, com os seus lauréis da véspera, ainda tão viçosos: por baixo das janellas corria o Téjo, nunca deslebrado das suas glórias velhas.

Dos sette sonetós, que seguem, os dous primeiros, de meo irmão, e os cinco restantes, meos, nenhum chegou a ser recitado, porque uma leve alteração sobrevinda a subitas na saude de S. M. F. com o calor das sallas, e a necessidade de accudir ainda a outros sítios, onde era desejada, lhe não consentiram demorar-se aqui mais de um quarto de hora. Sahiram porém impressos no Periodico dos Pobres de Lisboa, do dia 24 do mesmo mez e anno.

Da lusitana cívica pharsalia  
; Quem é esta que brilha entre os horrores,  
Qual brilha juncto a Marte a mãe de amores,  
Deixados os vergeis da amena Idalia?

Campeão da liberdade, o avô na Gallia  
Obteve estatuas, canticos e flôres;  
O pae, ao vencedor dos vencedores  
Pediú a espada, e mereceu a Italia.

Cópia da mãe, no amor, na formosura  
De livres digna próle, a Pedro unida,  
Firma-o na glória, inchendo-o de ternura.

Para bem nosso e d'elle és tu nascida:  
Paga-o tu só da pública ventura  
Dando-lhe a par de um anjo um céu na vida.

---

E' grande o macedonio heróe de Arbella,  
Mas chora só talar um globo inteiro.  
Grande é Pompeo, mas déspota guerreiro  
Cesar; dos fados lhe-desluz a estrella.

Grão Constantino inda hoje nos-flagella  
Co'o fanatismo que arraigou primeiro.  
Luiz, monstro brilhante, em captiveiro  
A França exhaure, em quanto as musas vella...

¡Basta!.. Aos grandes do mundo, inda assombrado,  
Surge, ó Pedro, oppõe ja tua memória:  
Cedeste em mundos dous o sceptro herdado.

Ao throno alçaste a liberdade, a glória:  
Rei, cidadão, legislador, soldado,  
Dos grandes o maior serás na história.

---

Por mais de um lustro a brenhas confiado,  
Livres, sem mancha, inthesourei meos dias;  
Carpi na lyra as patrias agonias,  
Soei rebate contra algoz c'roado.

Mais de um filho dos montes a meo brado  
Foi combater as legiões sombrias;  
Tu, valor que os-regeste, me-regias,  
E fiz soldados, se não fui soldado.

Proscripto, não salvei mais do que a lyra;  
Mas góso a patria, abraço a liberdade,  
E virtude sem p'rigo ao vate inspira.

Quem sob os pés de Nero ousou verdade,  
Bem póde, sem rubor, lançar na pyra  
Um grão de incenso á lusa divindade.

---

A' joven mãe de Lysia resgatada,  
Musa livre, os teos vôos abalança:  
Com taes recordações, tão vasta esp'rança  
Viu-se nunca em tres lustros combinada?

Glória á filha dos reis, ao throno alçada  
Pelo jús de conquista e jús de herança;  
Glória áquella, a quem glórias affiança  
Seo nome, o patrio exemplo, a lusa espada!

A Justiça, Bellona, a Liberdade  
Juram mantel-a ao povo . . . .hão-de mantel-a:  
São deidades guardando outra deidade.

! Temei, filhos da noite, a sua estrella!  
Vinde, vede-a, expiae vossa impiedade,  
Morrendo de vergonha ás plantas d'ella.

---

Tempos dos Paládios, eras distantes  
Das leaes, das cortes es galhardias,  
Vós, vós, ressuscitais em nossos dias  
Mais puros, mais honrosos, mais brilhantes.

Raros outr'ora, impávidos e amantes  
Romp iam lança em guerra, ou correrias;  
Superstição, ou fama, eram seos guias,  
Brandos olhos seos premios relevantes.

Entre nós é plebêa a heroicidade:  
Morre-se, não por tímida donzella  
Sim por deusas, a glória, a liberdade.

Liberdade! eu a-canto, eu góso d'ella!  
Mas a glória c'road a, essa deidade,  
Nem a-pude ir vingar, nem pôsso vê-la!



De Ignez e Pedro aos plácidos ardores  
Honra, virtude, céo, tudo surría;  
Sonha rasões d'estado a tyrannia,  
E Ignez lá morre a golpes de traidores.

Pedro nos corações dos matadores  
Do coração viuvo a dôr sacia;  
E assombrando o universo, á morte fria  
Arranca, adóra, e c'rôa os seus amores.

E's a Ignez de outro Pedro, ó liberdade!  
Quiz-te; viu-te immolada ás mãos de insanos,  
Volveu-te ao sol, ao throno, á eternidade.

Restava morte aos corações hircanos,  
Puniu-lhe com o desprezo a indignidade!  
Mas ai de ora em diante, ai dos tyrannos!

---

Se é lícita uma lágrima nas rosas  
Com que, ó noite de abril, nos rís c'roadas,  
; Dos mártires da patria libertada  
Uma lagrima ás sombras generosas!

Seos sepulchros dão palmas gloriosas,  
Heróes herdaram sua nobre espada,  
E hecatomba de tigres lhe-é votada  
De dia a dia ás cinzas sequiosas.

Mas no elysio onde estão, hoje pensando  
Que um dia mais que céo por Lysia passa,  
Saudosos se-reúne o egregio bando.

Murmuram longo viva á joven Graça,  
E involuntária lágrima escapando  
Do nectar entre as mãos lhe-turva a taça.

## OS SONHOS.

Recordas-te, ingrata,  
Quando eu te-disia,  
Que em sonhos Armia  
Cedia aos meos ais?

Surrías, córavas,  
Fugías, juravas  
Que nunca os meos sonhos  
Seriam leaes.

Armia, esta noite,  
Segundo o costume,  
Tornei co'o meo nome,  
Tornei a sonhar.

Qual és, eras rosa,  
Gentil, espinhosa,  
Sem par nos rigôres,  
Nas graças sem pár.

Dou graças ao fado,  
Ja sonho esquivança;  
Ja luz esperança  
No meo coração.

Tu juras que em sonhos  
Só ha falsidades,  
E nunca deidades  
Juraram em vão.

## AO POVO.

NAS ELEIÇÕES DE 1834.

Depois do que já n'este volume tenho ponderado e confessado, mais de uma vez, dou por ocioso infadamento faser um preâmbulo a esta epistola.

Que toda ella me-sabiu do coração a trasbordar sincero amor da patria e de um espirito ainda cheio de fé politica, se quem lê estes versos o não adivinha, sei-o eu pelo menos com toda a certeza. Que a maior parte dos conselhos, que se aqui davam, eram muito de receber, e provavelmente o-serão ainda d'aqui a cincoenta annos, é uma verdade irrefragavel; mas não menos o-é que o meo enthusiasmo liberal produziu mais declamação que poesia, chegando ao desaccôrdo de falar ao povo em punhaes; porque se o punhal do poeta é como o do actor tragico, que ao ameaçar o golpe se-ingole pelo cabo dentro, e o sangue, que depois mostra, é só pintado a óleo, o do povo é algumas veses de aço fino e entra a valer. Ainda que se não fale senão a gente como esta nossa, tão bondosa e pacífica de seo natural, sempre é perigosa temeridade o lembrar-lhe violencias, seja qual fôr o fim que por ellas se-antolhe: e se isto é a respeito de versos; que se não poderia diser a respeito da prosa, que ainda corre

por peiores mãos!? Em prosá porém, deus louvado,  
nunca eu me-lembro de haver mettido similhantes cousas.

Lyra do patrio amor, deixa toada

Longa nos corações, e eu te-penduro,  
disia eu rematando este escripto: toada longa não a-dei-  
xou ella sem embargo de duas consecutivas reimpres-  
sões: mas quanto ao pendural-a; pendurei-a, que de ver-  
sos politicos não tornei a faser, que me-lembre, senão  
uma pequena facecia, que abi ha-de vir algures adiante,  
sob o titulo de *Elegia á morte da Chronica*, e alguns ou-  
tros nadas volantes.

---

#### EPISTOLA.

Povo, ó nobre sem fausto, ó rei sem jugos!  
Vate plebeo, que de plebeo se-présa,  
Te-envia o pensamento, o amor, e os sustos.

Povo, tu volves triumphante aos lares,  
Que enfim remiste: e mal deposta a lança  
Inda vertendo sangue inda não sêcco  
Teo suor generoso; ¡eis novos p'rigos  
Te-estão chamando a campo! Ardua foi ella  
A c'roa de laureis, com que te-ornaste;  
Mas unir-lhe é mister outra, e mais ardua,  
A do carvalho civico. Pugnou-se  
Grande batalha sôbre a propria campá,  
E venceu-se! Inda a arena escorre em sangue;

Já nova liça tens, contrarios novos!  
 Em cego inextricavel labyrintho,  
 Reino e mansão do inrêdo, ímpios te-aguardam  
 Em graciosas máscaras occultos.  
 Farão por desunir-te; e de êrro em êrro  
 Conduzindo-te incauto, inerme, illuso,  
 Darão contigo em não sonhado abysmo;  
 E accorderás, mas tarde, ao som do escarneo  
 Dos oppressores teos. — Vá longe o agoiro!  
 Inteiro os céos aos perfidos o-volvam. —  
 Vingaste, mereceste a liberdade:—  
 Mas tem-l'a certa ou firme? Alerta, ó povo,  
 Que os inimigos teos andam áleria.

Em masmorras gemer; dormir por furnas;  
 Perigrinar o globo; errar mendigo;  
 Vellar sob uma abóbada estrondosa  
 De ferro e fogo, a desabar contínua;  
 Retingir de alto sangue o mar e os campos;  
 Ver meia destruída a patria herança....  
 Quem o-soffreu para comprar senhores,  
 Hoje senhores e ámanhã verdugos?  
 Salvar-te ou perecer de ti depende:  
 De teos suffragios a terrivel urna  
 Vai conter, pensa-o bem, teo fado inteiro.

Que farás pois? Devotamente insano,  
 Julgarás tu bastante, em teos comicios,  
 Segundo a antiga usança, invocar deuses?  
 Como fraca mulher n'um lance estreito,  
 Da providencia aos braços arrojarte,  
 E adormecer? Invoca, invoca os numes  
*Virtude e liberdade.* O altar, o fogo,  
 Os oraculos seos nos céos não moram:

Deus os-poz dentro em nós, seo templo é na alma.

Liberdade e virtude nos-revelem

De seos ministros, qual lhe-apraz a escolha ;

E ai de ti se inspirado a não confirmas !

! Ai de tí, povo : que ultrajar impunes

A numes taes nunca homens o-podéram !

Respeitoso e tremendo eu me-recolho

N'este templo int'rior ; e á luz perenne

Com que deus mel-o-aclara, estudo a lista

De homens nascidos para bem dos homens.

Sob esta vasta abóbada mil veses,

Tristes, vagos, propheticos murmúrios

Vêm agitar-me, e eu digo : — ! A terra lusa,

A terra dos heroes dada a perversos !

! Nunca ha-de amanhecer a glória em Lysia

Apoz noite de seculos ? Mentiu-nos

Quem glória nos-cantou de antigas eras :

Das conquistas a página foi ampla,

A de expiações maior. Tropheos injustos,

Palmas de latrocínio, o sangue e o pranto

De povos fracos nas extremas do orbe

Foram crimes de avós, são pêjo aos netos.

Gritos d'essas nações aos céos voaram,

E um vento eis dos tropheos nos-varre o globo.

Glória de liberdade era mais bella.

Hoje sôa em voz alta a liberdade,

E ella vai grande risco : e talvez breve,

Se zêlo em cidadãos não se-afervora,

Nos-abandone, ou desertando as praças

Como proscripta, pávida se-accolha

Aos penetraes mais intimos dos seios.

Muito ha que a sua luz, qual sol do outomno,

Ora brilha serena, ora se-innubla;  
 E ha mais de um ponto escuro no horisonte,  
 Que darão tempestade, se conjurios  
 De popular suffragio os não removem.  
 Removam-se: nação, que tanto ha feito,  
 Fará tudo, que o-deve, e o-póde, e o-ousa.

Pensae que hoje a ventura anda de perto  
 Off'recendo-se a nós risonha, facil,  
 Mais que a povo nenhum: quebrou-se o antigo  
 Dúplice talisman, sob ara e throno  
 Por impostoras mãos depositado:  
 No somno dos grilhões ganhámos forças,  
 Que inda inteiras estão, que vão crescidas  
 Com o longo triumphar; ao clarão vivo  
 Do facho da discordia assoladora  
 Rostos, nomes de amigos, de contrarios,  
 De ambiciosos, de heroes, de escravos torpes,  
 De indiff'rentes, de perfidos, de todos,  
 Se-estudáram, se-apontam, se-repelem;  
 E por bem derradeiro, externas luses;  
 Feliz compensação do atroz destêrro,  
 Vieram, confluindo ao Téjo absorto,  
 Revelar-nos de glória estradas virgens.

Povo grande, por ti, não por teo sólo,  
 Povo, agora teo rei, concebe cousas  
 Dignas do applauso do universo attento!  
 Concebe ver-te irmão dos povos justos,  
 Não pupillo dos barbaros; concebe  
 Que os teos costumes reffloresçam puros;  
 Que á mente e ás expressões da mente humana  
 Seos vãos naturaes se-restituem;  
 Que se-anteponha a codigos sagrados



Da usurpadora Roma um jus mais sancto,  
 Que sem pesar na terra aos céos a-ligue;  
 Que a sciencia te-illustre, ornem-te as artes:  
 A cultura feliz cubra as planícies  
 De cearas, de aldéas, de rebanhos,  
 De florestas e sombra as serras nuas,  
 As collinas de pâmpanos e abelhas;  
 Que ingenho industrioso augmente as forças;  
 Que o ledó, o convival commercio activo  
 De rios, de canaes, de estradas amplas,  
 Urda seos laços de ouro a terras êrmas;  
 Que tributos inúteis, vexadores  
 Não roubem mais o sangue aos que te-servem,  
 Para o-dar de banquete a quem te-esmague;  
 Que fuja de uma vez co'a vã preguiça  
 A chusma inerte, que mendiga errante,  
 Tédio a si, pêso aos mais, e infamia á patria;  
 Que aos das altas funcções, uteis embora,  
 Não sóbre o nectar e ambrosía, emquanto  
 Falte um pão negro ao que suou nas terras;  
 Que de estaveis exercitos custosos  
 Tanta vez em leilão, pender não deve  
 A salvação da patria, e sim que as armas  
 Defensoras do povo, ao povo tocam;  
 Que nenhum de teos árbitros, que fossem  
 Da liberdade apóstatas, escape  
 Como réo no teo fóro a dar-te contas;  
 Concebe destramar tenções damnadas;  
 Concebe tudo grande, escolhe os dignos,  
 Em que o zêlo, o saber, a audacia fervam,  
 E tudo grande c'roará teos votos.

Mas, povo, n'este mar onde ora embarcas,

Ha syrtes, ha parceis, ha monstros negros,  
 E proa não velada acha naufragios.  
 A baixa seducção virá primeira  
 Co'a virtude na voz, nas mãos a bolsa,  
 Traficar de infortunio em tom sumido:  
 Alma de luso não se-troque a ouro.  
 Podem vender-se o lar, o predio avito,  
 A árvore paterna, o proprio leito;  
 Mas o que em sangue dos irmãos pagaste  
 Para t'o-herdarem filhos, é thesouro;  
 Que se não vende ou céde. — Outros, tentando  
 A crédula ambição com destrás falas,  
 Hão-de apontar-te os cumes dos favores:  
 A futura medalha, a pingue renda,  
 O accesso livre aos porticos dos grandes,  
 E a officiosa pasta abrindo graças.  
 Ah! quão mal pagam frivolas esp'ranças  
 O bem certo de livre entre homens livres.

Mais perigosa astucia acharás n'outros  
 Sem promessas nem dadivas: só falam  
 No bem público e em si. Vão n'essa conta  
 Poucos leaes, grão número te-engana.  
 Pensamentos sondar fôra chimera,  
 Mas interroga acções, folheia tempos,  
 Tira do homem passado o homem futuro.  
 Ter combatido a usurpação não basta:  
 ; Que fiserá até alli, apoz que ha feito?  
 ; Provou n'um tempo e n'outro amor á patria,  
 Sympathia co'a plebe, alma nervosa?  
 ; Por um cálculo vil não veio á lucta?  
 Quando n'ella egualdade proclamava,  
 Não sonhava elevar-se? Ouviu-se (j e a quantos!)

« Viva o povo ! » era o dia do conflicto...  
 Passa o conflicto, e afastam-se do povo :  
 Requestam distincções; namoram fitas ;  
 Levam á escala os cargos, a opulencia ;  
 Da choça natalicia erguem palacios ;  
 E em coche insultador, troando as ruas,  
 Co'o pó, que incheu seo berço o povo alagam.  
 Não, riqueza e poder não dou por crimes,  
 Mas poder orgulhoso é crime insano,  
 E orgulhoso, sem meritos por base,  
 Para bons, para irmãos, nenhum mais negro.

Povo, que aras a terra, e descuidoso  
 Só escutas balir dos teos rebanhos,  
 Só vês o céu e a fonte, a messe e a vinha ;  
 Tu, que, estes chamam barbaros, e os-nutres,  
 Vella por ti ; mais altas novidades  
 Que as das promessas do anno ora te-occupem :  
 Vella por ti, bradamos-t'o, que é tempo.  
 Elles o-hão dicto em seo conselho de ímpios :  
 « Invadamos o campo, e a qualquer preço  
 « Extorquamos o voto á gente rude,  
 « Pois nol-o-negam cá: temos palavras  
 « De embair, temos cofre, ameaças, nome,  
 « A lisonja, o mentir e agentes habeis.  
 « Feito é, partamos. » — Subito partiram.  
 ; Signaes desejarás porque os-estrêmes ?  
 Mas Protheo, que em cem fórmãs se-desmente,  
 Não ha pintal-o. Treme dos *dourados*,  
 Que por primeira vez te-acariciam ;  
 Treme d'aquelle, que ao serão da aldêa  
 Só te-fala de principes, de grandes,  
 E mais quando elle mesmo é já subido ;

Treme dos que á paixão de liberdade,  
 Raia estreita marcando, accusam n'outrem  
 Como excesso e loucura o zêlo ousado:  
 Limites á virtude é crime o pôl-os.

Ante elysies e averno, árvore immensa  
 Fabulou mosa antiga: em ramos de ouro  
 Aurea fructa lhe-pende; a mãos que a-busquem,  
 Não mandadas do céo, resiste immovel:  
 Mas se heroe, charo a Jove, e em cujo peito  
 Arde a virtude, que o-remonta aos astros,  
 Acertou de passar, pomos e pomos  
 Nas attonitas mãos lhe-estão chovendo.  
 Povo, esta árvore és tu, plantada á frente  
 Dô alto alcáçar das leis; homem não póde,  
 Sem que obtenha teo fructo, intrar-lhe as portas.  
 Não t'o-deixes roubar, mas lança-o facil  
 Aos mimosos do céo, e aos teos mimosos.  
 Procura os que logares não procuram,  
 O que á vanguarda, á hora dos combates,  
 Nas brigas da ambição não corre ás filas:  
 Que obscuro cumpre a lei, detesta a força,  
 Tyrannos nem quer ter, nem ser tyranno:  
 Este sim, que é do povo, e digno d'elle.  
 Procura os que já bons, intrando em ferros,  
 Mais dos ferros no horror se-acrisolaram;  
 Procura os que, deixando os patrios muros,  
 Perigrinos, por terra de estrangeiros,  
 Nos-andaram sciencia enthesourando,  
 Enquanto os mais, ou fôfos volteavam,  
 Ou com o feio de acções nos-deslusiavam,  
 Ou suppondo polir-se, o unico estudo  
 Punham no perverter seos patrios modos,

O trajo, a mesa, o somno, o amor e a lingua :  
 Estes, do chão natal profanadores,  
 Longe do pensamento! Os outros se-amem  
 Que amaram só do estranho o que nos-sirva,  
 Nunca o seo jugo, ; Oh ! quem me-remontára  
 De bronze a lyra, e me-doára plectro  
 Que troasse louvor, troasse infamia :  
 Que dêsse em vivos sons o amor da patria ,  
 Qual me-arde n'alma ! A's aguias dos romanos  
 Pisemos frente nós ; perdido o raio  
 Revoaram para o Tibre espavoridas ;  
 Nas tórres nossas, eclipsada a lua,  
 Desterrámos, á espada, o mouro ousado ;  
 Co'os Iberos leões arremettemos,  
 Fugíram ; nova Roma e novas aguias  
 Voam do Sena ovante e Lysia as-prostra :  
 E gente do orbe inteiro dividida,  
 Só de si mesma idólatra, uns ferozes  
 Pescadores do oceano, que a nós devem  
 Muita da força que os-tiron do remo,  
 ; Hão-de sem armas conquistar-nos ? ; Péjo ,  
 Péjo a nós, se ainda a dextra vexadora  
 Beijarmos d'esses tímidos ! ; Oh ! vêde-os  
 Por entre nós a pavonar-se altivos ,  
 Qual senhor entre escravos ! Allianças  
 De ovelha com leão não mais, ó povo.  
 Quem teo solo possue, teo céu, teos mares,  
 Tão vasto ingenho e mãos, não necessita  
 De avarento tutor : já tens, ó patria ,  
 Rasão, maioridade, experiencia :  
 Procura amigos, protectores nunca,  
 Ou, se houveres de os-ter, quaesquer, não esse.

Treme dos pusillanimes ou nescios  
 Que t'o-crêm necessario; o teo senado.  
 Com tão baixos Solons não prostitutas.  
 Essa Albion, tua amiga, a sócia tua,  
 Quem sabe o que ja agora anda minando  
 Com' o ouro que foi teo! | Ah! salva ao menos  
 A consciencia e o voto omnipotente.

Se á lista de p'rigosos inimigós  
 Podem junctar-se miseros, ó povo,  
 Não te-deslembte que te-cercam densos  
 Os sectarios do monstro impunes, soltos:  
 Janisaros, agás, derviches, imans,  
 Até visires. Pêjo não, mas susto  
 Da consciencia má força-os por ora.  
 A se-esconder: são dentes interrados  
 Do dragão morto, mas peçonha negra  
 Inda os-anima; e se hoje ainda não surgem  
 Com medo ao ferro a te-arrancar teos votos,  
 Aguardam tempo idóneo, em que rebentem  
 Como os de Cadmo, intrepidós e armados.  
 N'esses vis corações, atros avernos,  
 Que de furias não vão! Povo, confunde-os  
 De teo juiso no terrivel dia.  
 E se algum, mais insano, ousar seo voto  
 Na assemblea da patria, que renegam...  
 Se elle o-ousar, pois que a lei não previu tanto,  
 Possa o livre punhal voar-lhe ao peito.

Povo, horas de estudar na consciencia  
 A musa não t'as-roube, a joven musa,  
 Que ás delicias de amor, que aos paphios bosques,  
 Onde segura modulára ás nymphas,  
 Prefere sons tyrteos, harmodios cantos,

P'rigos nobres a insipidos applausos,  
 Glórias de um povo a fábulas viçosas.  
 Por derradeiro adens ella te-brada  
 Que um voto ás veses só, rompe o equilibrio  
 A' eleitoral balança, inda suspensa;  
 Que de um eleito ou não, depois resulta  
 Mais ou menos pendor na grão balança,  
 Onde legislador, supremo genio,  
 Bem ou mal, vîda ou morte ás nações péa:  
 Cuidae-o em vós e estremecei do encargo.

! O momento é solemne, o quadro augusto!  
 O cidadão nos lares seos medita  
 Sôbre um mudo papel sentença á patria.  
 Erra a pluma entre os dedos temerosos,  
 O coração palpita, a mente vôa  
 De nome a nôme, e pára: oh! ; porque é isto?  
 E' porque lhe-andam na alma a estância chara,  
 O seo pomar, o rio conhecido,  
 A amante, o pae caduco, a espôsa, os filhos,  
 O que tem e o que espera, o nada, o tudo.

Mas se affeições domésticas são muito,  
 Ha deveres que o vivo aos mortos prendem.  
 Julgue elle que na escolha o-presenceiam  
 Tantos, por mar, por terra, a ferro, a fogo  
 Perdidos; tantos miseros finados  
 Por hospitaes, por carceres, por brenhas;  
 Tantos em vil supplicio estrangulados;  
 Tantos da fome vítimas, e tantos  
 Que ostracismo peor gastou por longe.  
 Creia ouvir estes palidos phantasmas,  
 Nos derradeiros ais pedir vingança;  
 Lem bre-se que hoje occultos sob a terra,

Foram nossos irmãos, e á superficie  
 Patente o seo quinhão cá nos-deixaram ;  
 Que a herança incargo traz, o defendêl-a  
 Da tyrannia-algoz ; e que é terrível  
 A' consciencia a citação do morto.

Possa o vil cidadão, que, ou se-defraude  
 Do alto jus do suffragio, ou friamente  
 Lá o-exerça á ventura, ou criminoso  
 Mande sicarios por campeões á patria,  
 Possa não ver mulher sumida em luctos,  
 Nem cadaver passar, nem lá por sôtiões  
 Sentir vagidos de ignorado infante,  
 Que um remorso pungente o não salteie,  
 Que lhe não lembrem pálidas viúvas,  
 Orphãos tristes, e os martyres da honra :  
 Possa nas horas, em que os mais repousam,  
 Tresvaliar contínuo a ver batalhas  
 De septe contra oitenta, em mar de fogo ;  
 Corpos a debaterem-se nas forcas ;  
 Cabeças sobre postes, denegridas,  
 Mudas, olhos em alvo, ondeantes comas ;  
 Crer-se em masmorras, ver as portas duras  
 Fracassadas baquear-se, intrar com facho  
 Tropel de matadores, perseguil-o  
 De canto em canto, desfechar-lhe ás regas  
 Ao som de um rir feroz, golpes e golpes,  
 E elle cahir e despertar no averno !

Lyra do patrio amor, deixa toada  
 Longa nos corações, e eu te-penduro.



---

 HYMNO

CANTADO NO REAL THEATRO DE S. CARLOS,

*A 31 de julho de 1836,*

ANNIVERSARIO DO JURAMENTO DA CARTA CONSTITUCIONAL,

Co'a mão sobre o evangelho  
A Carta foi jurada,  
Hoje co'a mão na espada  
Tornamo-la a jurar!

Armas, armas! pendão fraticida  
Lá ressurgue, lá sóa a rebate.  
Marcha, marcha! victória, e combato  
Povo livre não sabe estremar.

Sahí das ímpias furnas,  
Tigres por nós vencidos;  
Não fôge dos rugidos  
Quem garras affrontou.

Guerra, guerra, se os ímpios a-querem,  
Seo rei monstro proclamem de novo;  
Das victórias é deus o do povo,  
Que os perdões em vinganças trocou.

Novo congresso influa  
Qual sol a claridade;  
Co'a força a liberdade,  
Co'a liberdade o amor.

Mas se guerra cumprir, guerra, guerra!  
Co'as borrascas a palma floresça:  
Pedro, e ávante! Qual pó desapareça  
De uma vez o vil bando traidor.

11 \*

---

ANACREONTICAS.

---

## O QUADRO ANIMADO.

Tu, cuja dextra engenhosa  
De Febo aos cantos igual,  
Cría prodígios sem conto,  
Da natureza é rival;

Cujo pincel, dirigido  
A' voz do ingenho fecundo,  
Sabe n'um quadro pequeno  
Junctar as graças do mundo;

A cujos toques divinos  
Do nada se-vêm saltar  
Terra, prado, outeiros, bosques  
O céu vasto, o vasto mar;

Pintor, escuta os meos rógos,  
Invoca as musas e amor,  
E dos meos bellos desejos  
Fase o quadro encantador.

Pinta um valle, um valle ameno  
Muito mais que os de Cythera,  
Todo inteiro alcatifado  
Dos mimos da primavera.

De copado bosque á sombra,  
De fria gruta na intrada,  
Prepará aos filhos das musas  
A mais risonha morada.

No meio dos meos amigos,  
Retrata-me n'esta selva,  
Preguiçoso e reclinado,  
Meio nu, na branda relva.

Meio nu, pois se é possível  
Ao teo pincel creador,  
Deves mostrar que este dia  
E' de importuno calor.

Alguns zephyros, brincando,  
Façam teo bosque ondular,  
E as manchas de luz e sombra  
Incertas no chão gyrar.

Em nossas faces córadas  
Co'o fogo da mocidade  
Brilhe o sorrir da saúde,  
Do praser, da liberdade.

De cristal brilhante e puro,  
Que dos vinhos mostre as côres,  
Põe-nos em roda garrafas  
Ingrinaldadas de flôres.

Haja um regato, mas longe,  
Mas com brando murmurinho,  
Por não perturbar os cultos,  
As f. stas do deus do vinho.

Alguns manéebos, cantando,  
 Tracem danças ingenhosas;  
 Junquem macio terrêno  
 Ramos e c'roas de rosas.

Volteiem, de ramo em ramo,  
 Co'as aves gentis amóres,  
 Corram em busca das auras  
 Os zephyros brincadores.

Occultas por traz dos troncos  
 Bellas nymphas da espetura  
 Espreitem, conversem baixo,  
 E vejam nossa ventura.

Alguns, vendo-as, se-erga á pressa,  
 — „ Caça estranha, diga, é esta!  
 „ Se é certo existirem nymphas,  
 „ Temos nymphas na floresta. “ —

Sõe um grlto; ergam-se todos;  
 Ellas fujam perseguidas;  
 Risos, palmas e clamores  
 As-annunciem vencidas.

Pelos recantos do bosque,  
 Pelas grutas dos outeiros  
 „ Victória, victória “ cantem  
 Os alígeros frexeiros.

Eu, no emtanto, eu só no prado,  
 Em vez de occupar-me d'ellas,  
 Me-affigure a minha deusa,  
 Que excede as deusas mais bellas.

Eu suspire, e o gnidio nune,  
 O deus do meo coração,  
 Me-appareça, m'a-condusa  
 Pela sua propria mão.

N'um transporte, n'um delirio  
 Eu a-abrace, eu lhe-proteste  
 Que de uma eterna alliança  
 O instante primeiro é este.

Raras palavras soltando,  
 De quando em quando, entre os beijos,  
 Eu lhe-chame a minha deusa,  
 O iman dos meos desejos,

A glória da minha vida,  
 A fonte do meo praser,  
 O thesouro da minha alma  
 O meo tudo, o meo viver.

O' pintor, se omnipotente  
 E' teu pincel creador,  
 Em nome dos céos, desenha  
 Este quadro incantador.

E tu, rainha de Gnido,  
 Tu, cujo poder outr'ora  
 Soube faser de uma estatua  
 A nympa mais seductora,

Surrindo, bafeja o quadro,  
 E se-verá de improviso  
 Converter-se em realidade  
 Ao teu bafe, ao teu sorriso.

---

A TEMPESTADE.

Folhas, e ramos partidos  
Revoluteiam nos ares;  
A terra alveja co'as flores  
Dos nossos lindos pomarès:

Os relampagos se-accendem  
De curto em curto intervallo,  
Do raio cahindo ao longe  
Retumba o medonho estalo.

Os relusentes chuveiros  
Mudaram a terra em mar,  
Dos campos, ha ja tres dias,  
Tudo se-viu desertar.

Não se-incontra uma só ave  
No labyrintho da selva,  
Nem um lavrador no valle,  
Nem um rebanho na relva.

Lilia, Lilia, a tempestade  
Recresce cada vez mais:  
; Ouves lá na serra o torvo  
Remorejar dos pinhaes?

São novos tufões! sahiram!  
Descem varrendo a montanha!  
Ja o rio atravessaram,  
Que espuma ante a furia estranha!

Range o tecto ao pobre alvergue,  
 As duras paredes tremem,  
 Muge o chão, vacilla a porta  
 Nos velhos quícios, que gemem.

! Tu choras, Lilia? tu choras  
 Com mêdo da tempestade?  
 ! Ergues as mãos desmaiada?  
 ! Pedes aos nunes piedade?

Vem, ó chara, e junctos ambos,  
 Com devótos corações,  
 Dirigiremos aos nunes  
 Fervorosas orações.

Esta fogueira brilhante  
 Que occupa todo este lar,  
 Nos-suppra o fogo sagrado,  
 Ardendo em solemne altar.

! Mas qual rogarei dos nunes?  
 Os que eu conheço melhor:  
 De Jove os pequenos filhos,  
 Doce Baccho, e meigo amor.

O' deuses, piedosos deuses,  
 Sempre amigos dos mortaes,  
 Vêde as lagrimas de Lilia,  
 Condoei-vos de seus ais.

Longe da minha cabana  
 Levae os ventos funestos;  
 Dos vossos rosaes e vinhas  
 Poupae, ó nunes, os restos.

Tudo o mais pereça embora ;  
 Mas á minha Lilia bella  
 Deixae do mundo este canto,  
 E a mim o viver com ella.

Do meo candido rebanho  
 Aqui seremos pastores ,  
 Felises co'as nossas aves ,  
 Co'os nossos bosques e flores.

A vós ambos cada dia ,  
 Par divino e incantador ,  
 Daremos graças e cultos ,  
 Baccho imberbe, e imberbe amor.

! Engano-me, ó Lilia ! . . . escuta :  
 ! Não sentes . . . não é verdade ?  
 Os ventos ja não resoam.  
 Foi-se ávante a tempestade.

Rí-te, ó Lilia, enxuga o pranto,  
 Levanta os olhos ao céo;  
 O sol, o sol apparece,  
 ! Não finda o receio teu ?

Os nossos nunes protegam  
 Aos corações seus devotos.  
 Desempenhemos agora  
 Os meos, ó Lilia, e teos votos.

Eia, á pressa enche-me as taças ;  
 Bebo em honra ao deus do vinho !  
 Enche outra vez, este nune  
 Não soffre um brinde mesquinho.



Enche terceira, bebâmos....  
 Que balsamo-incantador!....  
 Vamos depressa, querida,  
 Dar também o culto a amor.

---

O CLARIM.

! Que estrondo horrível e agúde  
 Retine, estremece os ares?  
 ! Que argênteo clarim troveja  
 Os rebates de Mavorte,  
 Chamando heróis á pelêja  
 Para vítimas da morte?

Nunca os lábios, que te-sopram,  
 Aborrecido instrumento,  
 Gostem do vinho, ou dos beijos;  
 Vulcano emfim te-desfaça,  
 E para incher meos desejos  
 Te-converta em funda taça.

Terás então melhor uso;  
 Não chamarás inimigos  
 Mas festival sociedade;  
 Serás de rosas cingida,  
 Farás brindes á amisade,  
 Serás o incanto da vida.

Muito inleado me-houvera eu de ver, se quisesse dar cabal razão d'estas chamadas *anacreonticas*, que evidentemente não passam de sonhos de accordado. D'entre borrões tão velhos me-surdiram, que ja não posso achar na memória, o quando, o porquê, nem o para que as-fizesse. Algumas tiveram ha poucos annos a honra de apparecer no *Correio das Damas*: só por isso é que reapparecem agora aqui: anacreonticas, são-n'o tanto, como quasi todas as anacreonticas modernas. O bom velho de *Teos* foi o unico innegavelmente, que as-fez como devia ser: ja o Horacio lhe-ficou muito para baixo, e mais era um epicúreo de lei:

..... Aristipi de grege porcus:

disem porém que não bebia vinho, apesar do muito que o-louvava: nós, por força, que havemos de ficar muito para baixo de Horacio, porque não só não cremos na divindade do vinho, mas nem ja no amor á moda d'elles. Com os costumes antigos hia bem, intendia-se e gostava-se de ver aquelle respirar delicias entre rosas e murtas, aquelle chasquear o mundo dos trabalhos, aquelle não admitir nada serio, nem a morte: — outros tempos, outras ideias. Estas mesmas cousas, entre nós, não passam de arremêdos sem-sabores, tão dignos pouco mais ou menos de attenção, como as danças e cortesias dos ursos insinados.

O dythirambo foi genero de poesia; hoje, para escapar da nota de indecencia malcreada, ha-de ficar por força com a de tontercia pueril. A anacreontica está ainda em peor caso; porque a grosseria do vinho ou é affeiada pela delicadesa do amor, que se-lhe-ajuncta; ou criminada pelo faser descer até á abjecção de méro instincto animal e bruto.

Chama-se a isto, assignalar a mareantes novéis o escólho, em que se-naufragou.

---

## A' MORTE

DA

CHRONICA CONSTITUCIONAL DE LISBOA.

*Elegia. (1)*

Quã data portã raunt:

*Virg.*

¿ Céos! ¿ porque anda no povo este susurro?  
¿ Volta o Miguel? ¿ mudou-se o ministerio?  
¿ Deu-se emprêgo a traidor, castigo á honra?  
¿ Desligam-se, remóvem-se, vão presos  
Heroes, que pela patria o sangue dessem?....  
!!! Qual história!!! hoje Astreia, outr'ora expulsa,  
Pelas margens do Téjo anda a passeio  
De balança na mão pesando as cousas....  
¿ Que novidade ha pois? ¿ teremos guerra?

Officiaes das reaes secretarias

; Diz-se que andam de tromba! é outra a causa;  
Morreu.... Numes dos céos, dae-nos constancia,

Morreu.... quem o ha-de crer! e então parindo  
De pae mestiço uma hybrida creança!

; Morreu, morreu a Chronica!!.. ; vós, typos,  
Da *régia imprensa* esmorecei nas caixas!

Rapazes, que bateis as ballas fofas,  
Dae com ellas na cara em ar de lucto!

Foram-se as vossas páginas, e a nossa!

; Choraes, droguistas, que perdeis o embrulho,  
O digno embrulho dô vendido incenso!

; Choraes, é vós das *mechas fabricantes*,  
Vós por cujo milagre em nossas casas  
Luz, e fogo nas Chronicas se-via:

E tu, que em leito d'ouro as-ondas rôlas,

Padre Téjo, arrepella as barbas verdes,

E troca em teixo a c'roa dos caniços:

Nunca mais levarás vaidoso aos mares

Co'os mais despejos da cidade invicta

A crespa chusma de papeis tão sabios. •

; Mas será sonho, Chronica? ; é possível

Que ousasse a propria parca thesourar-te,

Como tantos por cá? não lhe-trepêram

As mãos dando no fuso o ultimo gyro

Da tua parda estqpa? ; ali! que essa *roca*,

(Se é dado usar de classico no estylo)

Do canavial de Midas foi cortada

No minguate da lua em baça noite

Por *trasgo* avesso, e máo. Vive o contracto

Do máo homem Rousseau; vivem mil obras,

Que proclamam sob'rana a vil canalha;

! E tu morres, ó Chronica mansinha!  
 Morre o teu proprio nome! e o que é mais duro  
 O *sobrenome* teu nem mesmo escapa!...

! Que delicto fatal deu causa a tanto?  
 (Porque o ser *sensabor* nunca foi crime.  
 Haja vista á *Isabel das botas grandes*,  
 Que de *Aragon* *non* farta, ahí veio a *Lysia*  
 Dar *sensabor* batalha ás nossas musas,  
 E dorme em paz nas lojas dos livreiros.)  
 ! Teo peccado qual foi? nunca te-viram  
 Tomar partidos, nunca fustigaste  
 As costas d'um potente, inda que injusto;  
 Nunca te-intrometteste em vida alheia;  
 Deixavas ir o mundo á tona d'agua  
 Sem nos-dar novas d'elle; eras de resto  
 Quasi classica em phrase, em patriotismo  
 Quasi orthodoxa, e quasi nada em tudo:  
 Emquanto a polidez, saíás da côrte,  
 Nunca viram maior cumprimenteira,  
 Segundo ouvi aos raros que te-liam;  
 Passavas mesmo um pouco a adúladora:  
 Só tiveste, que eu saiba, uns dous descuidos;  
 Um, ter dicto uma vez um nome *Peyo*,  
 Outro, um nome durissimo *Carvalho*...

! Chronica, ó flor das chronicas antigas,  
 E das modernas chronicas! ; modêlo  
 Das chronicas por vir! ah! que innocencia,  
 Que formosura ingenua, ou viço de annos  
 Co'a vida contarão, quando tu morres  
 Bella, e quasi de mamma aos peitos chochos,  
 Aos peitos chochos da infeliz *sandice*!

Da morte o duro pé calca egualmente

Do grão *Targini* as edições de luxo,  
 E as folhas tabernaes d'um preço réles!  
 Mas que immenso vasio em *Lysia* deixas!!  
 O annuncio ou da novena; ou da modista,  
 Das lombrigas os pós, o insigne mestre,  
 Que em só dose licções demude a lettra,  
 A môna de um francez, que saiba contas:  
 Por onde hão-de inculcar-se aos bons freguezes?  
 ; Será preciso recorrer-se a Londres,  
 Aos *Globos*, *Armazens*, *Mallas da tarde*,  
 Ao *Correio*, ao *Jodo Bull* ou qualquer outro,  
 Para diser que ha pílulas no Morley?  
 Inda tudo não é: foi-se contigo  
 O narcótico-mestre, a que não houve  
 Insomnio tão cruel, que resistisse:  
 Por esses botequins viam-se ás dusias,  
 Apesar do café, teu socio esperto,  
 Leitores teos roncar, mal te-avistavam:  
 ; Onde hão-de ir d'ora ávante achar remedio,  
 O poeta esquentado, o amante acceso,  
 Um trahido da rima, outro da amada,  
 O funcçionario, que trepou não visto  
 Ao píncaro das honras, qual lagarto  
 De árvore annosa á plumula ondeante,  
 Que aferra pés, e mãos para suste-se,  
 E prevê sempre a toda a parte a queda!....  
 Estes tristes somnambulos bem tristes  
 ; Que hão-de faser sem *Chronica*? vellarem  
 Até que o desespero os-mande ao Orco:  
 Estes, e muitos mais te-andam chorando;  
 ; Mas que muito! se cousas insensíveis  
 O-fasem! por ti chora inconsolavel

O *alfim*, chora o *quicá*, e os gallicismos,  
Neologismos, tolismos, e archaismos,  
Bem que por teo morrer não fiquem orphãos.

; Não ha que duvidar! emfim morreste!  
; Ah! se esquerda não fosse a mente nossa,  
Mais de um horrendo agoiro o-annunciára!  
Em roda do impressor por nove noites  
Zuniu bisouro negro; e á nona o-viram  
Cahir de morte subita no prelo.

Ante a loja da Chronica tres veses  
A' meia noite em ponto, a visinhança  
Ouviu zurrar um burro, e intrar aos coices  
Na somnolenta porta: uma cadella  
Negra como um chapeo, nas horas mortas  
Foi-lhe uivar feralmente, e dando a lume  
Ante os frades de pedra uma podenga,  
A' luz dos lampiões morreu de parto.  
Estes, e outros auspicios pavorosos  
Claro haviam predicto um grão desastre:  
E tu morreste, ó Chronica, ; tão leve,  
Como na terra o-foste, ella te-seja!

As musas, ou das nove, a da comedia,  
Mal que tenha logar, ha-de a teos manes  
Vir desfolhar, não louros, que os não acha,  
Mas dous tômos, ou tres das obras primas  
De José Daniel, *barco dos tolos*,  
E *almocreve das petas*; Clio, a dona  
Do historico buril ha-de na campa  
Teo epitaphio abrir, gravando um zero;  
E o passageiro, quando o-vir de longe,  
Dirá: lá jaz a Chronica! não riam....

Já livre emfim de linguas maldiscentes

Segura de vaivens, baixaste á margem  
Do irremeavel rio ; affeita ás sombras  
Viste-l'as sem pavor no proprio reino.  
Charonte, bem que ancião, cortez co'as damas,  
Deu-te a mão para intrares na barçaça,  
E não te-acceitou óbolo, por pobre  
Disem os máos, e eu digo que por femea ;  
De maneira que alli se só se-achára,  
Gerava-se o anti-christo. O que foi certo,  
Foi que a barca, levando os teos ballotes  
Não levava algum pêso: o arraes annoso  
Viagem nunca fez, que tanto risse:  
Diz-se que o cão trifuace ao descobrir-te  
Cahi u logo a dormir, e o fogo eterno  
Deixou com se-apagar tudo ás escuras.

Emfim já gosas no descanso elysio  
Digno prémio de ti, vagando ociosa  
Juncto a um lago do Léthes: não á sombra  
De palmas dos heroes, rosaes de bellas,  
Mas de caramanchões de dormideiras,  
E de fresca tabúa, porque Minos,  
Eaco, e Radamantho, ao pôr-te os olhos,  
Para lá *und* voce te-mandaram.

Ora pois, largos seculos desfructes  
N'essa mansão de pânria ; entre os mirrados  
Espectros do *parnaso lusitano*,  
E tantos mais, que não nomeio agora.  
Nunca o *magriço Orpheo*, teo velho espôso,  
De Virgilio *discipulo fluente*,  
Se-lembre d'ir buscar-te, onde lá poissas,  
E revocar-te á vida jôh ! se o-tentásse,  
Possas tu, nova Eurydice, deixal-o



Como um pateta em meio do caminho,  
E voltar á tabúa, ás dormideiras.

Adeus, eterno adeus, papel mansinho!  
Se vires lá por grutas d'esse Léthes  
A *lei da imprensa*, dise-lhe que venha,  
Que já por Santarém não temos burros.

¡Adeus! se alguma cousa em perda tanta  
Nos-póde consolar, é ver que, ao menos,  
Cá fica em tua filha a cópia tua,  
Que do nome da avó se-diz *Gaseta*.  
Pede ás parcas por nós, que á sua estriga  
Junctem toda a porção roubada á tua:  
De guerra a avó morreu: morreste, ó filha,  
De má cólera! os astros nos-defendam  
Que de agourada fome espire a neta....  
Antes, antes, ó Jupiter, em bombas  
De estridula girândola rebente  
A annunciar algum festêjo grande....

Rei dos reis, pae dos paes, nume dos numes,  
Oh! salva-a da penuria, lança a vista  
Piedosa, do alto empyreo á rua do ouro!  
Na loja da *gaseta* a chusma ferve;  
Bem a-ouves, bem vês; mas vê, mas ouve  
Que é tudo a desmanchar a assignatura!  
Se a tua omnipotencia lhe não vale,  
Adeus luses! de aranha ondadas teias  
Vão cortinar a loja solitaria!  
Nunca mais se-ouvirão lá dentro voses,  
A não serem do pálido caixeiro,  
Que, por tempo matar, jogue a petisca;  
E virá tempo em breve, em que sisudo  
Outro Volney de largo meditando,

Já sol posto, incostado a um frade rijo,  
Cousas dirá . . . . que eu não direi por ora.

---

NOTA.

(1) Bem carecia de notas, para se-intender, esta elegia; mas como lh'as não puz; quando pela primeira vez sahiu a público no anno de 1834; o querer pôr-lh'as agora, venceria já sóros de impossivel. Todas estas allusões a pessoas e cousas, que então pareciam não haver nunca de esquecer — oh! tremendissimo desingano de vaidades politicas! — são já, a cabo de sós dez annos, enigmas e hieroglyphicos indecifráveis; — ¿que serão as de hoje, d'aqui a outros dez? ¿que serão todas as d'este seculo para o dia de anno-bom da era de 2000? ¿? E ver a ufa nfa com que andamos zumbindo alto, labyrinthando e esvoaçando-nos todos como enxames de moscas de verão á nossa réstea de sol, que dura um quarto de hora!! Parecemos os arbitros do mundo presente e futuro; e o mundo presente não faz senão zombar de nós, enxotar-nos, pôr-nos aqui um pouco de assucar, acolá um veneno, mais adiante uma gotta de leite que nos afoga: ¿e o mundo futuro? o mundo futuro nem saberá de nós; terá de se-occupar com a nossa varêja, que não ha-de desmentir da raça: o primeiro frio do outomno nos atordôa, parou toda a fervura; o segundo nos-deita abaixo; vem a varredeira, que nos-ajuncta, cantando, para a sua pá: ¿que nos-procurem depois! A maior e mais ampla história, mais não é que um epitaphio muito curto e muito certo — nasceu, zuniu, morreu. — Não, senhores; ainda que podesse, ja não punha notas a esta elegia.

---

RENDEZ-VOUS

*A uma senhora que sabia muitos versos do auctor  
e desejava conhecê-lo.*

Se das musas a amiga inda suspira  
Por ver Castilho, cujos versos ama,  
Venha, e verá que lhe não mente a fama,  
Verá um urso tocador de lyra.

## AS

FOLHINHAS ANTIGAS E AS MODERNAS.

*Conto (1)*

Um dia um cura velho,  
De Baccho adorador, gordo e vermelho,  
A' porta repimpado,  
Volvia e revolvia  
A buscar na folhinha  
A resa d'esse dia,  
E tal resa não via.

Dez vezes as cangalhas tira e limpa,  
E lavado em suor dez vezes torna  
A' malograda emprêsa:  
Té que desinganado,  
Da teima emfim se-deixa,  
O breviário feixa,

E em taes exclamações converte a resa:

- „ Oh tempos ! ; oh costumes !  
„ Onde estão as folhinhas de algum dia !  
„ Ja de mim para mim tinha eu ha muito  
„ Que estas eram erradas.  
„ Segundo estas, passou-se o anno inteiro  
„ Sem eu ver o reideiro,  
„ Que ajustou vir cada anno quatro vezes !  
„ Se me eu fiasse n'ê-tas, nove meses  
„ Diria que eram dous, ou quer que seja,  
„ Desde o casar ao baptisar na egreja.  
„ Não intendo tal festa...  
„ Emfim seja o que fôr: vamos á sésta. “

## NOTA.

(1) Não fiz este contosinho para desacatar (á moda dos sábios em mez e meio) o clero, e particularmente os curas de alma; mas por isso mesmo, que o parochiar é officio de momentosissimos resultados, não só espirituaes, mas tambem temporaes, e que importa chamar para este ponto principalissimo a attenção de todos os que fassam ou ajudam a faser parochos, para que olhem mais á sciencia e moral do homem, do que á sua libré politica; não me pêsas dar esta amostra de curas, como ha e eu conheço muitos, que invergonham a religião por sua ignorancia; e por seo desleixo escandalisam e empeioram o povo. Da ignorancia bruta, entre elles mui commum, mas que seja superfluo porei aqui um exemplo, não dos milhares que este reino me-está offerecendo, que não quero apódos de satyrico, mas de alheias e longes terras . . . ; dos Estados Pontificios! —; Em toda a parte da vinha anda o pulgão!

Colhemos o caso fresquinho do *Courrier de L'Europe* de 2 do corrente março, que hoje, 18, nos-acaba de chegar ás mãos.

«Um clérigo moço, de não vulgar talento e exemplar piedade, prégador de fama, e confessor muito procurado, cahiu doente de molestia apertada e perigosa. Aconselhou-lhe o médico certas águas mineraes, bebidas na fonte, que ficava em um logarêjo, não longe da cidade onde vivia, sito lá para as vertentes septemtrionaes dos Apenninos. Mas ou porque o mal não tivesse cura; ou porque o remedio fosse desacertado, a enfermidade ingraveceu; para logo se-perderam as esperanças, e sem deixar tempo a se-avisarem amigos nem parentes introu em artigo de passamento. Aqui se-vê o moribundo intregue só ao parochio do logar, que era um pobre cura serrano, mais camponio do que padre. Este, havendo para si, que o fim do seu confrade estava á porta, só cuidou em lhe-administrar o officio da agonia. Ajoelhou-se-lhe ao pé da cama, abriu o seo ritual e poz-se a ler. O agonisante achava-se nas últimas, e não tinha até alli podido tornar resposta a quantas perguntas o cura lhe-fizera. Mas com grande assombramento, e logo depois com grande escandalo e horror do mesmo cura, estremeceu-se como convulso, arrancando do fundo do peito negativas formaes e repetidas no fim de cada versículo, *não, não, não*: como quem protestava contra o valor das preces da egreja.»

«O cura foi continuando com assuas orações cada vez mais-energico, e o mal-aventurado com as suas negativas, até que exhalou o último suspiro, que foi uma especie de ionca de desesperação.»

«Não havia dúvida para o cura: seo collega tinha repulsado até ao cabo os confortos espirituaes e esabáta impenitente.»

«Chegam os parentes do defuncto: seo primeiro cuidado é mandarem levar o cadaver para uma egreja da cidade segundo o costume. O cura da aldeia ja tinha ido adiante, e a toda a pressa, para falar com o bispo de *Forli*, e faser-lhe saber, por descargo de sua consciencia, o que era passado.»

«O testemunho de um ecclesiastico, no tocante aos últimos momentos de um moribundo, recebe-se nos estados romanos como prova inteira: ficava logo certo, visto como o finado havia recusado até ao fim os soccorros ecclesiasticos, que se não havia de sepultar em terra sancta.»

«Grande susurro por toda a cidade: a familia do morto faz tudo, quanto sabe, porque se-dispense na severidade do regulamento: e nada obtém. ¿Que se-havia porém de faser ao corpo? As antigas confessadas d'aquelle padre attestavam, a voses, a muita piedade e charidade, que sempre n'elle resplandecêra: e agora vinham em cardumes ajoelhar-se e orar em derredor do seo esquife, e cobril-o de lagrimas e flores. Intendeu o vigario geral, que não havia remedio, senão justificar, perante o povo, a ordem ja dada. Chama o padre, que lhe-assistira ao passamento, e diz-lhe — que diante do povo mostre e leia cada uma das orações que o mal-aventurado lhe-repulsára.»

«O cura abriu o ritual; aponta ao vigario geral a página; e este leu...»

«¿Era o esconjuro ou o exorcismo contra os gásfanhos!»

«O triste clérigo da aldeia não sabia latim: poséra-se a ler á tóa no livro litúrgico: e o coitado do moribundo fasia todas as diligencias para lhe-dar a intender que não era aquillo.»

«A ordem, entendido está que foi revogada, e o corpo enterrado com todas as honras devidas a um fiel.»

---

## EPIGRAMMA.

Exclamou certo avarento,  
A um que se-ia infocar:  
«—; Feliz homem, que tres dias  
»Poude comer sem gastar!»—

A'

## FONTE FRIA DO BUSSACO.

*Ode.*

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,  
Sahe, de relance ao menos;  
O' alva nympha, solitaria e meiga,  
Da fria e clara fonte!

Quão bella debes ser, se a natureza,  
O' nayade escondida,  
A urna argêntea em tuas mãos confia  
De tão formosas águas!

Ou pela aberta rocha ao menos lança,  
A furto, os negros olhos;  
E por entre o molhado e verde musgo  
Translusa o niveo rôsto.

Vê com que esmêro e pompa a natureza  
Adorna o teo retiro:  
Olha estas grandes árvores, que apenas  
Sentem do vento os sópros.

Olha a mansa bacía, onde se-espraia  
Tua água transparente:

Farto musgo a-atavia, e musgo emôrno  
Gratos assentos fórma.

Olha ; vê que nem Euros te-perturbam  
 O teu cristal sereno ,  
 Nem gado , nem pastor , nem ave ou fera ,  
 Nem folha desprendida.

Com que rumor as águas , em saindo  
 De seu não fundo tanque ,  
 Descem , saltando em fugitivo arroio ,  
 Pelo teu monte abaixo.

Castas sombras , pacífico retiro  
 Tão velho como os montes  
 ; Sabeis que existe um deus com ásas d'ouro  
 Que os corações inflamma ?

Não : jamais entre vós ternos suspiros  
 Que amor arranca aos peitos ,  
 Nunca maviosas queixas se-escutaram  
 De corações escravos.

Aqui só reina a paz ; vivem com ella  
 As austeras virtudes :  
 E' d'estes cumes solitarios , tristes ,  
 Que o mundo se-despresa.

Jamais humana dextra em vossos troncos  
 Gravou terna legenda :  
 ; Oh ! ; quem gosa do pranto matutino  
 Da aurora , em taes logares ?

; Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla  
 O córado horisonte ?  
 ; Para quem sólta o rouxinol em maio  
 Seos nocturnos gorgeios ?

! Quem se-aproveita do luar, que deve  
 As horrorosas sombras  
 Romper aqui e alli nas tardas horas  
 Da noite socegada? . . .

Ninguém: —; Porque junctaste estes incantos  
 Pródiga natouresas?  
 Aqui não vem Glicera, ou Chloe, ou Daphne  
 Toucar-se juncto á fonte.

Nunca as graças gentís aqui vagaram;  
 Nunca talvez um vate  
 Se-aproveitou dos mágicos delirios  
 Que geram taes logares.

Tu vives pois, quieta em teu seiro,  
 Rara vez procurada,  
 O' alva nympha, solitaria e meiga,  
 Da fria e clara fonte.

Tenhas sempre, nas húmidas cavernas,  
 De águas alma abundancia:  
 O ardente junho, o túrbido janeiro  
 Igual te-vejam sempre.

E quando, gasta a rigida cadeia  
 D'onde o universo pende,  
 Já sem ordem, sem leis o velho mundo  
 Cahir sôlto em pedaços,

Então, antes que o cáhos as dispersas  
 Reliquias ingolfado  
 No horror medonho da segunda noite  
 Houver; salva-te, ó nympha,



Com teos vassallos, invisíveis genios;  
 Transporta n'um momento,  
 Inteiro, este logar sobre algum monte  
 Do aventurado elysio.

Por ora dorme em paz, meia incostada  
 Sobre a urna argentina:  
 Aqui ninguem teo somno descansado  
 Virá interromper-te.

Só na alta noite alguma vez, ja quando  
 Alto silencio impera,  
 Accordarás ao baque de algum tronco  
 Dos annos carcomido,

Que farto dé ver seculos, e curvo  
 Ja por mil tempestades,  
 Desarraigado enfim cahir no meio  
 Da mata, que te-cérca.

### ELOGIO A...

— " Tem lido quanto é moderno;  
 " Estudou a Grecia e o Lacio;  
 " Sabe de cór todo Homero,  
 " Ovidio, Virgilio, Horacio.  
 " Tem genio por dez ou vinte;  
 " Tem milhões de poesias;  
 " Seos versos são todos cheios.... "

— „ Sim! de que? "

— „ De alarvarias "

## IMPERTINENCIA DAS MÃOS.

## ADIVINHAÇÃO MORAL.

N'um domingo de janeiro,  
Em meo capote embrulhado,  
Sosinho ao pé do braseiro,  
Puz-me a apertar regelado  
As mãos, que assoprei primeiro.

! Mas qual meo pasmo seria,  
Quando ouvindo um rumor leve....  
Senti que das mãos sabia!  
Quero contar-vos em breve,  
O que uma á outra disia.

*Dircita.* Arrede-se um pouco mais,  
Visinha, se lle-parece,  
Não gósto de súcias taes.  
Julgo que ás veses se-esquece  
! De que não somos eguaes!

! Tem frio? vá-se aquecer;  
Mas não se-metta comigo:  
La tem capote, se o-quer:  
Lindo seio é meo abrigo,  
Que me-accolhe com praser.

*Esquerda.*    Tocar-vos eu , illustrissima ,  
                   Não suppuz ser culpa horrífica ,  
                   Quando eu , escrava humilíssima ,  
                   E vós , senhora magnífica ,  
                   Temos por mãe a mesmíssima .

      ; De ouvir-vos me-sinto extática !  
       ; Fôrma , côr , dedos identicos ,  
       Terão diversa pragmática ?  
       ; Que é dos titulos authenticos ,  
       Porque sois aristocrática ?

*Direita.*    ; Que é dos titulos ! A espada ,  
                   A lyra , o pincel , e a penna ,  
                   A alliança , a fé jurada ,  
                   O sceptro que o mundo ordena ,  
                   De amor a expressão calada .

      ; Sou eu ; ou sois vós , que dais ,  
       Ja cidades aos humanos ,  
       Ja templos aos immortaes ?  
       ; Sem mim , nos undosos planos ,  
       Que náu arfára jamais ?

      ; De feras quem purga a terra ?  
       ; Quem deu a Alexandre os louros ?  
       ; Quem é que os êrros desterra ?  
       ; Quem trouxe a Eneida aos vindoiros ?  
       ; Quem o raio a Jove aferra ?

; Quem o universo renova ?  
 ; Ou quem . . . ; mas . . . trabalhos vão !  
 Teo nome sinistro é próva.,  
 De qual d'entre as duas mãos  
 Mais por seos feitos se-appróva.

*Esquerda.* Vencida estou : ; Que dialectica !  
 ; Que persuasiva rethórica !  
 ; Que discurso cheio de ethica !  
 ; Que vasta sciencia histórica !  
 ; Que suasória tão pathética !

Em tudo falais verídica :  
 De louvor com jús sois cúpida.  
 No fôro, com tal causídica  
 Vós foreis tudo, e eu estúpida  
 N'uma sentença juridica.

*Direita.* Basta, basta de ironías :  
 Refuta rasões discretas,  
 Se pódes, porém não rías :  
 Deixa da Italia aos poetas  
 Eguaes esdruxularías.

*Esquerda.* Aproveitando a licção,  
 E a licença, que me-dá,  
 Juro já fé de honrada mão !  
 Entrar em materia já,  
 Co'a mais sisuda oração.

No meo humilde intender  
 A questão dous pontos tem;  
 Dous pontos: e vem a ser,  
 Se eu faço, ou não faço bem,  
 E se o-posso, ou não faser.

Quanto á primeira, é verdade,  
 Que a direita diligente  
 Funda, ou toma uma cidade,  
 Enquanto a esquerda dormente  
 Jaz no seo bolso á vontade.

; Quer-se um navio? a direita  
 Agarra só no machado,  
 Prostra o bosque, serra, ageita;  
 Mal me-tenho precatado,  
 Apalpo uma náa perfeita!

Sem mim, tece a tecedeira,  
 Atira o atirador,  
 E cosinha a cosinheira;  
 Sem mim, toca o tocador;  
 Tu és a só, e a primeira.

A côr mesma, a côr bastára  
 A decidir a questão;  
 Tu és queimada, eu sou clara.  
 O que vai de mão a mão,  
 Só não vê quem não repara.

Passando ao segundo artigo,  
Se posso, ou não faser bem;  
Com minha vergonha o-digo;  
Comtigo a natura é mãe,  
Cruel madrastra comigo.

Tu nasceste habilitósa,  
Como eu inerte nascí;  
A educação cuidadosa,  
Que te-fez tão destra a ti,  
Fôra comigo ociosa.

João Jacques (certo animal  
Que tracta da educação)  
Diz, que com disvélo egual  
Se-crie uma e outra mão,  
E eu serei tua rival.

Que, por exemplo, na éscripta  
Nos-empreguem sem diff'rença....  
; Havia ficar bonita!  
Ja Macróbio assim não pensa,  
Mas é porque esse medita.

Diz, que a parte esquerda é fria,  
Que a parte direita é quente:  
Com figado e anatomía,  
Decidiu, mui sábiamente,  
Que eu nada faser podia. (1)

(1) Macrob. Saturnal. Lib. VII. Cap. 4.

Tu é que fases tolice,  
 Fidalga, em não me-cortar  
 Pela minha mandriíce.  
 Sem mim pôde-se passar.  
 Abaixo a canalha... — Disse.

A direita, que affastada  
 Se-tinha estado torcendo  
 Em crespo murro fechada,,  
 De injúrias tropel horrendo  
 Hia soltar indignada...

Eis que ouço diversa gente  
 Vir intrando na cosinha,  
 Fugida ao frio inclemente;  
 Nos bolsos, com mágua minha,  
 Sumí as mãos de repente.

---

### INSCRIPÇÃO,

*Para um monumento lapidar, juncto a Alcázar-  
 do-Sal, á memória dos liberaes  
 alli assassinados.*

Aqui de tua patria os defensores  
 Tragaram do martyrio inteira a taça:  
 Viandante! leva as lagrimas e as flores;  
 Lê só, dobra o joelho, adora, e passa!

## HYEMS.

## ELEGIA.

Arboribus cecidere comæ, tacuere volucres,  
 Et nive sub tristi dura rigescit humus.  
 Jam procul intonuit contractis nubibus æther,  
 Nigra repentibus ignibus arva micant.  
 Nox rabidis furiosa Notis ruit undique cælo,  
 Et radiant toto sidera nulla polo.  
 Nunc agite, nunc ferte, viri, quæcumque per agros  
 Rapta procelloso vortice silva jacet.  
 Pauperis oh! tuguri dissolvite frigora, Divi,  
 Longus et in noctem luceat igne focus.  
 Nunc, pueri, properate simul, properate, puellæ,  
 Considat mixtis garrula turba jocos.  
 Bruma, vafè, valeatis, agri: dum luceat ignis,  
 Ventorum ridet rustica turba minas.  
 Dum tereti volvunt fuso sua pensa puellæ,  
 Altera in alterius carmina carmen adit.  
 Et pecoris blanda comitatur arundine custos  
 Filidis argutos, dulcia verba, sonos.  
 Hæc canit aligeri contemptos Numinis ignes,  
 Atque puellari tela repulsâ sinu.



Dumque canit, nititurque animos finxisse superbos:  
 Nescio quis tacitus conficit ora rubor:  
 Arrident cunctæ, cunctæ convicia miscent,  
 Accensis oritur jam nova causa genis:  
 Nescio quem fingunt, de quo negat illa, Menalcam;  
 Fabula nec pago notior ulla fuit.  
 Nunc salibus locus est; nunc verba licentius audent;  
 Cum vetula in fusum candida fila trahens,  
 Atque animo longos repetens, quos degerit, annos,  
 Incipit, et narrat, dum latus omne silet.  
 Nunc canit, aut trepida regem sub nocte vagantem,  
 Cui procul é magica visa lucerna domo;  
 Aut sine posticibus cantatæ mœnia turris,  
 Regnat ubi in rapta virgine dirus Arabs.  
 Ora tenent omnes, et longa silentia fiunt,  
 Dum furit excluso turbidus imbre Notus.  
 Quid cessare juvat? nunc pocula sumere tempus,  
 Nunc decet arguto tingere verba mero:  
 Jam mihi castaneæ crepitant sine cortice flavæ,  
 Quas prius accensis supposuere focis:  
 Spargite nunc cineres, et opimam carpite prædam,  
 Rursus ; io! pateras, et bona vina date.  
 Terque, quaterque juvat radiantis munere Libri  
 Expleri: siccis sit malus unda pudor.  
 Nos celeres ventos, tonitrus spernamus, et imbres,  
 Amphora in alternas itque, reditque manus.  
 Illic et risus, et verba jocantia certant,  
 Atque pharetrati, candida turba, Dei:  
 Illic et cæston, veneresque, et gratia triplex,  
 Lusibus atque comes flava juvenia suis.  
 Basia ferventi fluitant commixta Liæo,  
 Carmina blanda, novem, munera vestra, Dæ:

Quare agite, et diras, tu vir, tu fœmina, curas  
 Pellite, non nostrum est, quod petit ira Jovis.  
 Rumpatur, quicumque ratem temerarius audet  
 Incerto fragilem conseruisse freto:  
 Aut captis siquis miles ponit otia telis,  
 Quique suos unquam deseruere lares.  
 Nos servant circum, nemoralia mœnia, silvæ:  
 Non ruit in quercus Jupiter ipse suos.  
 Stramineis summas ferientia fulmina tures  
 Parcunt non parvis invidiosa casis.  
 Nos bona simplicitas, pietas nos alma tuetur,  
 Lætitiæque parens, Idaliusque pater.  
 Nos cessare decet, genio indulgere secundo,  
 Et canere, et quavis cingere fronde caput.  
 Jam vernæ periire rosæ, cecidistis, aristæ,  
 Uvaque pampineo grata sapore Deo:  
 Post aliquot fugient brumalia tempora lunas,  
 Atque perituras terra feret violas.  
 Cuncta volant, sapite, ó Juvenes, et, dum sinit ævum,  
 Lucro apponatur, quæ datur hora brevis.  
 Vernaes aliis venient in gaudia soles,  
 Qui Jove sub tristi somnia longa gerunt:  
 At vos, inclusique domo, curisque soluti,  
 Lūdite; cessandi tempora longa manent.  
 Oscula nec blandis pigeat sumpsisse labellis,  
 Nec rapere invitis, grataque verba loqui.  
 ; Me miserum has inter modo Julia nostra fuisset!  
 Quod moneo, exemplis condocusse velim.

## A

MAURICIO JOSE SENDIM.

Por tres veses solicitou e obteve de mim a officiosa amisade d'este nosso, mais ingenhoso e fecundo do que afortunado pintor, que eu me-deixasse por elle retratar: por tres-veses sahio d'esta sua empenhada obra, como de todas o-costuma. D'estes retratos o primeiro e o terceiro; que foram lithographados, conhece-os o público: o segundo, um bello quadro a oleo, conservo-o eu, como offerenda e memória do seo affecto. A epistola foi a expressão do meo agradecimento pelo primeiro.

## EPISTOLA.

Já desde Homero, em tráficos do Pindo,  
Amigo meo Sendim, não roda o ouro.  
Versos, bustos, painéis, primor das graças,  
Pague-os sêcco bretão por sommas brutas,  
Se muito ha que do auctor deu cabo a fome.  
Lisonja em metro, em marmores, em côres,  
Incommende-a o mimoso da fortuna;

Pague com seos dobrões a glória alheia.  
 Nós que, longe da terra, ao vulgo estranhos,  
 Vivemos facil vida anachoreta  
 Por solidões de imaginario mundo;  
 — Que os louros para nós, por nós plantados,  
 Ouvimos susurrar por sôbre o colmo  
 Da hermidinha, onde as musas nos-visitam;  
 — Nós, nós, a quem deu alma a natureza,  
 Não terrea, não mortal, não simples alma,  
 De instinctos animaes fugaz composto,  
 Mas generosa, esplendida, sublime,  
 Mixto da etherea luz, do olor das rosas,  
 Do gorgueio do cysne, e do profundo  
 Bramir do oceano, e do beijar das rôlas,  
 E do allôr melancolico da lua,  
 E da calma do estio, e das sonoras  
 Bafagens tuas, Hespero, e do lume  
 Trémulo e scismador dos longes astros,  
 Não pomos preço vil ao que é sem preço.

Como lá n'outra idade, entre homens simples,  
 Colono, pescador, monteiro, artista,  
 De mão a mão seos commodos trocavam,  
 Tal dura e durará commércio nosso.  
 Irmãs, e não rivaes, as artes-bellas  
 Apertem mais e mais seos mutuos laços:  
 Sua origem commum, seos fins os mesmos  
 Impõem-lhes lei de amar-se, unir exforços,  
 Umas ás outras realçar o incanto.  
 Mais, muito mais que irmãs, são todas uma;  
 Em nome, em forma varia é uma a essencia;  
 A belleza, a verdade, ancelam todas.  
 • Pinta o Meónio, poetisa Apelles,

Phidias derrama em marmore a harmonia,  
 Orpheo nos magos sons esculpe os deuses.  
 Não ha mais que um só deus, uma verdade,  
 Uma belleza só: mostral-a em côres,  
 Em figuras, em sons, em phrases pôdes:  
 São cultos de um só nume em linguas várias:  
 A amendoeira, em flor é primavera,  
 Primavera é como ella o céu macio,  
 Primavera a violeta, os ninhos novos.  
 Unica e pura a interna luz do ingenho  
 Dos sentidos no prisma se-refrange,  
 E sabe cambiada em fulgidos matizes.  
 Como as côres são luz, são estro as artes.

De nossa indústria os fructos permutemos.  
 O mago teo pincel doou-me aos evos;  
 Se os versos meos aos evos resistirem,  
 Nos versos meos refflorirá teo nome.

Ah! não poder eu mais...! qual tu meo todo  
 A' estampadora pedra o-confiaste,  
 Capaz de confundir maternos olhos!  
 Não poder eu tambem pintar no metro  
 Genio, vida, expressão, physionomia  
 De quadros, onde a mente aos olhos fala!  
 Desegual foi comnosco a natureza:  
 Amante seo feliz tu gosas d'ella,  
 Abraça-l'a com extasi, surri-te,  
 Descobre-te um a um seos mil incantos;  
 E como se um tal bem não fosse immenso,  
 Diz-te = Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;  
 D'onde os gostos extrahes, extrahe a glória. =  
 Não assim eu: eu busco-a... ella se-occulta;  
 Chamo-a, invoco.... ou não vem, ou só de longe

Fugaz e esquivava se-entre-mostra, e passa,  
 Como visão por sonhos vaporosos; —  
 Como scena confusa e namorada  
 De já perdido livro; — como idéa  
 Da mui longinqua infancia, que inda a medo  
 Por sob as cãs revôa ao pé das urnas; —  
 Ou como o astro da noite em selva umbrosa; —  
 Ou como as voses de um serão do estio,  
 Quando da aldeia as virações as-levam  
 Sôltas e vagas ao curioso ouvido  
 De erradio viandante; — ou como o volto  
 De ingrata amada em vão, que evita incontros,  
 Leve atravez das árvores refoge,  
 Sem deixar mais de si que a viva imagem  
 D'alva roupa esvoaçada e gostos idos!  
 Realiso as que a Grecia fabulára  
 Impaciencias do Alpheo, quando entre as nevuas,  
 Dóido de amor, frenetico, debalde  
 A vedada Arethusa andou buscando;  
 « Nympha, vi-te, clamava, ai! quero ver-te! »  
 E o ai, com que as florestas apiedava,  
 Não apiedava o coração da exempta.  
 A' beira de suas águas fugitivas  
 Depois cansado e triste hia incostar-se  
 A procurar pelo âni mo saudoso  
 Que feições inxergou, quaes poderiam  
 Ser as mais que não viu; compunha-a toda,  
 Linda sim, mas phantastica; e por ella  
 Com longo affecto os echos entreteinhia.  
 Por isso ninguém peça inteiro canto  
 Na harpa quebrada! A voz de outros poetas  
 Que o-sólte; não me-assombra: a solpha inteira

Perante os olhos seos se-desinrola.

Minha harpa incerta em solidões por noite,

Não apontados sons, pendente exhala,

A capricho de um zephyro que adeja.

De Achilles, dos Jardins, do Eden os vates

E dos Bardos o Bardo, Ossian o altivo,

(Pelo seo estro o-juro; immensa jura!)

Taes não subiram, se ás geladas trevas

Desde a infancia atro genio os-condemnára.

Manhã da alma existencia, oh! como alegre

Me-alvoreceste! Oh! plena luz, inlêvo

De que o minimo insecto ignaro gosa,

Riquessa, de que é rico o mundo todo,

Luz, com pródiga mão dos céos lançada,

Vida, belleza, luz! palavra etherea,

A unica de um deus no grão momento,

Em que ao formado mundo erguia o panno...

Luz, luz, eu te-gosei na infancia minha:

Gosei!.... quem te-possue gosa-te acaso?

Não; pródigo, indiff'rente, como todos,

Vi-te, desperdicel-te. Ah! quem me-dera

D'essas horas douradas um minuto,

Uma só gotta d'essas fontes amplas

Por este areal tão sêco! Oh! com que sêde

N'esse momento me-vingára de annos!

Que joyas no poetico thesouro

Avido para um seculo ajunctára!

Como ás imagens pallidas, que á força

Te-arranco, ó natureza, como arranca

O ouro entre feses duro escravo á mina,

Como a tantas imagens desbotadas,

Rico legado do minino ao homem,

Revivêra o matiz, o fogo, o lustre!  
 Então, para pintar florestas, mares,  
 Não precisára de espreitar confuso  
 Um ramo a folha e folha, ou já no còpo  
 Agil movido o rutilar da limpba.  
 Se ouvisse descrever a magestade  
 De um rosto varonil, de uma formosa  
 O incanto, de um minino as graças lindas,  
 Tudo isso o variára a mente facil.  
 O aspecto do varão nem sempre fôra  
 A paternal presença. Além de Amalia,  
 De meos brincos pueris ligeira socia,  
 Mais formosas houvera, e mais formosos  
 Anjos mortaes que o meo gentil do espelho,  
 De olhos tão vivos, tão córado aspecto,  
 Riso tão doce, e que eu amava tanto...  
 Saudades vãs! desejos vãos e acerbos!  
 Se o mar, se o céo, se os campos, se me esquivam,  
 Róla a mente em seo mundo infindos mares,  
 Campos lhe alastra de opulencia estranha,  
 Circumvolve-o de céos fervendo em astros.  
 Tal de Agenor o filho a patria perde;  
 Mas se lei deshumana o lança em fuga,  
 Oraculo febeo condul-o a thronos:  
 Por Tyro que pendeu lá funda Thebas;  
 A de cem portas nos canoros muros.  
 Mas a patria... era a patria; aquella Tyro...  
 Era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,  
 O elysio, o olympo mesmo a não valeram.  
 Feliz o para quem da vida as portas  
 Se-lhe-abriram sem luz! Só tem metade  
 Do humano apêgo ao mundo, e horror á morte;



Não viu, chupando o leite, o seio amigo,  
 O sorrir brando, os olhos, e nos olhos  
 O coração materno: as irmãs suas  
 Não foram mais que uns sons; a rosa um cheiro;  
 Movimento o passeio; o sol queentura;  
 Um monte, a estiva noite, as Graças... nada.  
 Longe outra vez, e para sempre longe,  
 Saudades vãs, desejos vãos e acérbos!  
 Que me-importam canções? ; que outrem descreva  
 Com mais proprio matiz do mundo os quadros?  
 Que tenha ou não mais asas para um vôo?  
 Que importa que um volume de poesia  
 Seja um thesouro para mim sem chave?  
 E que dos seios do ânimo rebentem  
 Meos versos caudalosos, sem que eu possa  
 Co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,  
 Por onde ávidas páginas inundem?  
 Não me-rege inda a luz os cautos passos?  
 Não me-tinge inda ao perto as várias fórmaz?  
 Livros... pluma... olhos meos e dextra minha  
 ; Quando jamais n'outro eu me-falleceram,  
 N'outro eu, onde os-amei e os-amo em dóbro?  
 Graças a amor! á natureza graças!  
 Logrei constante, e lograrei perpétuo  
 Nos laços fraterniaes consorcio d'almas,  
 Nos de hymeneo fraternidade nova;  
 Meo ente n'estes entes se-completa,  
 Já bardo sou tambem... sahí, meos versos!  
 Pura mão, dom dos céos que eu pago em beijos,  
 Solícita vos-abré ao mundo a estrada;  
 Sahí, voae; da gratidão fervente  
 Aos olhos de Sendim levae meos votos!

## O AMOR E O TEMPO.

### CONTO.

Um dia o Amor e o Tempo sosinhos se-incontraram  
Em certa solidão.

Alli, entre os dous nomes, pendencias se-travaram...  
Não sei porque rasão.

O Amor é deus minino, ligeiro, audaz e alado,  
E cheio de poder:

O Tempo é deus forçoso, indomito e apressado;  
Qual deve pois ceder?

De ralhos e invectivas passaram a violencia;  
Combate se-travou:

O Amor brandiu seo arco; e o Tempo, com demencia,  
As setas lhe-apareou.

Depois emfim, cansado de tanto soffrimento,  
Sacou da foice o páo,  
E sem lhe-diser nada, pagou-lhe o atrevimento;  
Zurziu-o, e não foi máo!

Qual foi o resultado? O Tempo ficou morto  
E quasi morto o Amor!

Aqui começa o zoilo a achar sentido torto,  
Moral inda peor.

Eu conto-lhe uma história, sem lhe-junctar commento  
Sem pôr-lhe explicação;

Elle suppõe que eu pinto namôro e casamento....  
Oh grande sem rasão!

## O ANJO DA HARMONIA.

A' SR.<sup>a</sup> D. MARIA CONSTAÇA ARNAUD DE MEDEIROS.

*Cançoneta.*

Amor, que influe os cantos,  
E os sons extrahe da lyra,  
Ainor de amor suspira,  
Se te-ouve modular.

Anjo, que o nome  
Tomas de Armia,  
Dos céos á terra  
Toda a harmonia,  
Todo o segredo  
Vens revelar.

Amor furtado havia  
A's nove irmãs o plectro;  
De Gnido em trôco o sceptro  
Tu vens ás musas dar.

Anjo, que o nome  
Tomas de Armia, etc.

Que humano póde oppôr-se  
Aos sons, que tu soltares?....  
Se a ingratição cantares,  
Pódes fasel'a amar.

Anjo, que o nome  
Tomas de Armia, etc.

Teos sons, até sem phrase,  
 Foram linguagem bella.  
 Rival de Philomella,  
 Faláras sem falar!

Anjo, que o nome  
 Tomás de Armia, etc.

Ama a rasão perder-se,  
 Quando por magos cantos,  
 Sereia, em mar d'incantos  
 A-fases naufragar.

Anjo, que o nome,  
 Tomas de Armia, etc.

Quem disse = adeus = a ingratas,  
 Fuja de ouvir-te.... ou logo  
 Verá da cinza o fogo  
 Mais vivo rebentar.

Anjo, que o nome  
 Tomas de Armia, etc.

Se a Ignez soltando achassem  
 Sons, como os teos divinos,  
 Seos ferreos assassinos  
 Fugiram, sem n'a-olhar.

Anjo, que o nome,  
 Tomas de Armia, etc.

# EPITAPHIO.

Aquí jaz frei Gaspar, geral dos franciscanos:  
Crêmos, com pia fé, que esteja em bom logar.  
Teve uma vida sancta; e durando oitenta annos  
Não fez mais que um peccado este bom frei Gaspar.  
Tomou uma broega aos vinte annos de idade,  
De que enfim se-desfez no dia em que morreu.  
Se acaso és taberneiro aquí d'esta cidade,  
Lê, chora, resa, vai-te, e deixa o officio teo.

AO MESMO.

As minhocas nas mais cóvas  
Comem quantos lá vão dar;  
Nesta bebem as minhocas  
O odre velho, frei Gaspar.

AO MESMO.

Debaixo d'esta campa, ó passageiro,  
; Queres saber quem jaz? toma-lhe o cheiro.

AO MESMO.

N'esta cóva, com fôro de lagar,  
Fermenta agora o caxo frei Gaspar.

AO MESMO.

Jaz aquí frei Gaspar do Tabar,  
Confessor, prégador, revisor,  
Moralista, casurista, scoltista;  
Latínista, helenista, organista;  
Homem grande em sagrado e profano;  
Grosso nó do cordão franciscano.  
Foi varão tão constante e tão fôrte,  
Que em novigo uma *lagea* apanhou,  
E sómente a-largou, quando a morte  
Esta em cima por fim lhe-deitou.

## AO MESMO.

Aqui devóra a terra os restos vís, terrestres,  
 Da glória, inveja, e flôr dos nossos padres mestres.  
 ; A sua alma, quem sabe agora onde andarás?  
 Talvez dôida, apesar do seo saber profundo.  
 ; Como havia de achar as portas do outro mundo  
 Quem até na da cella esbarrava por cá?

---

*Satisfacção.*

Saquei á luz os seródios epigrammas, que ficam lidos, pela mesma razão porque também vieram á praça os meos apódos ao bom, e já finado, de *Filinto*. Eram conhecidos, e cumpria-me tomar aso para explical-os na parte, em que podiam deixar presuppor em mim veleidadesinha villã de calumniador, e calumniador contra gente morta:

A conta, em que tenho, e se-devem ter os frades, já ém outro escripto a-expliquei largamente (*Jornal das Bellas Artes* n.º 2), e não receio agora tornar a passar, a tal respeito, por philosophão do *diccionario philosophico*. Mas n'esse mesmo escripto, repassado de toda a sinceridade da minha alma, confessei eu, que, entre os frades os-havia ruins e dissolutos para maior crédito dos outros — e havia; todos ós-conheceram e conheci-os eu também. Um d'estes, mas ainda vivo a esse tempo, foi o heroe dos meos epitaphios; que por signal, lá foram dar ao convento, e, como castigo justo, não desagradaram aos padres sisudos e honestos. O mais que fiz, e deví faser, foi trocar o verdadeiro nome do tonsurado odre no de fr, Gaspar.

## A

## FILIPPE FOLQUE.

Já a nossa poetisa, Francilia (a sr.<sup>a</sup> D. Francisca de Paula Possolo da Costa), havia padecido, com a morte de um espôso adorado, o golpe que tanto lhe-antecipou a sua, quando, por carta d'ella, me-constou, no meo retiro de S. Mamede da Castanheira, que uma sobrinha, alumna sua, seos amores, e sua companhia desde a infancia, donzella em flor de annos, e ornada, como por tal mão, de prendas e virtudes, hia felicitar com o seo consorcio ao meo bom amigo, Filippe Folque. Fisera eu versos, e muitos, para procurar alguma sombra de consolação á inconsolavel saudade da viuva; versos, que n'outro volume brevemente offerecerei a meos leitores. Rasão era que o unico dia de algum contentamento, que para ella podia haver sôbre a terra, não passasse sem versos meos. Escrevi ao noivo esta epístola, no genero que ella d'entre todos preferia; no genero classico estrême; o que explica, se não defende, certa soltura, não fescennina nem catoniana, mas pouco para imitar, pela qual em dia de bôda deixei correr o pensamento.

Mais explicações que em notas, ou aqui podéra pôr, supprimo-as por escusadas. Todos sabem o que foi e o que é o sr. Folque: a faculdade de mathematica da universidade de Coimbra, viu n'elle um dos seos mais dis-

tinctos alumnos; a escola polytechnica n'elle vê um de seos mais distinctos professores: um genio facil e amabilissimo, e gosto litterario, qualidades não muito frequentes nos desterrados para as estrellas, relevam e douram os seos meritos scientificos: a minha prophesia de filhos não era das mais temerarias; sahiu muito bem realisada; um minino de 4 annos, e uma minina de 3, derramam já hoje n'este invejavel casal aquella bemaventurança terrestre, que nunca introu onde não intraram as creanças.

Mais uma palavra por despedida. ; Porque rasão fariam alguns mythologos filho de Urania, da musa da astronomia, ao hymeneo? A não ser á conta dos horóscopos; a não ser o pensamento d'essa allegoria o mesmo, pouco mais ou menos, do nosso rifão = casamento e mortalha = não a-atino, nem já a-procuro. Com fundamento ou sem elle, achei feita essa filiação; serviu-me para o caso, aproveitei-a. ; Quantas outras cousas se não aproveitam todos os dias, sem se-saberm explicar!

---

#### EPÍSTOLA EPITHALAMICA.

Se musa de ermitão se-admitte em bodas,  
Das brenhas, em que dorme, invio a musa.  
A brindar-te no Téjo, amigo Folque:  
Leva na dextra rosa de noivado  
Por passaporte; e se não basta leva  
Os parabens de um bom amigo ausente.  
Teos saudadores, folgasões convivas,



A-accolham pois ; que certo nos teos lares  
 Sei eu , qué lhe não falta acolhimento :  
 Onde das nove irmãs ja vivem duas  
 A terceira é bem-vinda : e se, tocada  
 De lúgubre cypreste , a de Francilia  
 Deixar no aureo festim sem uso o plectro ;  
 Bem é que a tua Urania ao menos ouça ,  
 Que outra irmã sua o seo praser celebra .

Cahiste enfim , rochedo inabalavel ,  
 Coração desdenhoso , enfim cahiste !  
 O que tão sem piedade has feito a tantas ;  
 Uma t'o-fez : estás vencido e escravo !  
 (O' dia triumphal nos fastos cyprios ,  
 Digno de letras d'ouro em niveo jaspe !)  
 Estás vencido e escravo , e o jugo adoras !  
 Ah ! se amor , qual te-pune , aos mais punisse ;  
 Quantos e quantos , em lugar de honral-o  
 Repulsariam seus primeiros tiros !  
 Mas por um , como tu , que ingrato anima ,  
 Milhões de servos bons põe elle á morte .

Longe os queixumes , longe os ais dos tristes ;  
 Coroemos nossa alma de praseres ,  
 De murta as nossas testas , de grinaldas  
 Os nossos copos ; coroemos de hera  
 As nossas lyras , de loureiro as graças ,  
 De palmas o hymenêo ; toldam-se os ares  
 Com os vapores do incenso , que ás mãos cheias  
 Lhe-arde na pyra . Sejam estas nuvens  
 D'este alvo dia as unicas , ó deuses !  
 Desce , não tardes mais , desce do olympto ,  
 Voa hymeneo , com fresca mangerona  
 Intercido a trança lusidia ,

Vem soprando, com o halito de rosas  
 Da bocca alegre, ao facho, que furtaste  
 Astutamente a amor: baixa, ondeando  
 O teu manto de púrpura inflammada,  
 Com que has-de o joven par cobrir nas plumas,  
 Porque olhos máos de inveja o não fascinem.  
 Baixa, hymenêo, vòo hymenêo: já soam  
 De toda a parte os hymnos; que mais tardas?  
 O espôso mal soffrido já te-accusa:  
 A melindrosa espôsa — toda pêijo  
 Por ser feliz — co' os olhos baixos, sóla  
 Suspiros não maguados, mas suspiros.  
 Ella deseja e teme... o que não sabe,  
 Elle sabe e não teme o que deseja.  
 Vòo, accode, hymenêo, despenna-os ambos.  
 Alteae cantos, alteae, vós moços  
 Por disfarçar suspiros invejosos,  
 E vós, ó virgens, turbações visíveis.  
 Viva hymenêo! Silencio! Ahi bate a hora!  
 Eis o nume, eis o nume; o fogo da ara  
 Ateou-se por si! Vede-o, que rindo  
 Sacode o facho emtórno dos esposos.  
 Par feliz, fausto agouro as gnidias pombas  
 Deram rolando, volteando em roda,  
 Unindo os bicos, inlaçando as asas....  
 Já está nos pulsos o festão perpétuo;  
 Já não sois mais do que um! N'este momento  
 N'um fuso novo as parcas principiam  
 A torcer junctos vossos fios alvos,  
 Em quanto uma das tres surrindo, e á pressa  
 Carrega em rocas de ouro a seda rubra  
 Da amavel, numerosa descendencia.

Mãe de hymenêo, formosa Urania, exulta,  
 Esquece o teo ar grave, Horacio o-disse,  
 =E' de juiso o-doidejar a tempo: =  
 Mão-grado ao longo manto asul-celeste,  
 E á nobre c'roa de astros, que te-ufana,  
 Dança co'as graças hoje: ao teo alumno  
 Devias muito; mas teo filho o-ha pago.  
 Dança co'as graças, dança co'os amores,  
 Bella Urania, e perdoa-lhes o furto,  
 Que te-fiseram do compasso e esphera.  
 Torna-te culta, lava-te da nodoa  
 De nimia sequeidão; fase-te humana  
 Entre os humanos; teos laureis estremes  
 Não têm a vista de um laurel com rosas;  
 No que estreme teceste ao teo alumno  
 Teo filho as-entresacha: os bons amantes  
 Tão raros são como os ingenhos raros,  
 Uns e outros ganham jus ás eem trombetas:  
 Deixa que o teo mimoso á glória corra  
 Por estrada não êrma. Embora aquelle  
 Sôbre cujo sepulchro inda hoje choras,  
 Embora Newton, só fecundo na alma,  
 Virgem descesse á campa: embora muitos  
 (Sem o-tomarem por modêlo n'isto)  
 Nos-preguem, que a abstinencia é mãe do ingenho,  
 E que a deusa mais sábia era a mais casta:  
 Cada qual tem seo fado, ou tem seo genio,  
 E mais de uma vereda á fama guia.  
 Os homens instruir é muito menos  
 Do que instruil-os e augmentar-lhe a especie.  
 Se-é bello andar por céos medindo globos,  
 Bem doce é vir depois gosar na terra

Dous globos sem eguaes, por ninguem vistos,  
 E contemplar os vivos moyimentos  
 De dous astros de amor, onde fulgura  
 Do observador o horóscopo ditoso.  
 O estar sosinho e mudo como Newton  
 A analysar a luz, valerá tanto  
 Como ser dous a-desfructar as trevas?  
 Deseseis lustros sem amor são muito  
 Para comprar mais pompas no epitaphio.  
 Estudem-se altas leis, que a natureza  
 Dicta aos mundos e aos sóes, cumpriendo aquellas  
 Que a mesma natureza em nós imprime.

Nenhum astro primeiro incéta a noite,  
 Nenhum deixa mais tarde o céu já branco,  
 E nenhum fulge tão gentil como esse,  
 Que tem da mãe de amor belleza e nome;  
 Parece posto alli como a atalaya  
 Das horas do segredo, e das carícias,  
 Dos doces furtos, das suaves queixas,  
 Dos tardos prémios, dos triumphos cautos.  
 Vós que Newton chorais, choraes-lhe a vida;  
 Vós que estudais o céu, dai culto a Venus!  
 Tu lh'o-dás, caro Folque, e mais que os outros  
 Agora carpirás teu pobre meatre.

Feliz tu, vesei tres e quatro, e tantas  
 Quantas já nos teos numeros não cabem:  
 Feliz tu; dos praseres mais subidos  
 Nenhum ha, que os destinos te não dessem!  
 Tu conheceste o incanto das viagens,  
 O de achar a evidencia; o do reinado  
 Dos corações, co'a mágica harmonia:  
 Faltava o que hoje tens, e excede a todos,

Dar a ventura e recebê-la amando.

; Oh! e quanto amará quem tem por sua

Essa alma, que respira em tua flauta!

Nunca assim nas arcadicas florestas

O deus, inventor d'ella, e o mais amante,

A-fez queixar-se aos ecchos admirados!

Labios, que em vagos sons exprimem tanto,

; Que não farão em repetindo — eu te-amor!

; Que não farão beijando um seio intacto!

Com dextro pé subaes ao ígneo thoro;

Felises corações; e amor sem venda

Vos-seja cada noite o paranympheo.

Pensae, que se nos céos se-avista Venus

Tambem lá está Saturno, o deus das eras,

O conductor da morte: aproveitae-vos

Da facil mocidade, que não torna.

Para amar-vos fieis por toda a vida

Sêde sempre... o que sois, amaveis ambos,

E julgae cada dia o derradeiro.

Para que a desventura vos-respeite

Fasei que sempre unanimes vos-ache.

Imitae um com o outro esta harmonia,

Que reina entre o planeta, em que habitâmos,

E essa gentil satellite visinha.

Se a lua corre o círculo do anno.

E' girando em redor do seu planeta;

Se-este avança na orbita prescripta

Não deixa atraz um só momento a sócia;

Ambos elles têm dia, ambos têm noite,

Mas graças á união com que viajam,

Um ao outro allivia, e infeita as noites,

E reflectindo a luz, mais doce a-tornam.

; Ah ! cumprá em vós o céo, brilhantes astros,  
 Do vosso hermita as súplicas ardentes ;  
 Nunca tereis eclipse, eu vol-o juro,  
 E correreis uma órbita sem termo.  
 Enquanto eu cá na seria, entre os meus lobos,  
 (Mas louvorés á sorte, ausente de homens)  
 De ti me-lembro, amigo, e em honra tua  
 Orno um bom copo de silvestres flores,  
 Tu a amor, nada mais, por ora intregne,  
 Depois só repartido entre elle, e Urania,  
 ; Terás para a amizade um pensamento ?  
 Sim ! ao menos o mez do umbroso Jano,  
 Que ao mundo me-lançou, fará que observes  
 Nascer no espaço ethereo a lyra muda ;  
 Muda a lyra, em que Orpheo deu glória á Thracia,  
 E as Thracias não moveu, movendo os Manes.  
 Se eu te-lembrar então : dise saudoso ;  
 » Outra menos brilhante existe agora,  
 » Muda tambem, n'um êrmo em nossa Thracia ;  
 » A que além brilha commovia os brutos,  
 » Refreava os tufões ; e esta receia  
 » Mandar o som mais leve ás brandas auras,  
 » Porque feras mais barbaras que as feras,  
 » Porque bandos mais ebrios que as bacchantes,  
 » Não desincantem, não devorem vivo  
 » O vate, réo por não cantar a infamia. »  
 Se desejás pagar-me o puro zêlo  
 Com que a lyra espertei para cantar-te,  
 Dá-me (e darás) em nove luas certas  
 Novo motivo de c'roar tres copos.

---

A RIBEIRA E O LAGO.

## FABULA

*Que já teve mais sentido do que hoje tem.*

Uma ribeira plácida,  
Filha de pobre fonte,  
D'entre rochedos úsperos  
Vinha de alpestre monte.

Hia sem nome, e incognita,  
Correndo extensós prados,  
Auxiliar do agrícola  
Os prósvidos cuidados.

Aqui lhe-dava o rústico,  
Nas hortas, franca intrada;  
E a clara lymphá argêntea  
Em ondas derramada,

Nos sulcos imbebendo-se  
Nutria os vegetaes:  
Mais longe diffundindo-se  
Por concavos canaes,

Hia os pomares flóridos  
Regar no fim do dia;  
De pasto verde e róscido  
Nas margens se-vestia.

A' vaga turba alígera,  
 Aos gados e aos pastores  
 Matava a sede rábida  
 Co'os frigidolicores.

Das aldeãs os cântaros  
 Inchia até no agosto;  
 E como espelho lúcido  
 Lhes-retratava o rosto.

Co'o fresco e co'o murmúrio  
 As moças convidava;  
 E em sombra fria e tática  
 Os membros lhes-banhava.

Quando no inverno barbaro  
 Os ventos sibilavam,  
 E os puros céos diaphanos  
 De nuvens se-affrontavam,

Quando silencio lúgubre  
 Nos campos se-estendia,  
 E só da chuva o estrépito  
 Nos bosques retinia,

Quando em torrentes rápidas  
 Dos montes escavados  
 As águas, derramando-se,  
 Vinham cobrir os prados,

Então com maior ímpeto,  
 Com forte murmurinho,  
 Tinha maiores préstimos  
 Por todo o seo caminho.



Cahindo branco e túrgido,  
Com sua furia toda,  
Do moinho em leves círculos  
Voltear fasia a rôda;

A galga pesadissima  
Na vasa do lagar  
Em prolongado vértice  
Fasia remoinhar;

Emfim, sereno ou tímido,  
Correndo o bom ribeiro,  
Inglório, mas proficuo,  
Servia o anno inteiro;

Ja desfaleado e tenue,  
Mas sempre doce e ledo,  
Se-hia ingolfar por ultimo  
N'um lago vasto e quêdo.

Bosque de muitos séculos  
Tolhia aos ventos vagos  
Turbar o amplo circulo  
D'este primôr dos lagos.

Verde broquel frondifero  
Por cima lhe-estendia,  
Contra as frechadas rábidas  
Do sol do meio dia.

N'um fresco, n'um crepusculo  
De eterna duraçõe,  
Dos fogos da canícula  
Zombava o soberbão.

Nas noites solitarias  
 A maga Philomella  
 Cantava a paz suavissima  
 De solidão tão bella.

Do melro a grave música,  
 E d'outros mil cantores,  
 Do lago alçava a glória  
 Nas asas dos louvores.

Nymphas dos valles proximos  
 O-vinham visitar;  
 Ouvia de contínuo  
 Seo nome aos echos dar.

Gosava quantos cómmodos  
 Um lago póde ter;  
 Só lhe-faltava o mérito  
 De proveitoso ser.

Era estagnado pântano  
 Corrupto, esverdinhado;  
 Beber-lhe as água, sórdidas  
 Temia armento e gado.

Os vermes habitavam-no:  
 Sabia, e nunca em vão  
 De seos miasmas putridos  
 Contínua exhalção.

Nas proximas planicies  
 Miserrimas doenças  
 Faziam com seo hálito  
 As solidões immensas.

Da habitação selvatica  
 Fóra jamais passou,  
 Nem de ajudar o agrícola  
 Co'as regas se-dignou.

¡ A' sua nobre inercia  
 Que póde haver que impórte?  
 Só de árvores sem prestimo  
 Nutrir faustosa côrte.

Eis o gentil depósito  
 Onde a corrente mansa  
 Os seus thesouros líquidos  
 Continuamente lança.

Um dia a torva Nayade  
 Do lago preguiçoso,  
 Olhou seo feudatario  
 Com gesto desdenhoso....

Olhou-o, porque o misero  
 Té alli nem fôra olhado;  
 E disse-lhe, sorrindo-se:  
 "— ¡ Como tu vens cançado !

" ¡ Como vens pobre e humilimo !  
 " ¡ Que bom vassallo que és !  
 " ¡ Vêde as rendidas pareas  
 " Que arroja ante os meos pés !

" ¡ Vil, insolente, pérfido,  
 " E ousas assim tractar-me ?  
 " Pelos meos bosques, juro-te  
 " Que saberei vingar-me.

» Farei que a fonte incognita  
 » D'onde lhe-sabes tão pago  
 » Venha no centro líquido  
 » Correr d'este meo lago.

» Co'uma palavra mágica  
 » Te-sumirei no pó,  
 » Sem que de ti, sacrilego,  
 » Fique um vestigio só. »

Não bem findára a Nayade,  
 Annúe a selva ; j então !  
 Das aves sôa, unísona,  
 Geral acclamação.

O feudatario mísero  
 Da ameaça vã tremeu,  
 Porém comsigo tácito  
 Dest'arte correu :

« — j Que orgulho e louca insania !  
 » Um lago é pois mais nobre !  
 » Insulta-me, despreza-me  
 » Por util ser, e pobre !

» Suppõe, no seo delirio,  
 » Que excede a mil ribeiros,  
 » Por ter antigas árvores  
 » E alados lisongeiros.

» j Com altivez estúpida  
 » Como é que a tal se-atreve ?  
 » j Não sabe que a existencia  
 » A's minhas águas deve ? — »

Prelados, duques, principes,  
 Para não ser molesto  
 A vossas excellencias,  
 Vou resumir o resto.

Longas leituras cançam-vos,  
 Não sendo em pergaminho:  
 Tornar-me-hei pois lacónico,  
 Sem me-tornar mesquinho.

O meo regato incógnito  
 De direcção mudou;  
 E o lago ficou árido  
 Quando elle lhe-faltou.

A doce lympba argêntea  
 Emvez de se-estagnar  
 Foi mais pomares flóridos,  
 Mais hortas foi regar.

O bosque inutil e hórrido  
 Co'o ferro emfim cabiu;  
 Os males dissiparam-se,  
 A vida resurgiu.

Esteril e infructifero  
 O campo inhabitado  
 Ao curvo dente rígido  
 Se-abriu do activo arado.

Aqui termina a fábula:  
 Cautéla co'as violencias;  
 Deus guarde infindos séculos  
 A vossas excellencias.

## AS

## DUAS PRIMAVERAS.

Lapa dos Esteios  
maio de 1826.

Non semper idem floribus est bonus Vernis-  
*Horat. Cam. lib 2. ord. 11.*

E' este o aprasivel sítio,  
A gruta amena e florída,  
Onde gosei, entre amigos,  
O dia melhor da vida.

Eis o rio argênteo e manso,  
O caes vistoso e pequeno,  
A abóbada de verdura,  
O ar macio, o céu sereno.

São estes mesmos, são estes  
Os favonios, que eu senti:  
Alli gorgeava um melro,  
Um melro gorgeia alli.

Foi n'esta gruta que outr'ora,  
C'roado de brancas flores,  
Eu cantei a primavera,  
E por ella ardi de amores.

Então viessem as nymphas  
E a rainha de Cythéra,  
Não poderiam mover-me,  
Que eu era da primavera.

Suspirei, chamei mil veses;  
 Gritos, ais... foi tudo em vão;  
 Nunca encontrei no universo  
 Quem tinha no coração.

Essa linda e joven deusa,  
 Cujo sorriso celeste  
 O mundo cobre de flores;  
 De alma luz o céu reveste;

Essa deusa, pelos vates  
 Tantas vezes celebrada,  
 De Flora sempre seguida,  
 Dos favonios cortejada;

Essa que doces desejos;  
 Praseres e amor inspira;  
 Que eu amei, que tantas vezes  
 Celebrei na curva lyra,

Jamais existiu na terra;  
 Foi minha credulidade,  
 Foram do estro os delírios,  
 Que lhe deram realidade;

Nasceu de uma voz secreta  
 Que n'alma senti gritar  
 — « E's mancebo, é tempo, escolhe !  
 « E' tempo, deves amar ! » —

Quiz seguir a lei sagrada.....  
 Mas não encontrei jamais  
 Que valesse os meos suspiros  
 Uma só d'entre as mortaes.

N'umas o genio, orgulhoso  
 Se-oppunha á minha ternura;  
 N'outras o estudo affectado;  
 N'outras o ar da loucura.

Qual era da ira escrava;  
 Qual invejosa e mordaz;  
 Qual do trabalho inimiga;  
 Qual inimiga da paz.

Os vícios, os prejuizos  
 Encontrava em todas ellas;  
 Em todas ellas reinava  
 O genio das bagatellas.

Fujamos da baixa terra;  
 Gritei ao meo coração;  
 E procuremos um ente  
 Digno da nossa paixão.

Da natureza no seio  
 Vi uma linda chimera;  
 Segui-a, tornei-me escravo  
 Da deusa da primavera.

Pelas mãos da natureza,  
 Já preparado o volcão,  
 Pôde accender-se, e violento  
 Rebentar do coração.

Era um sonho o lindo objecto;  
 Mas inda que um sonho fosse  
 Eu, tendo-o na phantasia,  
 Tinha d'elle a amavel posse.



Foi então que, todo cheio  
Da minha grata loucura,  
Corri a collina, o prado,  
A gruta, a fonte, a espessura.

A's aves, ao ar, ás flores  
A tudo quanto encontrava,  
Notícias da sua e minha  
Bella deusa eu perguntava.

Mas passou-se a flórea quadra;  
Do anno o tempo melhor,  
A estação de mil prodigios,  
De praser, de paz, de amor.

A minha doce loucura  
Então senti destruida;  
Doce loucura que um ponto  
Foi de luz na escura vida.

Se esta illusão fosse eterna,  
A que outro invejar podéra;  
O amante de uma deidade,  
O amante da primavera?

O tyranno deus de Gnido;  
A quem meo passado culto  
Talvez parecêra estranho,  
Talvez parecêra insulto,

Quiz, vencendo-me, c'roar-se  
De novo, difficil louro:  
Accendeu seu facho ardente,  
Poz no arco a setta d'ouro;

Viu Julia, e bradou — « Tu, deusa ,  
 « Terás da victória parte :  
 « Vou pôr um rebelde em ferros ,  
 « E novo escravo entregar-te. » —

— « Temerario, audaz mancebo ,  
 « Toma a lyra, então me-diz ,  
 « Canta que eu soube vingar-me  
 « Tornando-te mais feliz. » —

Suspirei ; nos meos suspiros  
 Senti divino praser ,  
 ; Céos ! quem obrou tal prodigio !  
 ; Que nune tem tal poder ?

O' tu , que as deusas excedes ,  
 Mortal , de quem geme escrava  
 Esta alma , que as proprias nymphas  
 Indignas de si julgava.

Tu não és de meos delirios  
 Uma ficção passageira :  
 Eu fui de um sonho alguns dias ,  
 Serei teo a vida inteira.

Substitue a primavera  
 Na posse dos meos amores :  
 Pódes tão linda como ella  
 Incher-me a vida de flores.

Sabes o que ella não sabe ,  
 Os meos extremos ouvir ;  
 Responder aos meos affagos ;  
 Aos meos ais retribuir.

E's adoravel, existes,  
Tens ingenho, e tens ternura;  
Pódes, o que ella não póde,  
Fasar a minha ventura.

---

## METAMORPHOSES DE TODOS OS TEMPOS.

Viu Gertruria n'um quadro deleitoso  
Uma Leda gentil, que era affagada  
Por um cysne sem par, alvo e formoso;  
E leu por baixo esta inscripção gravada:  
— ¡ Ah! que não póde sôbre o triste humano  
O que assim tracta a Jupiter sob'rano! —

Juncto d'este, outro quadro figurava  
Prado, nymphas, Europa, e o niveo touro,  
Lambendo os pés da bella, que o-c'roava:  
E em baixo esta legenda em letras d'ouro:  
— Vibra o raio, enche os céos, fez o que existe,  
Gigantes vence, e a amor envão resiste! —

Surriu Gertruria, e cheia de vanglória  
Bradou—“ ¡ E pinta-se isto?! ¡ e é commentado?!  
“ ¡ E acham-no digno d'immor al memória?!  
“ D'estas faço eu sem ser o nume alado:  
“ ¡ Pois eu não mudo o meo André Maria  
“ Em pato sempre, e em touro cada dia?! ”

## AO SR. BORGES

EXCELLENTE COMPOSITOR DE MUSICA.

*Epistola acompanhando um exemplar de meo livro*  
— *Amor e Melancholia.* —

¿ Entre as serras e o mar quem jaz sentada  
Na rocha nua? A brisa solitaria  
Lhe-ondeia negra veste, e tranças negras;  
O clarão roseo do incendido occaso  
Tinge ao pinheiro as balouçadas ramas.  
¿ Porque não dá seo fulgido reflexo  
Sobre esse rosto pálido? ¿ que idéas  
Lhe-voam negras na assombrada mente?  
¿ Porque rasão seos olhos descuidados  
Correm de leve as matas venerandas,  
Os arduos montes, as planicies verdes,  
E o, sem fundo nem fim, turbido oceano,  
Para pousar no gothico mosteiro?  
¿ Ah! que assaz por seo ar se-lhe-adivinha!  
Só descortina a face do universo  
Pelo prisma das lagrimas. ¿ E' morta

Sua irmã? ; sua filha entre essas virgens?  
 Não: mas respeito aos soltos devaneios  
 Da musa melancholica do êrmo,  
 Sócia infeliz do adorador de Julia!  
 Vão-lhe os dias em pranto, em pranto as noites,  
 Na solidão se-appraz, no horror se-nutre,  
 E como se-ama o riso, ama os lamentos.  
 Os filhos do praser, que ao longe ouviram  
 Seo amargo queixar na voz dos echos,  
 N'alma pasmaram de paixão tão nova.  
 ; Que seria, se ao musico instrumento  
 Casasse a sua dôr, seos ais, seos versos?  
 Mas que instrumento musico os-diria,  
 Senão essa que ha seculos intacta  
 Lyra de infausto amor la jaz pendente  
 Dos alcantis phebêos sôbre ínvio cume;  
 Lyra depois de Orphee tocada a furto  
 Só pelas plumas de celestes auras?  
 ; Quem ao loureiro ethereo, onde se-embala,  
 Ousaria voar, trasêl-a á terra?  
 Cysne, cysne da magica harmonia,  
 Podes, ousa, transpõe, assombra os ares,  
 Furta ao ramo o fatidico thesouro,  
 Trase-o n'um vôo á musa do deserto;  
 Que forte por teo dom derrame inchentes  
 De ignota, omnipotente melodia.  
 Concebidos na dôr, despidos d'arte,  
 Acerbos fructos de paixões sombrias,  
 Seos versos tem o jus dos desgraçados;  
 Aos desgraçados lagrimas arrancam.  
 Mas de tua arte accresçam-lhe os prestigios,  
 Insope o doce canto as agras queixas,

E o segredo das lagrimas aprendam  
 Os olhos sêccos de mortaes ditosos.  
 ; Quanto alivio é na dôr o ser carpido!  
 O veneno das settas do infortunio  
 Obtem co'o pranto alheio um lenitivo.  
 Reune aos versos meos, teos sons divinos,  
 Luso Amphião, empresta ás minhas queixas  
 A persuasão sympathica do canto;  
 E os que me-ouvirem, gémerão comigo.

Nas paixões grandes, iatimas, revôltas  
 Quando em fogo as intranhas se-derretem,  
 E o coração esvoaça pela mente;  
 Quando ao poder de um nome se-anniquilam  
 Os céos, a luz, e a terra excepto um ponto,  
 ; Quanto é pouco o que exprime a phrase nua!  
 N'essas horas extênticas da vida,  
 Caia a lyra dos céos nas mãos do genio;  
 Os anciados segredos de repente  
 Borbutarão na voz, nos sons das chordas,  
 Chordas que em longa escala se-variam  
 De metal em metal, desde o ouro ao ferro,  
 Desde a expressão do riso ao tom das campas.

A musica, essa harmonica linguagem,  
 Unica universal, e sempre clara,  
 Bem que diversa entre as nações diversas,  
 E' a porteira que franqueia a intrada  
 Do incantado universo dos delirios:  
 Tudo é dominio seo, a vida, a morte,  
 Céu, terra, abysmo, sonhos, existencia,  
 A saudade, a esperança, o gôsto, as penas:  
 Prothêo maravilhoso anima tudo,  
 Diversa em ar e em gesto: entre os pastores

Pastorinha amorosa ingrinaldada;  
 Ameaçadora e audaz ante as phalanges;  
 Riçonha nos festins, nos templos séria.  
 Vêr como a terra se-anniquila aos olhos  
 Na escuridão da noite, e como inteira  
 Resahe do cahos ao fulgir da aurora;  
 Cora e surri co'a luz a rosa nova;  
 Alegra-se a ceara; o mar se-antolha  
 Vasto e sublime, tristes as montanhas,  
 Melancolica a pedra funeraria!  
 A melodia é a luz que extrahe do cahos  
 As palavras sem ella amórtecidas;  
 Com ella a dôr é dôr, e o gôsto é gôsto.

Surge Amphião, preenche os teos destinos;  
 As fadas embalando-te na infancia  
 Te-votaram cantando á eternidade:  
 Na boquinha entre-aberta e adormecida  
 Mel do Parnaso as sylphides vertêram;  
 Cumpre a tua missão; assaz Thalia  
 Cantor te-ha visto de seos brincos faceis:  
 Aguia póde adejar por entre flores,  
 Mas é seo fado remontar-se ás nuvens:  
 Imita a natureza: a natureza  
 Foi de tua arte a mestra, e é seo modêlo;  
 Tomou por harpa a face do universo,  
 Mas vê com que espantosa variedade  
 Corre todos os tons; terrivel, fera  
 No rolar do trovão; selvagem, bruta  
 Na cataracta; augusta no oceano;  
 Voluptuosa no zephyro entre os myrtos;  
 Triste no mocho; languida, sandosa  
 Na agua fugaz do arroio trepidante;

Nas falas infantis alegre e ingenua ;  
Diversa em cada objecto, e bella em todos.  
Aos risos folgasões furta-te um dia,  
Entra em meo coração, sonda este abysmo,  
Concebe quanto eu sinto, e expõe-n'o ao mundo ;  
Do que me-vai cá dentro, um pouco apenas  
Nos versos transluiu: mas se interessam  
Mais que os vulcões do globo, os vulcões da alma,  
O que a phrase não pôde, exprima o canto.  
Das mais vivas paixões pinta os extremos,  
E das graças o apuro, uma Heloisa.  
Dá-me embora um rival em cada ouvinte ;  
Mas, para os-aterar, do som do raio  
Ou do igneo, ondeante terramoto,  
Tira o som com que exprimas o ciume.  
Se adivinhas meos intimos segredos  
Transmitte-os á memória do universo  
Na harpa dos mais amantes d'entre os anjos,  
Na harpa dos seraphins, harpa assombrosa  
Aonde as vibrações são labaredas.



## POESIA FRANCESA.

Não são muitos os que sabem uma lingua : duas , pouquissimos as-alcançam ; de tres , e d'ahi para diante , citam-se innumeraveis , mas não creio eu que exista um só : cada lingua é uma sciencia , e sciencia em que todas as sciencias entram como elementos. — Horacio gabava em Mecenas o saber duas linguas , a sua e a grega : *docte sermones utriusque linguæ*. Mas o grego de Mecenas pareceria a um atheniense tão para gabos como o-cantava Horacio ? Apostára eu cem sertercios em como' não. — E ver o que ahi vai hoje de polyglótos ! Afora o hebraico , o chin , o portuguez , e mais duas ou tres linguas barbaras , falamos todas : e sendo necessario e screvel'-as-hemos tam-bem , mas como as-escrevemos e as-falamos nós ? como se-vê e se-ouve todos os dias. O nosso bom Antonio Ferreira tinha pelo contrario a presumpção , de não haver nunca feito um verso em lingua alheia ; mas em tróco fez todos os seos em portuguez de gente. A quem eu crear , darei sempre por conselho , que siga antes n'isto a Ferreira que a Luiz de Camões , Gil Vicente ou Jorge de Montemór. Bem vai em saber as perigrinas falas ; ás veses serve para a vida e serve sempre para ampliar estudos de litteratura : em tal bem se-applica o dicto d'aquelle sabio monarcha de Hispanha : — « quem tres linguas sabe , tres homens val : » — no intendêl-as e sentil-as está porém o proveito ; o ridiculo vai no presumir que n'ellas se-pri-ma em escrevendo.

Dei a sentença, que me-julguem agora por ella; que assim poetei em latim e em francez. Só desejo de ser ouvido antes de executado; se m'o-concedem, aqui está o que por mim allego como *circumstancias attenuantes*.

O latim, que é já hoje *res nullius*, e por cujas perdas e damnos ninguém virá penhorar-me, foi os meos primeiros amores; e por uns amôres primeiros pôde-se ainda fazer, sem estranhesa, alguma loucura: o francez, esse tem na verdade muitos fiscaes e não se-póde assim violar impunemente; mas em francez nunca eu compuz senão quando a isso me-houve comoquer que fôsse por obrigado; (obrigação e necessidade em todos os codigos foram sempre boa defesa).

Recolhendo-me eu a casa a 15 de dezembro de 1839 á noite, acho com uma carta sem assignatura um soberbo album, que um desconhecido viera trazer: na carta se-me-pedia, que attendesse ao livro e o-restituisse ao portador, que o-iria buscar. No album nada mais havia escripto que ó seguinte: —

---

## A

M. DE CASTILHO.

*Sur son poème de la = Primavera. =*

Lisbonne, novembre 1839.

O' chantre du printemps! ton livre en a les charmes.  
Que ta muse est aimable en ses simples atours!  
Elle a pour les heureux les parfums des beaux jours  
Et pour les cœurs souffrants le doux trésor des larmes.

Tu me rends le hameau, le foyer paternel,  
 L'amour, les vœux, les pleurs, le souris d'une mère,  
 Le temple, d'où le soir ma naïve prière,  
 Avec l'encens des fleurs, montait vers l'éternel.

Oui, mon bonheur passé, oui, tous mes jours de fête,  
 Ces lares, ces amis fiers de mes premiers chants,  
 Oui, tout renaît pour moi dans tes tableaux touchants;  
 Tel l'azur d'un beau ciel dans l'onde se reflète.

O bardes inspirés ! semez partout des fleurs.  
 Que votre voix magique endorme la souffrance ;  
 Dans les cœurs attristés ranimez l'espérance ;  
 O célestes amis ! enchantez nos douleurs !

Etres que Dieu forma d'amour et de lumière,  
 Bardes selon son cœur ! purs échos de sa voix !  
 Harpes des saints parvis qui vibrez sous ses doigts !  
 Il vous prêta des chants pour consoler la terre.

Vous trompez nos regrets, vous savez assoupir  
 Ce vague et long ennui, vautour insatiable,  
 Qui ronge au fond du cœur la fibre impérissable,  
 Qui toujours renaît pour souffrir.

Poète ! que ta main trace sur cette page  
 Une ligne et ton nom ! dans mon pays aimé,  
 Avec un doux orgueil, un jour mon cœur charmé  
 Répètera ce nom cher aux échos du Tage.

Une ligne et ton nom ! Que sur ces bords lointains,  
 Une voix sainte et pure, à ma voix inconnue,  
 Réponde avec amour ! Que ma lyre éperdue  
 Eveille, en gémissant, ta lyre aux sons divins !

Une ligne et ton nom ! Oubliant la tempête,  
 La fleur qui se penchait sous les froids aquilons,  
 Pour sourire au soleil, relèvera sa tête,  
 Et de son humble éclat ornera les vallons.

NOTA. Le poète, le savant, l'homme vraiment extraordinaire à qui les vers précédents s'adressent, est depuis l'âge de quatre ans privé de la vue.

---

Não podendo adivinhar quem o anonymo fôsse, e sentindo-me de véras filho de Eva como todos nós, dei-me pressa de obedecer ástão corteses súplicas da musa, notoriamente francesa, e pareceu-me (talvez sem rasão) que á minha deveria para isto preferir a sua linguagem. — A segunda pagina do *album* recebeu os versos que seguem, e que assignei :

---

## REPONSE

DE M. DE CASTILHO.

Au milieu de ce bruit d'un éternel orage,  
 Quand le monde grandit vers un pôle inconnu,  
 Comme le cèdre altier au haut d'un mont sauvage  
 Par les vents opposés croît toujours soutenu ;

Quand un siècle géant, sur une terre impie,  
 Va de son pied d'airain broyant les temps passés,  
 Et qu'on n'entend plus rien que la confuse orgie  
 Des égoïsmes insensés ;

Quelle est cette voix solitaire,  
 Qui pleine d'amour et de foi,  
 Comme un beau rêve sur la terre  
 A daigné descendre sur moi ?

Oiseau qui te caches dans l'ombre  
 Je te devine à ta douceur ;  
 Sors pour moi de ta grotte sombre,  
 Esprit dont mon âme est la sœur !

Pourquoi, timide violette,  
 Te cacher sous l'épais gazon ?  
 Viens ! ton oiseau, c'est le poète ;  
 L'heure d'aimer c'est ta saison.

Tous deux nous chantons des prières,  
 Baume divin des cœurs souffrants ;  
 Notre Dieu, nos berceaux, nos mères,  
 Reçoivent toujours notre encens.

Par la mort, pour nous rien ne tombe  
 Dans ce néant cher aux pervers ;  
 Tous deux nous avons pour la tombe  
 Des entretiens, des pleurs, des vers.

Dieu mit en nous sa poésie  
 Comme une secrète onction  
 Qui préservât notre humble vie  
 De l'affreuse destruction.

Cygne plaintif au blanc plumage  
 Que la mort atteint de son trait,  
 Pourquoi gémir sous ton ombrage  
 Où nul écho ne te distraît ?

Viens, j'ai souffert, j'ai la voix douce ;  
 Viens que je berce ta douleur.  
 Dans la pitié, doux nid de mousse,  
 On dort sans rêver de malheur.

Et quand les lieux de ton jeune âge.  
 Enivreront ton cœur guéri,  
 A tes amis, dans cette page,  
 Montre le nom de ton ami.

---

Faltava responder á carta : aproveitei o lanço para exprimir ainda mais claramente o insoffrido desejo que me atormentava de conhecer tão amavel correspondente. No dia seguinte ao da partida da carta e do livro torna o portador com esta epistola a M.<sup>me</sup> de Castilho, assignada *Pauline Flaugergues* : —

---

A

MADAME DE CASTILHO.

Lisbonne, décembre 1839.

Je chanterai pour toi, compagne du poète !  
 Ange au pieux amour, au front noble et charmant !  
 Laisse-les pénétrer encor dans ta retraite,  
 Ces vers échos d'un cœur aimant.

Plus doux est ton parler que les plus douces lyres;  
 Dieu para tes vertus de talents enchanteurs.  
 Ta bouche a, je le sais, d'angéliques sourires,  
 Charme des rêveuses douleurs.

Compagne du poète ! ah ! je t'aime et t'appelle.  
 Quand l'étoile scintille en un ciel de saphir ;  
 Quand la fleur qui s'endort sur sa tige nouvelle ;  
 A livré ses parfums au souffle du zéphir ;

Quand le lierre embellit le chêne qu'il embrasse ;  
 Quand la rose, à côté du lis majestueux ,  
 Brille de son éclat et lui prête sa grâce ;  
 Alors mon cœur pense à vous deux :

O' mon Dieu, dis-je alors, aux anges de la terre  
 Donne autant de bonheur qu'à tes anges du ciel !  
 Donne-leur un jour pur que nulle ombre n'altère,  
 Une coupe enchantée où déborde le miel !

Grâce à toi, grâce à toi, dont la main bienveillante  
 Traça sur le vélin des mots consolateurs !  
 Que le ciel ; s'il se peut, à ma voix suppliante,  
 Serre encor tes liens de fleurs !

Ces vers harmonieux que dicte un autre Homère,  
 Qu'ils sont touchants, transmis par ta pieuse main !  
 Des pleurs en les lisant ont mouillé ma paupière.  
 Compagne du poète ! il est beau ton destin !

Ton nom comme ses chants vivra dans la mémoire  
 Et ton saint dévouement charmera l'avenir.  
 Il te doit le bonheur, tu lui devras la gloire ;  
 Pourrait-on l'admirer et ne pas te bénir !

*Pauline Flaugergues.*

Escusado é diser se foi para nós uma alegria o descobrimento de nos acharmos assim inesperadamente em relações (podêmos diser íntimas, que taes são sempre as dos poetas) com a auctora de tão formosos versos como todos havíamos lido e decorado no jornal *L'Abeille*, com a poetisa já então premiada com a violeta d'ouro nos *Jogos floraes*, pelo seo donoso poema de *Clemencia Isaura* (e hoje pelo govêrno de França com uma pensão vitalicia).

Não são tão numerosos na vida os dias agradaveis, que devamos perder a memória d'elles. Todos os que *Mademoiselle Flaugergues* nos-incantou com a sua presença e com os seus versos, ficaram em nossos corações gravados como saudades indeleveis, e estou que ainda hoje lhe-lembrarão: é tão delicioso para o talento o sentir-se entre quem o-apprecie! Na sua primeira visita diligencieí que viesse achar em nossas modestas sallas, quanto lhe-podesse dar gôsto: uma sociedade pequena mas capaz de a-intender: testemunhos de amizade cordeal, que lhe-dessem, se é possível, uma lembrança, uma illusão de sua gente e de sua casa tão remotas; um bom fogão á moda de sua França, uma pouca de musica particularmente de romances franceses, todas as portas arqueadas de louros e para ella uma coroa de flores: por esta occasião lhe-fiz uns versos, de que não sei que feito fôí, mas sobre os quaes requerendo-lhe eu que m'os-emendasse ella, me-escreveu estes, que, embora vá quebra na modestia, não deixo de copiar do seo livro, onde ella teve a delicadesa de os-inserir sem nomear a quem se-dirigiam.



## A M. DE CASTILHO.

## REPONSE A UNE EPIQUE.

Lisbonne, décembre 1839.

Tu veux, ô maître de la lyre,  
 Que je retouche tes beaux vers :  
 Quoi ! le faible ramier qui dans les bois soupire  
 Doit-il apprendre à l'aigle à planer dans les airs ?  
 L'arbrisseau qui s'incline et qui penche sur l'herbe  
 Ses rameaux éplorés,  
 Soutient-il le chêne superbe  
 Qui va cacher son front dans les cieux azurés ?  
 Moi, je suis le ramier de la verte saulée,  
 Mon chant n'est qu'un soupir :  
 Doux roseau, je m'abrite au fond de la vallée,  
 Tout vent me fait frémir.  
 Et toi, barde inspiré, nouveau cygne du Tage !  
 Toi que le ciel regarde avec des yeux d'amour,  
 Ta gloire illustrera le fortuné rivage  
 Où tu reçus le jour.  
 La lyre harmonieuse au burin de l'histoire  
 Est unie en ta main,  
 Des temps qui ne sont plus, tu nous rends la mémoire,  
 Tout s'anime à ta voix comme au verbe divin.

Chante! ta voix est douce à toute âme blessée  
 Qu'attriste un amer souvenir;  
 Ravie, en t'écoutant, vers le ciel élancée,  
 Elle appelle et contemple un meilleur avenir!

Charme de l'existence, ô sainte poésie!  
 Que je te dois d'encens, que je te dois d'amour!  
 Tu jettes bien des fleurs sur ma pénible vie,  
 Grâce à toi, dans ma nuit, a lui plus d'un beau jour.

C'est à vous, ó mes vers, à toi mon humble lyre,  
 Que je dois ces amis que j'apprends à chérir,  
 Leur gracieux accueil, leur bienveillant sourire,  
 Leurs hymnes qu'ils daignent m'offrir!

*Pauline Flaugergues.*

---

Além dos serões de perfeita intimidade, passados familiarmente em conversação desambiciosa, leituras faceis, e alternada recitação de versos nossos, uma noite me lembra de que ella me-pareceu summamente satisfeita, porque lhe-dei incontrar reunidos alguns dos nossos principaes talentos, mormente poeticos, que ella suspirava por conhecer, taes como os Srs. Garrett, Alexandre Herculano, Manuel da Silva Passos, Mendes Leal, Fonceca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra, Pereira Marecos, Silva Tullio, meo irmão Augusto Frederico etc., etc., foi um banquete de poesia, cuja memória me-seria tão doce, como a da *festa da primavera* na lapa dos *es-zeios*, se entre essa e está não houvessem já decorrido tantos annos, dos que mais invelhecem a alma.

Mas não é rasão cançar mais a meos leitores com regalos domesticos impossiveis de repartir. Concluo por agora esta amostra de poesia franceza com os lisongeiros, mas formosos versos, com que Mademoiselle Flaugergues festejou o nascimento do meo primogenito; versos que pel-o empenharem a elle em grandes obrigações, com muito melhor vontade ponho aqui, não obstante o poder alguem attribuir-m'o a vanglória.

### HOROSCOPE.

Tu Marcellus eris! . . .  
*Virg.*

Jeune enfant, tu seras poète!  
Déjà, sur ta débile tête,  
Je vois, je vois briller le laurier paternel.  
Que la muse te donne un baiser fraternel!  
En songe, elle t'a vu bégayer et sourire. . . .  
Tes premiers mots étaient des chants.  
Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,  
Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète!  
Oui, d'un œil enchanté tes pas suivront l'essor!  
Vers toi je vois descendre un ange aux aîles d'or,  
Qui, pour ton jeune front, tient la couronne prête.  
Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,  
Nous entende applaudir à tes premiers essais!  
Et vous, à qui j'adresse un *adieu* plein de larmes,  
Dîtes-lui qu'une amie a prédit ses succès!

*Pauline Flaugergues.*

Todas as composições francesas que se-acabam de ler, afóra a última, acham-se publicadas na bellissima collecção, que sob o titulo *Au bord du Tage. par Mademoiselle Pauline Flaugergues*, se-imprimiu em Paris em 1842.

## O COMMERCIO DE CITHERA.

*Explicação dada aos que só leem pela rama.*

A rasão porque eu não deixo fóra d'esta collecção este brinquedo poetico, é porque já corre por muitas mãos e ha muitos annos. A rasão porém porque eu desbaratei horas em fasel-o, essa, muito agradeceria eu a quem m'a-poddesse explicar: assim é fadado o nosso espirito; nasce n'elle ás veses, ao pé de uma cousa boa e util, outra ruim ou de nenhum prestimo: é como na terra; sob a raiz de uma oliveira um cogumello; pois viva o cogumello, já que nasceu: ainda assim o meo cogumello poetico não é dos venenosos, a que chamam de sapo: o intuito moral d'estes versos foi cifrar em symbolo parte do meo pensamento sobre uma questão das dusias, a que assistí quando ainda estudante. Tractava-se de comparar entre si para preferencias os differentes fins, onde o amor, ou o que amor se-chama, póde levar o homem. O estado conjugal perfeito, que é o mais perfeito de todos os estados, não intrava na controversia; esse, concordavam quasi todos em que dava a maior felicidade possivel sobre a terra. Tractava-se dos amores comprados e vendidos: são ambas estas miserias, as que a musa faceta ridiculizou. O último verso é sermão para os te-

los, que imaginam podêrem-se mercar os corações; o penultimo é censura a não pequena parte da moderna sociedade, para quem as riquezas, embora havidas a trôco da honra, são dignas de festejos e respeitos.

---

CANÇONETA ATRAVESSADA.

De certo pôrto da Europa  
Sahiram para Cithera  
Uma náu e uma galera,  
Para o commércio d'amor.

— *Vista grossa* — era o piloto  
Da galera — *Extravagancia* —  
Da náu por nome — *Constancia* —  
Capitão — *Gentil Fervor*. —

Leva a náu a carga de ouro;  
Gallhardetes a milhares:  
Véla ao vento, e prou aos mares,  
Vôa, qual vôa o tufão.

A outra a-segue de longe:  
Materia grossa e comprida,  
Occa, dura e retorcida,  
Tomou por carregaão.

O nome ninguém pergunte ;  
 Não tem nome no Parnaso :  
 D'ella se-faz muito vaso ,  
 Businas , pentes , e anneis :

Em brutas testas se-cria.  
 E é d'esta materia torta ,  
 Segundo Virgilio , a portá ,  
 Que invia os sonhos fieis.

A que devemos ás damas  
 Delicadesa discreta ,  
 Tapára a bocca ao poeta ,  
 Que a-tentasse nomear.

Basta saber que só d'isto  
 Vai cheia e rasa a galera ,  
 De ouro a náu. Vão a Cithera  
 Ambas ellas traficar.

“ ; Boa viagem ! ; bom vento !  
 “ ; Bom negocio , e volta breve ! ”  
 Lhes-bradava a turba leve ,  
 Que ao botáfóra correu.

Ou n'uma , ou na outra carga ,  
 (\*) Todos hiam int'ressados :  
 Fogem-lhe os nortes alados  
 Co' o rico thesouro seo.

(\*) Cuidado com o *todos* : não se-refira o termo ao genero humano , mas só á turba leve ou leviana de que acima se-falou.

Vêm e vão os soes e as luas:  
 Cresce a esp'rança: o mêdo infia:  
 Até que emfim rompe o dia,  
 Que ao longe uns mastros conduz:

«São!... «não são elles!... «são elles!»...  
 «Juro!... «aposto!... «— Assim ferviam;  
 E já mais perto se-viam  
 As vélas, crescendo a luz;

Já se-conhecem as prôas:  
 Vem de nereydas cercada,  
 Vem de flores inramada  
 A galera triumphal,

Purpurea véla lhe-ondeia;  
 Tritão troando a-annuncia;  
 Pela propria mão a-guia  
 Da espuma a filha immortal.

Segue-a a náu, que vem pendente,  
 Rombo aberto, e véla rôta,  
 Derreada da derrota,  
 Vergonhosa, escura, e só.

Deitam ferro, abordam lanchas;  
 Sobem chusmas d'int'ressados:  
 «! Ganho ou perda?» são seos brados,  
 Mal toçam no portaló.

« Descei, vinde-o ver » lhes-tornam  
 Os da náu e os da galera ;  
 « Nosso commercio em Cithera  
 « De trocas todo constou : »

« Pontas levava a galera ,  
 « Ouro a náu : por fim de contas ,  
 « Traz ouro quem levou pontas ,  
 « Pontas quem ouro levou. »

## POESIA DINA MARQUESA.

Philinto verteu o Oberon (e foi o que mais graciosamente escreveu em sua vida) sem entender uma palavra do Wieland. Os franceses, de todas as linguas trasladam, intrepidos e denodados, não sabendo quasi nunca mais do que a sua; muitos dos nossos hoje, sem saberem nem sequer a sua, castigam os franceses, tradusindo quantas lástimas elles por lá ingendram. Quanto ao dinamarquez, de que me-appresento traductor, confesso que o sei tanto como os nossos sabem francez, como os franceses sabem as outras linguas, e como o Philinto sabia o allemão: sem embargo affirmo que traduso fiel, porque nada mais faço do que passar para verso a prosa portuguesa, em que a minha amavel e instruida leitora me-vai dando desfeitos os versos (se não é peccado chamar versos ás regrinhas deseguaes da mais surda lingua que nunca houve) dos muitos, e muito bons, poetas da patria de Hamlet.

Pela fidelidade de tal intérprete poria eu as mãos no fogo.



## SAUDADES DA PATRIA.

*Poesia do Dinamarquez Oelenchlaeger;  
achando-se em Italia.*

## TRADUÇÃO.

! Que estranha viração da tarde é esta !  
! Onde quereis levar-me o pensamento,  
Magas fragancias da florída terra !  
! Onde ides vós ? ! transpondo o mar sem termo,  
Ides-me á patria, á minha doce patria ?  
Se chegais lá, disei-lhe ! oh ! por piedade !  
Lhe-disei meos occultos sentimentos,  
Estas saudades, este mal sem nome  
Que tanto no interior me-está doendo.  
! Ja por detraz dos penhascosos cumes,  
Vermelho sol, te-escondes ! ; e eu cá fico,  
N'este êrmo escuro, só ! Na minha terra,  
Na terra onde eu nasci, não ha taes montes :  
Não n'os-ha, não n'os-ha ; ; sou d'ella ausente !  
! Ja esta noite no meo bosque de Hertha  
Não poderei dormir ! Lembra-me ouvil-o  
A um norueguez ; — « os gostos verdadeiros,  
« Só a patria em seo gremio os-enthesoura. » —  
De rochas morador, filho de Helvecia,  
Tu me-disseste o mesmo : — « uma saudade  
« Terna, viva, piedosa, accesa, sancta

« Vos-chama aos vossos montes costumados. » —

! Mas cuidam que só montes nos-atrâheia ?

D'estes, como de brenhâs horrorosas,

Meo ânimo erradio anda fugindo.

Se do esguio pinheiro ouço o susurro,

! Ai! bosques, onde estais, queridos bosques

Da minha patria, exclamo! amenos rios,

Que serpeiam por cá, não geram somno,

Que doce me-descance o pensamento;

Lá, não ha rios, nos meos patrios campos,

E' tudo sêcca argila, areia esteril;

Sim, mas o argênteo mar azul-celeste

Com abraços d'amor cinge essas terras,

Como extremosa mãe as-nutre, as-beija;

E quasi que no seio entra a brincar-lhe

Co'as formosas florinhas, que lh'o-adornam.

Oh! silencio... silencio!... ouço um barquinho;

Que entre os canaviaes e as sarças densas

Além com o brando zephиро se-embala!

! De uma nympha ouço o canto mavioso,

Que bõrdam sons de cythara! ó mixtura,

O' poesia, ó feitiço d'alva noite!

O' divina, ó suavissima toada!

! Coração, que te-falta? e vós, meos olhos,

! Vós, lagrimas verteis quando ella esparze

Harmonia, tão meiga aos céos da noite!

! Lingua formosa é esta! ! mas quão outra

Da minha patria lingua! ! estas palavras,

As palavras não são, que outr'ora ouvia

Lá na patria cabana ao réz dos bosques!

Serão phrases mais placidas, mais bellas,

Será mais bello e placido este canto....

¶ Perdoai-me se eu choro ! perdoai-me  
 Lagrimas que por si me-estão brotando ;  
 Quem geme não sou eu , geme a saudade !  
 ¶ Saudosissima esta água está manando :  
 Vai tão serena , tão fagueira a noite !  
 Já lá no bosque meo , tive horas d'estas :  
 ¶ Ai ! tive-as ! esse o bem que me-invenena !  
 Deus me-privou de mãe na prima infancia ;  
 Amargo foi o golpe ; inda com tudo ,  
 Tinha outra mãe no mundo , é mãe a patria .  
 ¶ Vel-a-hei eu nunca mais ? fragil , incerta  
 Corre a nossa existencia em mãos do acaso .  
 ¶ Ai ! poderei sequer do seo regaço  
 Mandar aos céos meo último suspiro !

---

 O

## CEMITERIO CAMPESTRE.

*Nota prévia.*

Esta poesia é imitada do dinamarquez de C. A. Lund, que a-imitou de Grey, que a-imitára do allemão, que a-imitaria sábe deus d'onde, porque em materias taes pouco mais se-póde faser que imitações. Tanto é certo que o natural verdadeiro é o bello universal. Em todos estes versos nada vai novo: pelo contrario, não ha

pensamentos mais vezes repetidos em todas as línguas, em verso e em prosa, na conversação e nas meditações, pelos espiritos illustrados como pelos ignorantes. E com tudo, estas idéas, milhões de vezes repetidas, ainda não infadaram nem infadaram nunca. E' o que succede a respeito das estrellas, da lua e de todas as formosuras da natureza. Tambem eu poetei o meo cemiterio campestre: não o-ponho aqui, porque o seo logar proprio é no volume, que immediatamente vai seguir a este, o *Presbyterio da Montanha*; e já outras duas vezes o-havia feito: — a *primeira* no fim de meo poema *Um dia de primavera*; a *segunda*, no *Amor e melancholia*. ; E deus sabe que de vezes não volverei ainda com os meos cantos ao mesmo assumpto, emquanto elle proprio m'o-consentir e me não condemnar ao perpétuo silencio por baixo do murmúrio das suas árvores,

---

E's as vascas do dia, que fenecê,  
 Crepúsculo da tarde: o sino ao longe  
 Diz para a terra — « orae » — diz para os ares  
 — « Enristecei-vos, que se-ausenta o dia ! » —

Volve á cabana o rústico; a seus ramos  
 A ave: ambos os dous convida o somno,  
 Elle, da escrava lida a repousar-se;  
 Ella, de liberdade, amor e cantos:

Por toda a creação reina o silencio.  
 ; Vão-se ao longe no vago do horisonte  
 Os montes a esvahir! ; Que pensamentos  
 N'esta hora tão solemne me-despertas,  
 Muda estancia da cruz sagrada aos mortos!

Do fadigoso dia aqui descança,  
 O lavrador com regalado somno,  
 Que nunca mais o gallo ha-de quebrar-lhe.  
 Não n'o-distinguem marmores: seo nome  
 Desceu co'a tumba á terra; e jaz desfeito.

— ¡ Salve, ó bosque sombrio dos finados!  
 ¡ Salgueiros, que abrigais co'as pias ramas  
 Estes da vida ephémeros espólios!  
 ¡ Salve, árido jardim, do somno eterno  
 Onde só cardo agreste inlaça c'roas  
 A' sepultura rasa em que é nascido!

— ¡ Quantos não pousam n'este campo obscuro,  
 De virtude maior, mais sã piedade,  
 Que outros, a quem da honra insignias ornam!  
 Talvez mais véras lagrimas banhassem  
 O pinho de seos féretros, que os jaspes,  
 Com que a deidades vãs, vãos templos se-erguem.

— ¡ Quantas calcam meos pés formosas virgens,  
 Flores da eua aldeia, a cujas graças  
 Nunca deram realce o ouro, as joyas!  
 Falando, a paz dos céos annunciavam;  
 Exprimiam dos céos o amor, surrindo.  
 Inda um amante, um noivo aqui divaga,  
 Dando seo chôro ardente a cinzas frias.  
 ¡ Oh! quando esta mansão me-abrir suas portas,  
 A mim, tambem seo hóspede, ao tristonho  
 Dobre dos sinos; quando manso e manso,  
 Ao som dos cantos lúgubres, a terra  
 Me-houver sobrecahido, e eu desapareça.....  
 Aqui tambem vireis, ó meos amigos,  
 Sôbre um ente chorar que vos-foi charo,  
 E co'o pranto unireis memórias doces!

Aqui, pelo crepúsculo da tardê,  
 Se-hão-de ajunctar as môças aldeanas;  
 Praticando nos tempos que já foram.  
 De amores falarão, de seos praseres  
 Doce-amargos, do amante que tiveram,  
 Dos dotes, das virtudes que o-prendavam.  
 Então dirão talvez: — « De nós bem perto  
 « N'este humilde logar jaz um poeta,  
 « Que a ninguém offendeu, que amava a todos;  
 « Da virtude e do amor doce falava;  
 « E nos-deixou cantigas de ternura. » —  
 Ledas em derredor do meo sepulchro  
 Sentar-se-hão; alvo rancho, e minhas trovas  
 Repetidas irão de bôcca em bôcca.  
 E alguma intoará com tom saudoso  
 Da minha mocidade o melhor canto:  
 Repetil-o-hão do cemiterio os echos;  
 E um doce orvalho affagará meos manes.  
 Quando por traz da tôrre d'essa igreja  
 Começar de surgir vermelha a lua,  
 A' aldeia volverão, cantando em côro;  
 E exclamarão, deixando-me — « Descança,  
 « Bom homem, dorme em paz um somno brando!  
 « Deus tenha em seo regaço o bom poeta,  
 « Que a ninguém offendeu, que amava a todos;  
 « Da virtude e do amor doce falava,  
 « E nos-deixou cantigas de ternura. — »

## O CAMPANARIO DE FARUM.

POEMETO

*Tradusido do dinamarquez de Boye.*

Lá onde as águas placidas do Farum  
 Se-vão por entre moitas e arvoredos  
 Amorosas lançar no seio ao lago;  
 Pacífica surri formosa aldeia:  
 Primavera e verão lhe-circumfundem  
 Um mar, agora verde, agora d'ouro,  
 De susurrantes trémulas cearas.  
 D'entre a povoação cãpeia o templo  
 Que vermelho atravez resahe dos ramos  
 De sábugueiros e chiorões frondosos:  
 Co' o templo convisinha a residencia  
 (Antes choça) do parochó singello,  
 Mal coberta de cólmo ao pé das águas:  
 Era noite de outomno tempestuosa,  
 Fria, medonha; pelos céos as nuvens  
 Gyravam torvas, rapidas; apenas  
 A espaços alvejava um raio frouxo  
 Da perseguida lua.

E' noite velha;  
 Unico o bom do parochó vigia  
 A' luz de solitario candieiro,

Que do mudo aposento espanca as trevas;  
 Pousam na aberta biblia os olhos fitos;  
 Grave meditação lhe-absorve a mente,  
 Sôbre a morte, o peccado, os céos e a vida.  
 A'cinte o impertinente somno espalha;  
 Que a uma pobre mulher, em vindo a aurora,  
 Tem de ir levar piedoso o pão celeste,  
 Provimto e confôrto á grão viagem.  
 Ouve uns sons e estremece. . . . . áquellas horas  
 O sino grande! . . . . e que toada estranha  
 Que sahe d'elle! . . . . . estranhissima! não vibra  
 Como quando o tufão lhe-mette os hombros;  
 O-recurva, o-balança e manda a espaços  
 Vãs badaladas aos sumidos échos:  
 Parece mão subtil que lima o bronze.  
 Fecha o livro; alevanta-se cuidadoso;  
 Não lhe-põe medo espiritos nocturnos;  
 Nunca tremeu das infernaes potencias,  
 Não tem superstições, tem só piedade...  
 Mas templo e campanario estão desertos!  
 D'ambos se-fecha a porta ao fim da tarde...  
 Que é logo esse rumor? convem que o-saiba.  
 Parte! investe sósinho o cemiterio;  
 Affeito lhe-atravessa as mortas ruas;  
 Abre a porta sagrada; e ja se-intianha  
 Na profundez da nave silenciosa,  
 Mal prateada de furtiva lua:  
 Para, escuta... o silencio ja não quebram  
 Sons da torre nenhuns; ergue animoso  
 A voz rouca, essa voz, que tantas veses  
 Deu palido terror ás almas ímpias.  
 “; Quem ousa perturbar a paz da egreja!”



“; Que temerario a pernoitar se-atreve  
 “No logar sancto! exclama.,, Echou o brado  
 Pela extensão da abóbada soturna,  
 E recalhe tudo em seo primeiro somno.  
 N’isto um como suspiro eis vem da tórre  
 Estremecer-lhe o ouvido — «; Eia! eu t’o-ordeno,  
 “Quem quer que sejas, apparece!» — Cala,  
 E escuta.....pela escada uns passos brandos.....  
 Alguem é, que lá desce. Alça na dextra  
 Tocha, que os passos, trémula, lhe-rega;  
 Vê vir do côro ao longo alvo minino  
 Que nas redondas faces não inculca  
 Mais rosas que de oitava primavera,  
 Porém essas ao sôpro desbotadas  
 De alguma pena grande. ; Que thesouro  
 Na mãosinha trará que tanto a-fecha!  
 «; Não te-infades comigo!» em tom piedoso  
 O innocentinho diz; depois suspira.  
 “Não me-castigues por ficar de noite  
 “Sem licença na egreja. Quando a porta  
 “Se-abriu para ir tocar ave-marias  
 “Intrei pé-ante-pé, sem que me-vissem;  
 “E escondi-me cá dentro; deus bem sabe  
 “Que não foi para mal.» — «; E que buscavas  
 “Do templo n’esta noite tempestuosa?»  
 Interrompe o pastor maravilhado.  
 “; Sósinho aqui nas trevas, quando os ventos  
 “Estremecem bramindo tectos, muros!»  
 — “Sim, mas a minha mãe” volve o minino  
 “Jaz ás portas da morte!» — e o chôro emtanto  
 O-suffocava todo. “Animo, ó filho,»  
 Accode o bom do parochó, “mui grave,

“ Bem o-sei, é seo mal; auxílio d’homem  
 “ Pouco póde; mas deus que póde tudo,  
 “ No abysmo da miséria accode ás veses;  
 “ D’elle pendem, são d’elle a morte e a vida.”  
 — “ Assim vim eu pensando!” — “; Mas deixal-a  
 “ No apêrto a que é chegada!” — “ E’ que a ferrugem  
 “ Que se-raspa de um sino á meia noite  
 “ Cura tudo: só hontem m’o-disseram  
 “ Porisso a-vim buscar.” — “; Sósinho?” — “ Os outros  
 “ Tinham medo ás phantasmas; que as phantasmas  
 “ São ruins, e de noite é que andam fóra.”  
 — “ Mas tu não lhes-tenes medo?” — “; Eu muito! E vi-as  
 “ Do meo cantinho andarem pela egreja  
 “ Todas alvas. Resei a minha resa,  
 “ Sumiram-se: mas logo se-me-ergueram  
 “ Do sepulchro outra vez; algumas d’ellas  
 “ Conheci eu, parece-me: tremia  
 “ Sem as-querer olhar, e olhava-as sempre!  
 “ Quiz tornar a resar; tomou-me o susto,  
 “ Não pude: co’a afflicção cantei aos gritos  
 “ A oração, com que ja de pequenino  
 “ Minha mãe me-embalava em seo regaço:  
     “ Entrai, ruins espiritos,  
     No lume eterno e fosco;  
     Espiritos angelicos,  
     Vós ficareis connosco;  
     Dareis co’as asas candidas  
     Abrigo ao vosso irmão.  
     “ Vós sois os primogenitos  
     De todo o innocentinho;  
     Para entre nós trouxeste-lo  
     Do céo, seo patrio ninho;

No valle pois das lagrimas,  
Lhe-dae consolação.,,

- “E eu derramava lagrimas, pensando.....  
 “Na morte..... d'ella. Tomei força, ergui-me,  
 “Subi; quando eu subia estava dando  
 “A meia noite, mas não vi mais almas:  
 “Quando cheguei a cima, e dei co'os olhos  
 “No céu roto de estrellas, que me-ria  
 “Das ventanas da torre todas quatro;  
 “E achei o vento, e percebi lá embaixo  
 “O ramalhar das árvores; fui outro:  
 “Parecia-me aquillo uma gaiola,  
 “E eu dentro um passarinho a espanejar-me  
 “Todo contente; vou-me logo ao sino  
 “E raspo o mugre: vede-lo? esperava  
 “Que rompesse a manhã: que alguém viesse  
 “Abrir, para eu correr á nossa casa:  
 “Que isto ha-de-m'a-salvar, sei-o eu de certo.,,  
 — “Fé, bom mocinho, fé. Deus ama os filhos  
 “Que assim amam seos paes; e póde tudo.  
 “Póde mudar, querendo, a noite em dia.  
 “Que tu és bom sabe elle; as nossas preces  
 “Sabemos nós que elle ouve e que as-despacha.,,—

Diz; e em frente do altar ambos se-prostram.  
 Em quanto pelas faces mudamente  
 Lhes-corriam as lagrimas, soava  
 Como o esvoaçar das legiões celestes  
 O temporal nocturno; canta o vento  
 Pelos canudos do orgão: pelo côro  
 Como que uns hymnos soam: clara a lua,  
 Na abóbada dos céos lâmpada eterna,  
 Resplendia; os tocheiros prateados

Se-accenderam per si. — “Partamos, filho,  
 “Vamos ver tua mãe! nenhuns phantasmas  
 “Virão já saltar o teu caminho:  
 “O que a mão do Senhor com letras de astros  
 “Escreve n’essa página infinita,  
 “Que por cima de nós se-desinrola,  
 “Não o-lês tu nem eu: ninguém o-alcança,  
 “Mas, confiar em deus!... — “Sim, vamos, vamos...  
 “Oh!... se eu confio n’ elle!... oh! se me-alegro...  
 “E não sabeis porque? porque esta noite,  
 “Por diante de mim, quando resava,  
 “Vi passar uma festa, a mais galante  
 “Festa, que nunca eu vi: um rancho de anjos,  
 “Nenhum maior do que eu; mais pequeninos  
 “Muitos, e todos muito mais formosos;  
 “Asas de ouro e de azul; asues os olhos;  
 “Cabellos de ouro; as boccas todas riso,  
 “As faces todas rosa, e tão ligeiros,  
 “Que adivinhei, pois nada me-disseram,  
 “Que era deus quem dos céos os-enviava  
 “A traser á choupana algum conforto.  
 “Oh minha boa mãe! partamos., — Partem,  
 Lá correm.

Vôo de anjo apoz si deixa  
 Té os vôos do humano pensamento,  
 Como ave, que atravessa os ares livres,  
 Perde de vista a serpe, que entre sarças  
 Rasteja fadigosa. Mal teria  
 Dado tres pulsagões o alvoroçado  
 Coração do minino, quando os anjos  
 Pousavam já na terra, eram na choça,  
 Ventilavam co’as asas de ouro a inférma.

Estes mesmos emtórno ao pequenino,  
 Sem n'ó elle p̄sumir, tinham gyrado,  
 Em quanto a alva mãosinha ao bronze escuro  
 Furtava o bento pó: que ó som piedoso  
 De um sino, attrahe, namora, inleva os anjos.  
 Befejado nos olhos moribundos  
 Placido somno, o côro bemfasejo  
 Já se-era emfim tornado ao patrio empyreo,  
 Quando o filho e o pastor colhendo o fól'go,  
 Aberta manso a porta, o pé furtivo  
 Suspenso, duvidoso, a vista anciosa,  
 A alma no ouvido, intraram no aposento.  
 Respirava saude a pobresinha;  
 Dormia... e tão serena! a luz brilhava  
 Na candeia, pouco ha, decrepitante  
 Em moribundas vascas. A enfermeira  
 Descuidosa dormia. Viram sonfros  
 Andar nos labios palídos sorrindo,  
 E no int'rior dos dous cantou a esp'rança  
 Em muda voz seo hymno agradecido.  
 Pouco tardou que o somno regalado  
 Se-esvahisse. A ditosa mãe resurge  
 Agil, vivaz, contente... e abraça o filho!  
 . Cantar as doces lagrimas de todos,  
 Harpas dos Seraphins, a vós pertence. (\*)

---

 NOTA.

(\*) De todas as precedentes traducções do dinamarquez, a  
 unica foi esta em que me-permitti alguma liberdade, não cortando,  
 senão accrescentando, e não no principal senão nos ornamentos  
 accessorios.

## O

## ACALENTAR DA NETA.

*Xácará.*

Dorme, dorme, minha neta,  
Senão não sou tua amiga;  
Dorme que eu te-embalo o berço,  
E te-canto uma cantiga.

Vai a bella Dona Ausenda  
Caminho de Palestina,  
Leva traje de romeiro,  
Com seo bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,  
Em sabendo que és fugida,  
Tua mãe cahirá morta,  
E tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda  
Quem na Hispanha morra ou viva;  
Vai em busca de sua alma,  
Que em Palestina é captiva.

De lá lhe-vieram cartas,  
E uma carta lhe-disia:  
"Teo amigo, Dona Ausenda,  
"Chora de noite e de dia.

“As cadêas não lhe-pesam,  
 “Pesas-lhe tu, porque scisma  
 “Que ha de morrer sem mais vêr-te,  
 “Nem ver-te quer na Mourisma.,,

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 Ao pé da Virgem Maria.

---

Vendeu joyas e arrecadas,  
 Comprou bordão e esclavina,  
 E trajada de romeiro  
 Ja demanda a Palestina.

Vai pedindo pelas portas,  
 Por sões e chuvas caminha;  
 Trabalhos não a-quebrantam,  
 Com elles vai mais asinha,

Uma tarde, era sol posto,  
 Quando avistou uma ermida,  
 Era de Nossa Senhora,  
 Mãe dos homens se-appellida.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 Mercê da Virgem Maria.

Os sóccos descalça á porta,  
E ajoelha com fé viva,  
Pedindo lhe-restitua  
Sua alma que jaz captiva.

Os olhos da Virgem Sancta  
Deram mostras de affligida:  
Ergueu-se um vento da serra  
Que toda treneu a ermida.

Coitada de Dora Ausenda,  
Mais triste sabe, do que vinha:  
Cerrou-se-lhe logo a noite;  
; E ella nos bosques sósinha!

Queria andar, e não pôde  
Que o grande escuro a-tolhia;  
Necessitava incostar-se,  
Tinha medo, e não dormia.

N'uma raiz pousa a face,  
O corpo em folhas reclina,  
Com suas penas conversa,  
Coitada da perigrina.

Perdi a terra e o palacio,  
Perdi a mãe que lá tinha,  
Perco-me agora a mim mesma,  
E o que procurando vinha.

D. Giraldo, D. Giraldo,  
Só a fé não é perdida,  
Pois tu sabes que eu te-adoro,  
E eu sei como sou querida.



Pego ao meo anjo da guarda,  
 Se hei-de aqui ficar perdida,  
 Que vá levar-te por sonhos  
 Esta minha despedida.

Assim disia a formosa,  
 Dona Ausenda de Molina,  
 E ao diser *anjo da guarda*,  
 Lembrou-lhe a irmã pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fra, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 E sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cansados  
 Lhe-borbotou a dôr viva;  
 E ouviu folhas abanadas,  
 E viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,  
 Porque o pavor a-conquista,  
 Em joelhos com mãos postas  
 De relance estende a vista.

E viu uma sombra grande,  
 Que mui devagar caminha;  
 Quiz resar, benzeu-se errado,  
 Não deu co'a salve rainha.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 Guarde-me a Virgem Maria.

---

O andar do phantasma branco  
 Nenhum ruído fasia;  
 Parou, e pôz nella os olhos;  
 Mas eram terra, não via.

Extendeu-lhe os braços longos,  
 E co'uma voz, como brisa,  
 Lhe-diz = “Eu sou D. Giraldo,  
 “Que em mim já se não divisa.

“Tu buscavas o captivo,  
 “Eu procuro a perigrina,  
 “Tua alma quer deus que esteja  
 “Co'o meo corpo em Palestina.

“Os nossos anjos da guarda  
 “Deram palavra sem lingua,  
 “Que á meia noite aqui mesmo  
 “Findaria a nossa míngua.

“Deus, á alma invia um corpo,  
 “E ao corpo uma alma invia....,”  
 Já estas finaes palavras  
 Dona Ausenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Que eu canto ao pé da candêa,  
 Que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado a meia noite,  
 E Dona Ausenda cabira:  
 ¡Ai! ¡Jaz morta a Dona Ausenda,  
 Que tantas penas sentíra!

¡Quem ha-de enterrar seo corpo  
 N'essa noite desabrida,  
 Ou quem aos pés da Senhora  
 A-irá sepultar na ermida?

¡E a alma de D. Giraldo,  
 Que tão solitaria fica,  
 Não terá padre que rese,  
 O que por almas se-applica!

Mas nunca mais na floresta  
 Nenhuma cousa foi vista:  
 Os que o sitio têm buscado  
 Nunca lhe-acharam a pista.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 E reso á Virgem Maria.

N'essa noite, á meia noite,  
Indo o septe-estrello acima,  
Calou de repente as voses  
Môcho que máguas lastíma.

E o gallo, que por taes horas  
Com seo canto á resã excita,  
Bateu as asas calado  
Ao pé do leito do ermita.

Tocou sem mão a sineta,  
Abriu-se a porta da ermida,  
As vélas do altar accesas,  
A Senhora mui garrida.

Dorme, dorme, minha neta,  
E tu, fuso, fia, fia:  
Eu canto á minha candêa,  
E vejo a Virgem Maria.

E introu a orar um estranho....  
Perigrino, ou perigrina,  
Que de tudo dava mostraz;  
E falava em Palestina.

Se hia ou vinha, nunca o-disse,  
Quando o ermita o-requeria,  
Que ora falava em ser volta,  
Ora falava que se-hia.

É disse: a deus me-incommenda  
 Por tres, mais tres e tres dias,  
 Que ao cabo d'uma novena  
 Findarão mil agonias.

Ora n'essa mesma noite  
 Quiz a bondade divina,  
 Que outra novidade grande  
 Succedesse em Palestina.

Da côva de D. Giraldo,  
 A' meia noite precisa,  
 Surgiu um corpo defuncto  
 Que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 Ouça-me a Virgem Maria.

E veiu uma alma voando,  
 Que pelos ares foi vista,  
 Nossa Senhora a-guiava,  
 Vinha-lhe um anjo na pista.

Metteu-se dentro ao finado,  
 E o finado cobrou vida;  
 Pôz-se co'o anjo a caminho;  
 A Senhora era já ida.

Como a novena acabava,  
 Ao cabo do nono dia  
 Vinha pela ermida entrando  
 Outro romeiro á porfia.

E este assim como o primeiro  
 Muito ao velho desatina,  
 Que tambem não cahe na conta  
 Se é romeiro ou perigrina.

Os dous romeiros se-olhavam,  
 E a mãe dos homens surria,  
 O ermita estava pasmado,  
 E um padre moço appar'cia.

Por debaixo do roquête,  
 Que era neve sem mentira,  
 Relusiam duas asas  
 Ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas  
 Com signaes de muita estima,  
 E disse: *conjungo vos*:  
 E pôz-lhe a estóla por cima.

. Dorme, dorme, minha neta;  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 Louvor á Virgem Maria.

Nove annos eram passados,  
 E apoz nove annos um diá,  
 Quando ao dar da meia noite  
 Lá na porta se-bátia.

Como se-abriu a capella,  
 Logo introu por ella acima  
 Um caixão com dous defunctos,  
 Todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa  
 E estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados,  
 Com mostras de quem dormia;  
 Com c'rôas de flôres brancas,  
 E ninguem os lá trasia.

Mãos que pegavam á argola  
 Eram mãos que se não viam,  
 Nem se-inxergava pessoa  
 Nos cantares que se-ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,  
 E tu, fuso, fia, fia:  
 Eu canto á minha candêa,  
 Ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memória  
 N'uma tábua bem polida,  
 Que inda agora na Biscaya  
 Se-vai vêr áquella ermida.

A campa ficou sem nomes;  
 Mas toda a gente disia,  
 Que era Ausenda e D. Giraldo,  
 Filhòs da Virgem Maria.

Por devoção que um e outro  
 Com o sancto rosario tinha,  
 Inda por morte casaram,  
 Sendo a Senhora madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,  
 Que tenho a rocada finda;  
 A'manhã, querendo a Virgem,  
 Te-direi outra mais linda.



## NA FESTA DE UM BAPTISADO.

A 3 DE JANEIRO DE 1843.

Gentil botãosinho de candida rosa,  
Que, n'este recanto do mundo tão triste,  
Em quadra tão feia, cruel, invernosa,  
Aos ares incertos da vida surgiste!

De amores e bençãos, de abraços e beijos  
Efeito mimoso, mimoso incentivo;  
Gentil botãosinho, por ti mil desejos  
Se-vêm transformados no gosto mais vivo.

Viceja, e te-exalça, prospéra, e floresce;  
Para ti as horas se-hão feito douradas:  
E o místico orvalhò, que sòbre ti desce,  
Promette virtudes e prósperas fadas.

Mas ah! quem soubera, formoso innocente,  
Soletrar dos fados os livros escuros!  
E aos paes, aos amigos, expôr claramente  
De que hão-de ser cheios teos amplos futuros!

De que altos praseres, de que íntimas glórias  
Se não accendêra mais de um coração!  
Mas quem do passado mal crê nas histórias,  
De ler *buenas-dichas* não tem presumpção.

O mais que me-é dado farei n'este dia;  
A' tua saude farei mil saudes;  
E votos ao anjo que a infancia vigia,  
Para que te-inspire seo genio e virtudes.

---

EPIGRAMMA.

André Pinto andar não pôde ;  
Manda médico chamar ;  
Chega o médico....receita....  
; E André Pinto pôe-se a andar !

---

## Vénia.

Se me-perguntassem como , porquê , e para quê engendrei este abortinho de épigramma , á-fé que me-poriam em grande apêrto , porque sempre cri na medicina , não tanto , verdade seja , como alguns doctores novos pertendem que accreditêmos , mas o bastante para sempre os-consultar e obedecer-lhes com um escrupulo , que ás vezes transcenderá para fanatismo. Epigrammei-os porque *Marcial* , *Molière* , *Filinto* , e *Bocage* os-tinham epigrammado : epigrammei-os porque era isso moda , e o-ha-de ser sempre , como aquell'outra tonteria de falar e escrever contra as mulheres : epigrammei-os , finalmente , porque não tinha outra cousa que faser n'essa hora , nem medoia nada.

## A

FRANCISCO DE ASSÍS RODRIGUES.

*Introdução.*

Melhores versos do que estes, merecia o perigrino busto, que em 1836 fez, retratando-me, o meo amigo Francisco de Assís Rodrigues, lente de esculptura na academia das bellas-artes de Lisboa. Como similhaça e imagem, e como obra artistica, de todos obteve applausos.

Rodrigues foi, assim como seo pae, discipulo de Machado de Castro, cuja cadeira, hoje occupa, e a quem pagou parte da sua immensa dívida de alumno e amigo, escrevendo em elegante prósa o seo elogio, publicado por mim na *Revista Universal Lisbonense*, a 17 de novembro de 1842. Tambem eu tinha uma dívida grande e antiga para com o auctor da estatua equestre, cuja amisade ja em casa achei quando vim ao mundo; e a maior e a insolavel chegaria ella, se os seus desejos se-houveram podido realisar.

Para a esculptura é que eu tinha nascido.

Ja entre os dez e onze annos de idade, a minha mais querida e continuada occupação era imitâr, não só a figura humana, senão quantos objectos da natureza havia conhecido; e trasladar quantas formas em vulto se-me-offereciam ao tacto. Um genio alado, de pouco mais de um palmo de altura, que por esses tempos fiz, acertou casualmente de ser mostrado a Machado de Castro: a anatomia externa, mas que outros méritos abi faltassem, digo afou-

to, que devia de ser boa: era ponto por ponto copiada do vivo; copiada de mim mesmo: o effeito que lhe-produsi, que vol-o diga elle mesmo; que, para isso, lanço aqui fielmente trasladado um documento, que ainda conservo authographo e assignado.

Joaquim Machado de Castro ficou tão estupefacto e aturdido, quando viu estes ultimos brinquêdos plasticos, pueris, do sr. Antonio Feliciano de Castilho, especialmente attendendo ás suas circumstancias, que todo se-inflamou nos seguintes

#### DESEJOS.

##### Primeiro.

Que deus fosse servido dar ao dicto minino prompta, e firme saúde, dando-lhe a sua perfeita vista, etc.

##### Segundo.

Que o mesmo senhor dilatasse mais ao dicto Machado ao menos dez annos de vida sadia.

##### Terceiro.

Que o principe regente nosso senhor, ordenasse ao pae do dicto minino que o-intregasse ao dicto Machado: e a este que fôsse cultivando este singular pimpolho, segundo as luses que tem na esculptura adquirido; mandando sua altesa apromptar todos os meios que o dicto professor julgasse convenientes a preparar um prodigio.

E como (por desgraça e labéo da nossa nação) as artes, n'este reino, se-podem chamar *beccos sem sahida*, desejará mais:

## Quarto.

Que sua altesa real mandasse matricular o dicto mímico em o collegio dos nobres e fortificação, para alcançar por este modo augmentos e postos, etc. etc. E que no tempo d'estes estudos, os lentes d'aquellas aulas com este da de esculptura combinassem, e regulassem as applicações de um tão distincto alumno.

— Eis-aqui como se podem formar prodigios, e utilizar-se a nação de genios extraordinarios.

A respeitavel antiguidade é tão célebre pelos Themistocles, Lycurgos, Socrates (1), e Avicennas; como pelos Apelles, Phydias, Diocenos, e Policletos, etc.

Lisboa 7 de dezembro de 1811.

*Joaquim Machado de Castro.*

Sabido é como todos estes seos, tão portuguezes, tão artisticos, e tão amigaveis desejos, sahiram frustrados; por amor da arte me-pêsa, não por cobiças de fortuna, que se a penna val pouco, menos val por ora o cinzel n'esta pobre terra. No mesmo Machado se-viu a prova: que testou este depois de meio seculo, e mais, de primorosissimo trabalhar? glórias á patria (que n'outra parte houveram sido maiores); pobreza e penuria (que maiores não podiam ser) a suas filhas.

Como o Jáó, que pediu esmola para Camões, levantei brado, (que o-devia mais que ninguem) pedindo esmola para as orphãs de Machado. Não somos ainda de todo mortos: alguns jornaes fiseram echo á *Revista Universal Lisbonense*. A *Restauração* empenhou-se na boa obra mais

(1) Socrates primeiro foi esculptor que philosopho, e as medições, a que o-conduziu a esculptura, o-intranharam na philosophia.

*Nota do authographo.*

ardentemente que nenhum. A instancias de meo irmão José Feliciano de Castilho, se-reuniram, a 29 de julho, na bibliotheca publica, muitos dos nossos litteratos e artistas, para concordarem no meio porque se-poderia *« accodir d'pobresa das filhas do auctor da estatua equestre. »* Assentou-se em que se-faria logo uma representação a ſeo beneficio no theatro de S. Carlos: para promover, e dirigir, esta festividade, se-elegeu, d'entre os presentes, uma juncta composta dos senhores: conselheiro José Joaquim Gomes de Castro (presidente) — conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães — conselheiro Francisco de Sousa Loureiro — doctor José Feliciano de Castilho — doctor Luiz Antonio Rebello da Silva — Francisco de Assis Rodrigues — J. S. Mendes Leal Junior — J. J. Dias de Carvalho (thesoureiro) — A. da Silva Tullio (secretario).

Alguns dias depois, a 11 d'agosto, executava-se em S. Carlos o mais variado e brilhante espectaculo que nunca se alli vira, constando do bem conhecido drama do sr. Mendes Leal = *Os Dous Renegados* = representado gratuitamente pela companhia portuguesa, e de muitas peças de musica vocal e instrumental, tambem gratuitamente desempenhadas pelos mais distinctos artistas de Lisboa. O concurso era quanto a casa podia comportar, e demais cortesão e esplendido. Não era mais espectaculo o tablado que a platêa e camarotes: os logares ínfimos, e as torriinhas, resplandeciam egualmente guarnecidos, como a ordem nobre, de senhoras da primeira grandesa, de condecorações, e de tudo quanto o estado tem de mais alto por sua posição social. Foi uma festa verdadeiramente nacional.

As beneficiadas recolheram perto de oitocentos mil réis d'este beneficio. E porque a benemerita e solícita juncta se não limitou só em Lisboa; de Coimbra, onde houve

para o mesmo fim um baile publico, lhes-vieram cento e cincoenta mil réis. E ainda se-espera do Porto o auxilio que junctamente lhe-foi pedido para ir solvendo esta d'vida nacional.

! Oxalá que assim continue o povo portuguez, em quanto o público thesouro não póde, a alimentar a progenie de quem pensou mais na patria do que nos filhos ! Será isso ainda algum incentivo aos talentos, que até hojê mais tinham grangeado a seos donos amarguras do que favores.

Não sejamos porém péssimistas ; e confessemos por honra d'esta idade, que se ainda hoje se não dá aos ingenhos o necessario arrimo de que elles carecem para florescer e fructificar, algumas demonstrações de aprêço selhes-começam de offerecer. A estatua equestre d'el-rei D. José, que nossos paes consentiram ficasse anonyma aos olhos da posteridade, vai receber esta inscripção mandada insculpir (sendo ministro dos negocios do reino o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral), por portaria de 23 de janeiro de 1844.

JOSEPHO. I.

Augusto. pio. felici. patri. patriæ

Quod. regis. juribus. adsertis. Legibus. emen. latis

Commercio. propagato. militia. et bonis. artibus. restitutis

Urbem. funditus. eversam. terræmotu. elegantiorē. restauraverit  
Auspice. administro. ejus. marchione. pombalio. et. Collegio,  
negotiatorum. curante.

S. P. Q. O.

Beneficiorum. memor

A. MDCCLXXV

P

Joachimus. Machadius. Castrius. finxit. et sculpsit : Bartholomæus.

Costius. statuam equestrem ex ære fudit.

## EPISTOLA.

O' tu, que a sciencia, que o genio dirigem,  
 O' novo, piedoso, melhor Prometheu;  
 O fogo, que accendes no céo, sua origem,  
 Por ti á materia de novo desceu,

Tu dises á terra: — « ¡ levanta-te humana! »  
 E a terra, lembrada da mão do Senhor,  
 Converte-se em homem, levanta-se ufana,  
 E exprime os affectos do seu creador.

A' pedra de Paros tu dises: — « ¡ sê viva! »  
 A pedra estremece, resôa... accordou!  
 O véo desaparece da nayade esquiva;  
 E o pêjo lhe-veda diser-te « aqui estou. »

O sol namorado surri-lhe á lindosa,  
 Lhe-apura delícias em candida luz,  
 Admira-lhe o immovel da trança não prêsa:  
 Da urna lhe-espera torrentes a flux.

Suspiram mancebos, suspiram donzellas  
 Contrarios pesares ao ver a immortal;  
 Uns, só de que o mundo não crie eguaes bellas;  
 As outras, de que a arte creasse uma equal.

Com tantos prodigios tu mesmo incantado  
 Ordenas ao bronze, que intôe canções;  
 Ja arde, ja ferve, ja brilha c'roado  
 De louros eternos, o eterno Camões.



; Oh ! basta ! ir avante seria ja crime ;  
 Oh ! basta ! que usurpas do vate o laurel .  
 Descança contente do arrôjo sublime ,  
 E fase pedaços o altivo cinzel . . .

; Mas não ! de heroes lusos a turba agitada  
 Te-assalta nos sonhos , te-aponta o porvir ,  
 Te-pede mais glórias , te-impelle e te-brada ,  
 Que alfin dos sepulchros os-faças surgir .

Não ha resistir-lhes : é Vasco da Gama ,  
 E' Castro , o de Diu terrivel Heitor ,  
 E o nune Albuquerque , por quem inda chama  
 A aurora , viuva de tanto esplendôr ;

E' Sancho , que aos louros inlaça a oliveira ,  
 E escuda os vencidos co'a espada real :  
 São mil outros lustres da história guerreira ,  
 Indígetes nunes do teo Portugal .

; Em Pântheon sacro mudou-se a officina !  
 ; Povôa-a congresso tremendo , sem par !  
 ; Que nomes ! ; que rostos ! . . . . . A inveja se-inclina ,  
 Se-prostra em joelhos , forçada a adorar .

; Ditoso cem veses , ó tu , que das fadas  
 Condão de prodigios lograste ao nascer !  
 ; Que extrahes tuas glórias das glórias passadas ,  
 Do gôso triumphos , da lida praser !

; Que alegre e ditoso não vives entre este  
 Congresso , obra tua , teo sociq , amor teo ,  
 Que as veses te-suppre dos paes que perdeste ,  
 De filhos , de espôsa , que o céo te não deu !

; Eis tua familia ! velhice, nem morte  
 Não lãõ-de em seos membros ferir-te jamais ;  
 Por elles ao menos triumphas da sorte,  
 E ja dos vindoiros o applauso escutais.

Se as leis se-transformam, se ha paz, se arde a guerra,  
 Se o povo é tyranno, se aos reis beija os pés,  
 Se vai dia ou noite na face da terra,  
 Não sabes, não curas; do mundo não és.

Os vivas, os morras, por perto, por longe,  
 Surrindo e scismando, mal sentes passar, . . .  
 Qual sonha céos e anjos o tacito monge,  
 Na cóva, ao murimúrio do vento e do mar.

; Tudo isso que estruge. . . . revólve-se e expira,  
 As vagas das turbas, do oceano o escarceo !  
 E a obra indifferente, que o genio te-inspira,  
 Resiste; e sem termo rirá sob o céo.

; Que de ouro, que tempo, talvez que desgraças  
 Não foram já paga de ephemerás leis !  
 Enquanto a flôr mármore, que cinges ás graças,  
 Verá desfolhar-se mil c'roas de reis.

; Que digo ! altas glórias, socêgo, praseres  
 Não são, não são esses, teos unicos bens.  
 Do amor ás virtudes, do affêrro aos deveres  
 Tu crias modelos e oraculos tens.

Com cada gigante, que avivas á glória,  
 Conversas, estúda-lo, embébe-lo em ti ;  
 Depois, em seo rosto cifrando uma história,  
 Tua alma o-contempla ; vos-mede, e surri.

Assim brônze, e pedrás, assim troncos rudes,  
Que estão povoando teu mundo de paz,  
Quaes tu lh'as-emprestas, te-imprimem virtudes;  
E a vida te-esmaltam, se vida lhes-dás.

¡ Amigo, que sorte brilhante e quieta !  
¡ Que palmas sem odios ! ¡ que placido ermar !  
¡ Amigo, que invejas sentíra o poeta,  
Se a terna amisade soubera invejar !

¡ Oh ! quem pelo escopro trocasse esta lyra,  
E o sol reaccendesse que a infancia me-incheu !  
Teo canto de mármore, que invejas inspira,  
Talvez que irmão émulo achasse no meo.

Das artes o genio, teu mestre, o grão Castro,  
Ao vêr meus brinquedos, fadou-me escultor:  
Por sôbre o meo berço lusiu pois o astro  
Que te-enche a existencia de raro fulgor.

Fatidico o velho sondára a minh'alma;  
Quanto elle augurava, sinto eu dentro em mim.  
Artista, cingira-te, ó Lysia, uma palma,  
Que houvera zombado dos tempos; ¡ oh ! sim.

¡ Oh ! ¡ sim ! ¡ que a-cingíra ! que o fogo d'artista  
Baldado inda aos pulsos, e á mente me-vem.  
Dos Castros, Thorwaldsens, e Phydias na lista,  
O meo, qual teu nome, se-lêra também.

¡ Sim, sim ! ¡ que de glórias ! .. lembrança importuna,  
Não mais me-persigas, me-tentes em vão !  
Typheo, com montanhas me-opprime a fortuna;  
Aos sins, que murmúro, responde ella : não !

Miserrimo Tântalo, os fructos, 'e as águas,  
Faminto, sedento, jamais tocarás.  
Não olhes essa árvore; esquece tuas máguas;  
E ao som vê se dormes do rio fugaz.

De inglório sepulchro nas trevas avaras  
Expira, ó minh'alma, rebelde vestal:  
Ser mãe, ser ditosa, ser nune sonhâras  
E esteril teo fado do amor foi rival.

Venceu-te, amiu-te, parece ignorada,  
Não és a primeira que a sorte desfez.  
; Não vês tanta perla no mar sepultada;  
No germen extinctas mil plantas não vês!?

Resigna-te e morre. No tronco silvestre,  
Nas penhas, do raio pulverosos tropheos,  
Continha-se o olympto, se o escopro do mestre  
Chegasse primeiro que a furia dos céos.

; E é esta cabeça, de louros despida,  
De quem tu, c'roado, te-apiadas, te-does!  
; E' esta a quem pródigo off'reces a vida  
Que eterna e brilhante só cabe aos heróes!

; Porque? ; porque alívio de exilio amargoso  
Uma harpa saudosa me-sôa entre as mãos?  
; Porque? ; porque às penas da mente repouso,  
Aos proximos échos mandando uns sons vão?

Suspende, suspende; Camões esculpiste;  
Camões redívivo nos-olha: não vês?  
Do empenho sacrilego a tempo desiste:  
O que é dos elysios aq' lhetes não dês.

E' tarde: a mão ignea, que a subitas lavra  
Sem conto os portentos e a minha apertou,  
Correu mais ligeira que a sôlta palavra;  
Não pude retel-a no vôo.... acabou.

Eterno me-has feito: ; mas dise-me, que ha-de,  
Ao ver-me entre nubes, diser o porvir?  
Que á esplendida glória, que á doce amisade,  
Pontifice de ambas, soubeste servir.

FIM.



## INDICE.

	Pag.
Dedicatoria . . . . .	5
Prologo . . . . .	7
A Francisco de Paula Cardoso de Almeida — Epistola . . . . .	11
Sancta Iria — Xúcara . . . . .	17
Os Desejos do Romeiro, precedido de uma pequena prosa . . . . .	28
As Flôres — Devaneiosinho de uma alvorada de primavera . . . . .	30
Os trese annos — Cantilena . . . . .	34
Epigramma . . . . .	37
A Infancia, traducção do dinamarquez. . . . .	38
Abôrto de uma sátira . . . . .	40
Advertencia ao apólogo = Os Macacos = . . . . .	41
Os Macacos — Apólogo . . . . .	43
Preambulo aos versos liberaes . . . . .	46
Extracto da = Guarda Avançada = . . . . .	50
Notas sobre as composições do Outeiro, por Sebastião Corro . . . . .	55
A Apparição . . . . .	58
Decreto de mercê feita ao auctor . . . . .	64
A Meditação . . . . .	65
Todos livres, etc. — Soneto . . . . .	68
Sobre a poesia latina e a alatinada . . . . .	69
Ad Rempublicam — Ode de Horacio . . . . .	72
Ao Estado — Paródia da p.ecedente . . . . .	73
Elegia ad musam quod latine scribere incipiam . . . . .	74
— In natalem meum . . . . .	75
Versos escriptos n'um album . . . . .	78
Ao usurpador — Soneto, precedido de um preambulo . . . . .	79
O Sacrificio a Camões — Poemeto, precedido de uma ad- vertencia . . . . .	80
Epitaphio gravado no túmulo de um rico . . . . .	89
A Deserção Gloriosa — Cantata, com uma explicação prévia . . . . .	90
Defensa de um inconstante — Cançoneta, com uma advertencia . . . . .	101
Explicação da carta a João Jorge de Oliveira Lima . . . . .	105
Carta, em verso, ao mesmo . . . . .	108
Epigrammas a Philinto . . . . .	116
O seo a seo dono, prosa relativa aos epigrammas a Philinto . . . . .	117
Ao usurpador — Epistola, com uma advertencia prévia . . . . .	120
A um amigo no dia dos seus annos . . . . .	132
A Antão-Verissimo, e a môsca — Parábola . . . . .	138
Eu, tos no anniversario de S. M. F. em 1834, precedidos de um preambulo . . . . .	141

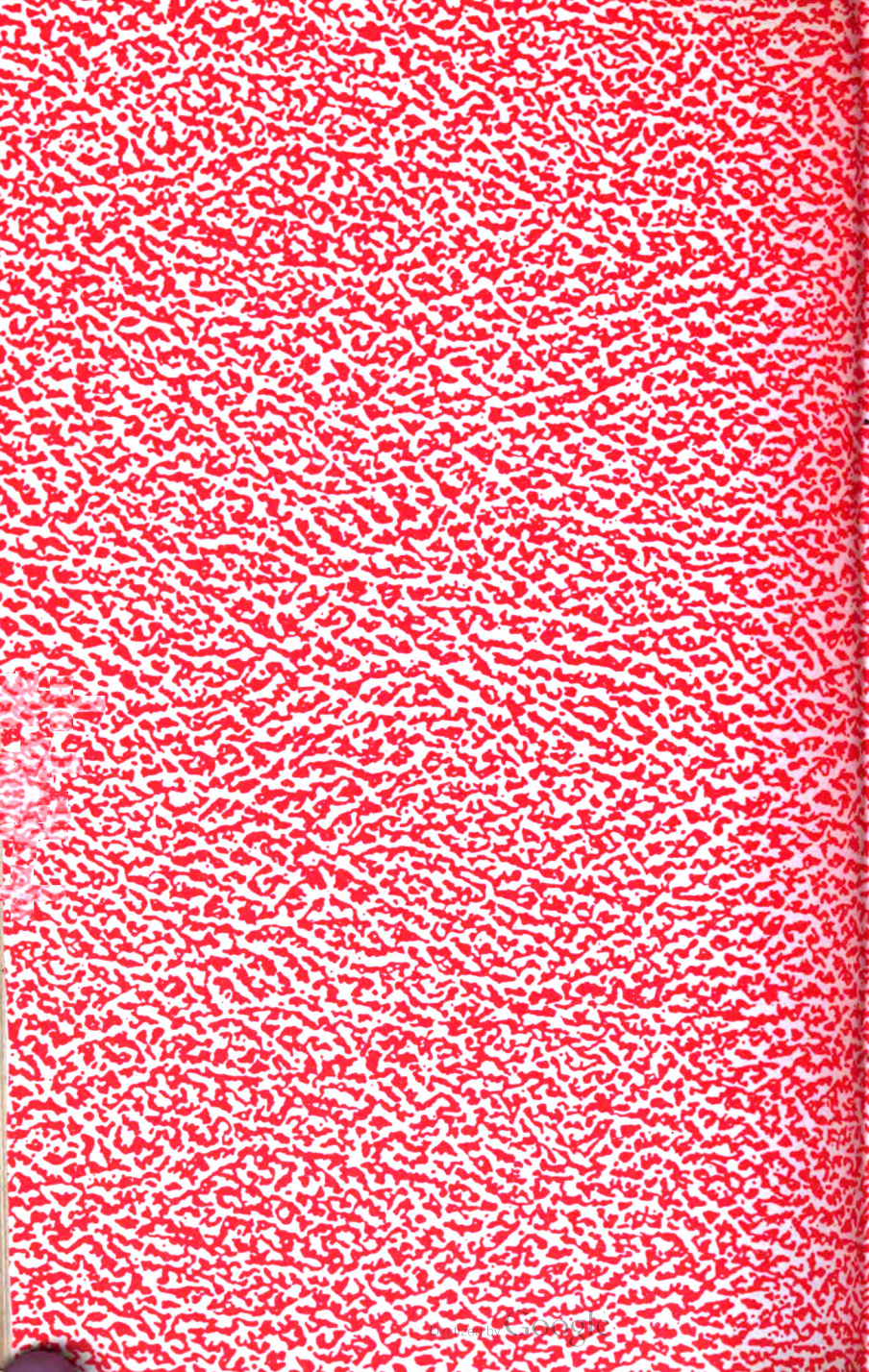
Os Sonhos . . . . .	149
Ao Povo, nas eleições de 1834 — Epistola, com uma advertencia . . . . .	150
Hymno cantado no theatro de S. Carlos em 1836 . . . . .	163
O Quadro Animado — Anacreontica . . . . .	164
A Tempestade — Idem . . . . .	168
O Clarim — Idem . . . . .	171
Prosa relativa ás anacreonticas . . . . .	172
A' morte da = Chronica Constitucional de Lisboa = Elegia . . . . .	173
Rendez-vous a uma Senhora . . . . .	180
As folhinhas antigas e modernas, com uma nota . . . . .	181
Epigrama a a um avarento . . . . .	183
A fonte fria do Bussaco — Ode . . . . .	184
Elogio de um poetaastro . . . . .	187
Impertinencia das mãos — Adivinhação moral . . . . .	188
Inscrição para um monumento juncto a Alcacer-do-Sal . . . . .	193
Hyems — Elegia latina . . . . .	194
A Mauricio José Sendim, havendo-me retratado em lithographia. — Epistola . . . . .	197
O amor e o tempo — Conto . . . . .	204
O anjo da harmonia — Cançoneta . . . . .	205
Epitaphios a Fr. Gaspar . . . . .	207
Prosa em satisfação dos epitaphios . . . . .	208
A Philippe Folque — Epistola epithalamica, precedida de uma advertencia . . . . .	209
A Ribeira e o Lago — Fábula . . . . .	217
As duas Primaveras . . . . .	224
Metamorphoses de todos os tempos . . . . .	229
Ao sr. Borges, excellent compositor de musica — Epistola acompanhando um exemplar do meo livro = Amor e Melancholia = . . . . .	230
Poesias francezas intermeadas de suas explicações em vulgar . . . . .	235
O Commercio de Cithera, explicação dada aos que só lêem pela rama . . . . .	246
O Commercio de Cithera — Cançoneta atravessada . . . . .	247
Poesia dinamarquesa . . . . .	250
Saudades da Patria — Poesia do dinamarquez Oelinschlaeger, achando-se em Italia . . . . .	251
O Cemiterio Campestre, com uma nota prévia . . . . .	253
O Campanario de Farum — Poemeto, traduzido do dinamarquez de Boye . . . . .	257
O Acalentar da Neta — Xácara . . . . .	264
Na festa de um baptizado . . . . .	275
Epigramma com uma nota . . . . .	276
A Francisco de Assis Rodrigues — Epistola, precedida de um preambulo . . . . .	277













UNIVERSITY OF MICHIGAN  
3 9015 06290 7400

